



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE FILOSOFIA DOM
AURELIANO MATOS - FAFIDAM
CURSO DE HISTÓRIA-CH/EAD

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA LICENCIATURA A DISTÂNCIA



VOLUME 1

2013

**PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LICENCIATURA A DISTÂNCIA**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ - UECE**REITOR**

Prof. José Jackson Sampaio Coelho

VICE-REITOR

Prof. Hidelbrando dos Santos Soares

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Profa. Marcília Chagas Barreto

DIRETOR DA FAFIDAM

Prof. Dr. João Rameres Regis

Coordenador Geral UAB/UECE

Francisco Fábio Castelo Branco

Coordenadora Adjunta UAB/UECE

Eloísa Maia Vidal

**COORDENADOR DO CURSO DE
HISTÓRIA DA FAFIDAM**

Prof. Ms. Gustavo Adolfo d'Almeida Lôbo

EQUIPE DE ELABORAÇÃO DO PROJETO

Prof. Ms. Francisco Antônio da Silva

Prof. Dr. João Rameres Regis

Profa. Ms. Mônica Emanuela Nunes Maia

SUMÁRIO

PARTE I – Educação a Distância: concepção e implementação na UECE

1.	Introdução	7
2.	Histórico da EAD no Brasil	9
3.	Educação a Distância na UECE: lições aprendidas	12
4.	A Universidade Aberta do Brasil e a participação da UECE: pressupostos	14
5.	A proposta para EAD na UECE: premissas e fundamentos	17
5.1.	Processos de interação em EAD na UAB/UECE	22
6.	Recursos educacionais	25
6.1.	Material impresso	28
6.2.	Videoaulas	28
6.3.	Ambiente virtual de aprendizagem	29
6.4.	Videoconferências	31
6.5.	Quadro Branco	32
6.6.	Encontros presenciais ministrados por professores formadores	33
7.	Sistemática de Avaliação	35
7.1.	Avaliação de aprendizagem: avaliação contínua e abrangente	36
7.2.	Uma proposta de avaliação institucional	40
7.2.1.	Objetivos da avaliação institucional	43
7.2.2.	Natureza da avaliação e suas metodologias	44
8.	Recursos Humanos para o Projeto EAD na UECE	48
8.1.	Equipe multidisciplinar	48
8.2.	Serviços de coordenação e gestão pedagógica e administrativa dos cursos	56
8.3.	Plano anual de capacitação continuada	59
9.	Acompanhamento e atualização do Projeto Pedagógico	62

PARTE II – Curso de Graduação em História Licenciatura a Distância

1	Caracterização do curso	64
1.1	Apresentação	64
1.2	Justificativa	64
1.3	O curso	65
1.3.1	Histórico	66
1.3.2	Formas de Ingresso	68
1.3.3	Carga Horária do Curso e Integralização	68
1.3.4	Flexibilização de Carga Horária	68
1.3.5	Condições de Certificação	69
2	Estrutura do curso	70
2.1	Perfil do profissional a ser formado	70
2.1.1	Princípios Norteadores	70

2.1.2	Habilidades e Competências	70
2.1.3	Campo de Atuação do Profissional	71
2.2	Objetivos do curso	72
2.2.1	Objetivo Geral	72
2.2.2	Objetivos Específicos	72
3	Estrutura curricular	73
3.1	Fluxo do curso	74
3.1.1	Lógica da Organização Curricular	75
3.1.2	Componentes Curriculares	76
3.1.2.1	Disciplinas de Conteúdo Curricular de Natureza Científico Cultural	76
3.1.2.2	Disciplinas de Conteúdo Curricular de Natureza Científico Cultural e Prática como Componente Curricular	76
3.1.2.3	Disciplinas que integram o Estágio Curricular Supervisionado	77
3.2	Trabalho de conclusão do curso – TCC	78
3.3	Atividades acadêmico-científico-culturais	79
3.4	Plano de estágio	80
3.4.1	As Diretrizes Curriculares Nacionais de História (Parecer CNE/CES 492/2001 e Resolução CNE/CES 13/2002) e o Estágio Curricular Supervisionado (Lei nº 11.788/2008)	80
3.4.2	Dimensões e Objetivos do Estágio Curricular Supervisionado	81
3.4.3	Diretrizes das Disciplinas Integrantes do Estágio Curricular Supervisionado (Lei 11.788/2008)	82
3.4.4	Organização e Supervisão do Estágio	83
3.5	Ementário	84
3.5.1	Disciplinas Obrigatórias	84
3.5.1.1	Teoria e Metodologia da História	84
3.5.1.2	História do Brasil	89
3.5.1.3	História Geral	98
3.5.1.4	Disciplinas Pedagógicas	106
3.5.1.5	História e Ensino	109
3.5.1.6	Estágio Supervisionado Curricular	115
3.5.1.7	Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – Memorial de Formação Docente	120
3.5.2	Disciplinas Optativas	122
3.6.	Quadro de Disciplinas	125
4	Corpo funcional	129
4.1	Corpo Docente	129
4.1.1	Coordenador do Curso	129
4.1.2	Secretária	129
4.2	Linhas de pesquisa	130
4.3	Produção científica	130
4.3.1	Produção Docente	130

4.3.2	Produção Discente	151
4.4	Proposta de monitoria e iniciação científica	155
4.4.1	Monitoria	155
4.4.2	Iniciação Científica	156
4.4.3	Programa de Educação Tutorial – PET DE HISTÓRIA	156
4.4.4	Projetos de Extensão	156
5	Estrutura física e equipamentos	158
5.1	Biblioteca	158
5.2	Laboratórios de ensino e pesquisa	158
5.3	Recursos de apoio didático	158
5.4	Infraestrutura	159
5.5	Estratégias de melhorias da qualidade do curso	160
6	Documentos consultados	161
	Anexos	167

Resolução CNE/CES 13, de 13 de março de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os Cursos de História

Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes

Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

RESOLUÇÃO Nº 3241 / CEPE, de 05 de outubro de 2009. Estabelece critérios e normas para institucionalização das Atividades Complementares como componente curricular dos Cursos de Graduação.

Portaria nº 59/2011-FAFIDAM. Deliberar sobre novos tipos de atividades complementares como componente curricular dos Cursos de Graduação da FAFIDAM

Resolução nº 3241 /CEPE, de 05 de outubro de 2009. Natureza e tipos das 169 atividades complementares

Parte 1 – Educação a distância: concepção e implementação na Universidade Estadual do Ceará

1. Introdução

O Ministério de Educação/MEC, com a finalidade de atender à demanda de formação de professores para a rede pública de ensino, criou, em 2005, a Universidade Aberta do Brasil (UAB) com o objetivo de promover articulação e integração experimental de um sistema nacional de educação superior. Esse sistema, constituído por Instituições públicas de ensino superior, pretende levar ensino público de qualidade nos níveis de graduação e de pós-graduação aos municípios brasileiros que ainda não têm oferta de cursos superiores ou cuja oferta não é suficiente para atender a todos os cidadãos.

A Universidade Estadual do Ceará/UECE oferece sete cursos de graduação à distância em parceria com a UAB, conforme quadro a seguir:

Curso/Centro	Municípios
Licenciatura em Ciências Biológicas/CCS	Aracoiaba
	Beberibe
	Itapipoca
	Maranguape
Licenciatura em Física/CCT	Maranguape
	Tauá
Licenciatura em Química/CCT	Mauriti
	Orós
Licenciatura em Matemática/CCT	Mauriti
	Piquet Carneiro
Licenciatura em Artes/CH	Orós
Licenciatura em Informática/CCT	Brejo Santo
	Mauriti
	Missão Velha
Licenciatura em Pedagogia/CED	Beberibe
	Brejo Santo
	Campos Sales
	Jaguaribe
	Maranguape
	Mauriti
	Missão Velha
	Quixeramobim

Legenda: CCS-Centro de Ciências da Saúde; CCT: Centro de Ciência e Tecnologia; CH: Centro de Humanidades; CED: Centro de Educação

O presente Projeto Pedagógico está dividido em duas partes. A primeira dedicada a apresentar e descrever a proposta de educação a distância concebida pela UECE para os cursos de graduação e a segunda refere-se especificamente ao projeto pedagógico do Curso de Licenciatura em História.

2. Histórico da EAD no Brasil

A introdução da EAD no Brasil remonta ao início do século XX, com uso de material impresso, à semelhança do que estava acontecendo em outros países, como Estados Unidos, Inglaterra e França, que tinham vivido suas primeiras ofertas de cursos à distância, por correspondência, em fins do século XIX. Nas primeiras décadas do século XX, surgem no Brasil os primeiros cursos a distância oferecidos pelo Instituto Monitor, voltados para a formação no ramo da eletrônica e pelo Instituto Universal Brasileiro (IUB), dirigidos para a formação de nível fundamental e médio.

Com os avanços no campo da radiodifusão, as emergentes experiências em educação a distância passam a experimentar o uso do rádio como mecanismo de EAD e é desta época a criação da Fundação Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, doada para o Ministério da Educação e Saúde (MEC), a criação do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação e o início das escolas radiofônicas em Natal, que deram impulso à utilização desse veículo para fins educacionais.

Em 1960 se inicia uma ação sistematizada do Governo Federal em EAD, mediante estabelecimento de contrato entre o MEC e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que previa a expansão do sistema de escolas radiofônicas abrangendo os estados nordestinos e fazendo surgir o Movimento de Educação de Base (MEB), que incluía um sistema de ensino a distância não formal. Cinco anos depois, começavam a ser realizados os trabalhos da Comissão para Estudos e Planejamento da Radiodifusão Educativa, seguida da instalação de oito emissoras da televisão educativa pelo poder público: TV Universitária de Pernambuco, TV Educativa do Rio de Janeiro, TV Cultura de São Paulo, TV Educativa do Amazonas, TV Educativa do Maranhão, TV Universitária do Rio Grande do Norte, TV Educativa do Espírito Santo e TV Educativa do Rio Grande do Sul. Em 1970, nasceu o Projeto Minerva, através de decreto ministerial e da portaria Nº 208/70.

A primeira e mais longa geração da EAD no Brasil, assim como em todo o mundo, privilegiou o uso de material textual impresso e foi sucedida por gerações que acrescentaram uso de elementos audiovisuais (televisão, vídeo), rádio e telefone, incluindo depois as telecomunicações e uso da informática sem ligação à rede até chegar à geração na qual há a criação de ambientes virtuais de aprendizagem com processos de ensino-aprendizagem multimidiáticos e multilaterais. Só na década de 1990 é que surgiram as primeiras ferramentas de apoio à aprendizagem virtual no Brasil, com o suporte da tecnologia digital, permitindo a maior interação entre agentes de forma não presencial, desenvolvendo a EAD on-line.

O processo de normalização da EAD no Brasil ocorreu a partir da publicação da LDB de 1996 (Nº 9.394/96), com o artigo 80 quando menciona que “O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a vinculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. Tal reconhecimento, apesar das críticas declaradas pelo uso do termo “ensino à distância” e não “educação a distância” por autores como Demo (1998)¹, representou um avanço significativo para as iniciativas que já estavam em andamento nesse sentido e estimularam a adoção mais frequente dessa modalidade.

Após legitimado e regulamentado pelo Decreto Nº 2.494/98, em Art. 1º, a “educação a distância” passa a ter uma definição oficial:

A Educação a distância é uma forma de ensino que possibilita a auto-aprendizagem, com a mediação de recursos didáticos sistematicamente organizados, apresentados em diferentes suportes de informação, utilizados isoladamente ou combinados, e veiculados pelos diversos meios de comunicação.

O Decreto nº 2.561/98 e a Portaria Ministerial nº 301/98 alteram os artigos 11 e 12 do Decreto nº 2.494/98 e normalizam os procedimentos de credenciamento das instituições interessadas em oferecer cursos a distância em níveis de graduação e educação profissional tecnológica.

Com as definições apresentadas na LDB, o Governo federal procurou criar condições para que a viabilização concreta de atividades envolvendo EAD ocorressem, capacitando pessoal para o desenvolvimento de materiais instrucionais, estimulando a prática mais intensiva dessa modalidade de ensino como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais.

De 1994 a 2009 a história da EAD no Brasil registra avanços significativos e de forma acelerada, chegando a compensar o lento ritmo com que caminhou na segunda metade do século XX em relação a outros países que criaram seus sistemas de EAD. Importante destacar que nesses 15 anos o país conseguiu estabelecer a base legal que orienta esta modalidade de ensino, criou mecanismos para a certificação de instituições que trabalham com educação a distância, analisou propostas e emitiu autorização de cursos, estimulou o desenvolvimento de pesquisas que vieram a produzir modelos pedagógicos.

Foi com a publicação da LDB de 1996, que a EAD no Brasil iniciou um processo de crescimento acelerado. Embora não seja possível ignorar as experiências desenvolvidas e implementadas pelas Universidades públicas, é inegável que o setor privado tomou a dianteira na oferta desta modalidade de ensino, pelo menos nos primeiros dez anos.

¹ DEMO, P. Metodologia para quem quer aprender. Atlas, São Paulo, 2008.

A Universidade Aberta do Brasil (UAB) surge como uma iniciativa do MEC visando a inclusão social e educacional por meio da oferta de educação superior a distância. Ciente de que a ampliação de vagas nas Universidades federais enfrentava sérias limitações, o MEC viu na UAB a possibilidade de democratizar, expandir e interiorizar o ensino superior público e gratuito no País, com apoio da educação a distância e a incorporação de novas metodologias de ensino, especialmente o uso de tecnologias digitais.

Sua institucionalização ocorreu pelo Decreto Presidencial nº 5.800, de 08/06/2006 e buscou incentivar as Instituições públicas a participarem de programas de formação inicial e continuada de professores para Educação Básica que podiam ser ofertados na modalidade a distância, se colocando com uma alternativa imediata para um problema crônico: a carência de professores para atuarem na educação básica.

O programa UAB oferece cursos de graduação, sequencial, pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* prioritariamente orientados para a formação de professores e administração pública. O funcionamento desses cursos a distância a partir de uma metodologia de ensino com o apoio de novas tecnologias são implementados por Instituições de educação superior (Universidades ou Institutos federais) e que possuem como ponto de apoio presencial os pólos localizados em municípios estratégicos de cada Estado da Federação.

A UAB não constitui uma nova instituição para o MEC. Na verdade ela apresenta uma configuração de rede, envolvendo as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e as Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES), que no caso, representam as Universidades estaduais, incluídas a partir do segundo edital (2006/2007).

3. Educação a distância na UECE: lições aprendidas

O primeiro programa de EAD da UECE iniciou-se em 1996 com a oferta do Programa Especial de Formação Pedagógica, direcionado para bacharéis que já exerciam atividades de magistério, ou quisessem exercê-las, no ensino fundamental e médio, sendo amparado legalmente pela Resolução nº 2, de junho de 1997/MEC, que permitia a oferta desse tipo de curso com uso de EAD. Essa iniciativa foi se consolidando e fazendo com que a UECE constituísse um quadro de professores que, aos poucos adquiriu experiência e qualificação no uso das tecnologias da informação e comunicação na educação a distância.

Em 2002, uma nova oportunidade no uso da EAD surge para a UECE, com a oferta do Progestão, Programa de Formação Continuada de Gestores de Escolas Públicas, que agregou simultaneamente, um curso de extensão e outro de especialização como modalidades distintas, oferecidas para públicos com perfis de formação diversos. A experiência foi desenvolvida por meio de convênio interinstitucional entre a Secretaria da Educação Básica do Estado-SEDUC, a UECE e a Universidade do Estado de Santa Catarina, esta última responsável pelo projeto no âmbito nacional.

O Progestão se enquadrou numa logística de centralização da produção combinada com uma descentralização da aprendizagem, onde o processo de comunicação teve como meio principal a palavra escrita, estando associadas orientações por tutoria, computador, televisão, telefone, fax, auto-avaliações, avaliações finais, avaliação de desempenho cognitivo, trabalho de conclusão do curso, para aqueles matriculados na especialização.

O curso teve início em março de 2002, contando com 6.067 cursistas matriculados no programa de extensão e 4.842 alunos matriculados no curso de especialização. A formatação do curso no estado do Ceará incorporou, além do material impresso, dos vídeos e da Tutoria, a utilização de novas tecnologias como a construção de páginas eletrônicas dirigidas para o curso, correio eletrônico para comunicação entre cursistas e programas televisivos, em canal aberto, dirigidos para cada um dos módulos abordados.

A experiência da oferta de cursos a distância em um Núcleo vinculado a um Centro, no caso o NECAD do Centro de Educação-CED, começou a se mostrar institucionalmente complicado em decorrência de aspectos administrativos que terminavam por submeter um Centro a outro. Tais dificuldades fizeram com que a Reitoria propusesse a criação da Secretaria de Educação a distância (SEAD), implantada inicialmente na PROGRAD em 2005. A criação da SEAD foi regulamentada pelo Conselho Diretor através da Resolução Nº 355/CD, de 09 de maio de 2008.

A SEAD foi criada como órgão suplementar, vinculada estruturalmente à Reitoria da UECE e tem como objetivos:

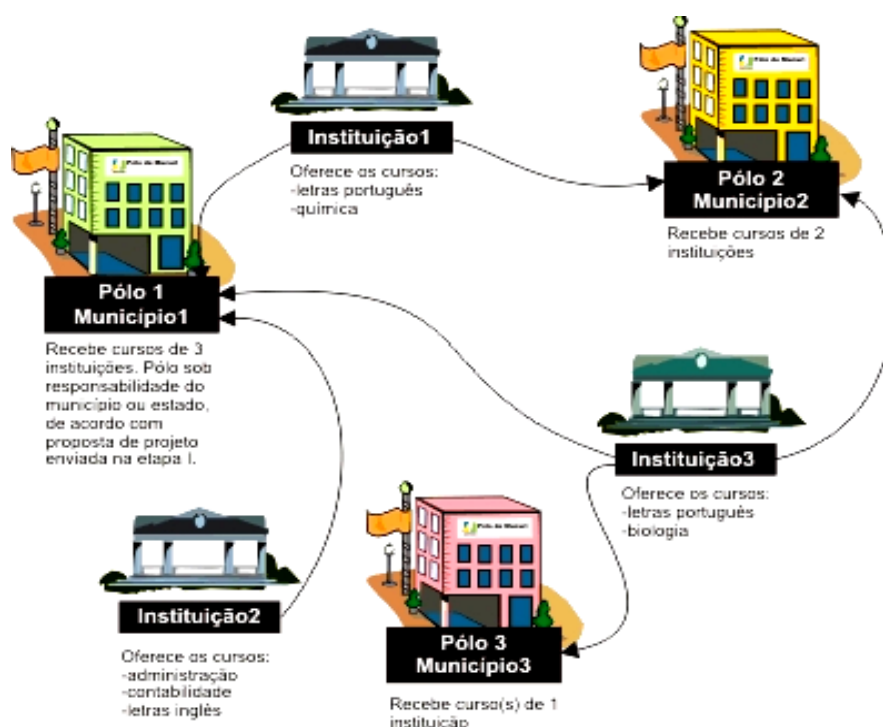
- Sistematizar e propor, em conjunto com Centros, Faculdades e Pró-reitorias, políticas, projetos e ações em educação a distância (EAD) a serem realizadas pela UECE.
- Coordenar os projetos e ações em EAD na UECE nas áreas de ensino, pesquisa e extensão.
- Construir uma identidade institucional interna e externa para a política e ações da UECE em EAD.
- Operar uma plataforma única de EAD para a UECE.
- Analisar e recomendar, quando for o caso, a aprovação pelo Reitor, dos orçamentos de execução de cursos, de propostas de convênios, contratos e oferta de cursos na modalidade em EAD, reservando-se parte dos recursos para manutenção da SEAD.

A partir da criação da SEAD, as ações de EAD da UECE passaram a confluir para este setor. É nessa nova configuração institucional da EAD na UECE que se implantam os cursos aprovados no Edital de Seleção UAB Nº 01/2006-SEED/MEC/2006/2007.

4. A Universidade Aberta do Brasil e a participação da UECE: pressupostos

A Universidade Aberta do Brasil é formada por uma “rede nacional experimental voltada para pesquisa e para a educação superior (compreendendo formação inicial e continuada) que será formada pelo conjunto de instituições públicas de ensino superior, em articulação e integração com o conjunto de Polos municipais de apoio presencial”².

A figura 1 mostra como se estrutura o sistema UAB.



Ainda no ano 2005 foi lançado o primeiro Edital para oferta de cursos de graduação na modalidade a distância. Entre as instituições que concorreram ao referido Edital, a UECE integrou consórcio junto com a Universidade de Brasília para oferta do curso de Licenciatura em Letras. Ampliando o raio de ação na oferta de educação superior na modalidade EAD, a UECE também participa do consórcio interinstitucional para oferta do curso de graduação em Administração, com apoio do Banco do Brasil.

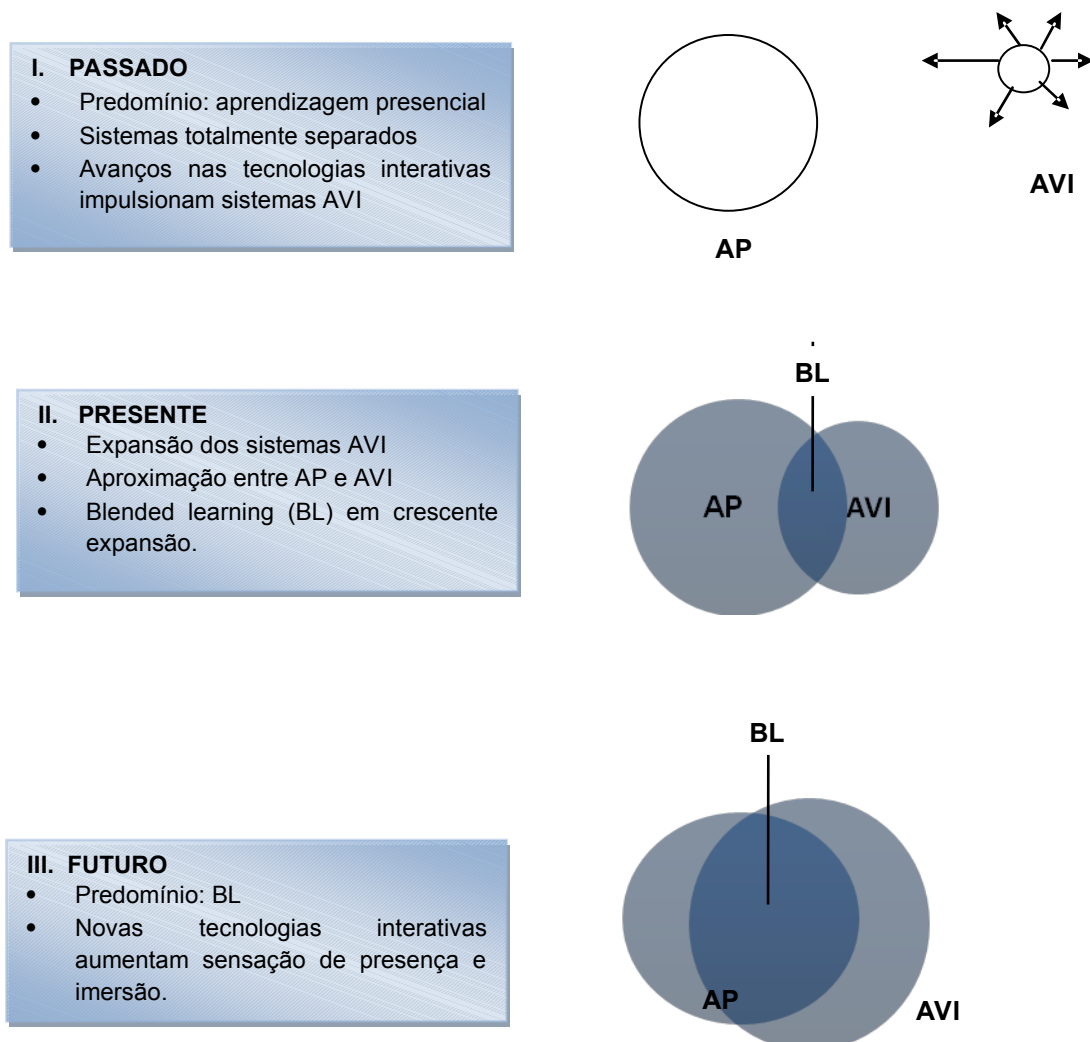
No ano de 2006, o MEC lança o Edital de Seleção UAB Nº 01/2006-SEED/MEC/2006/2007, para oferta de cursos de Graduação, Licenciatura. Neste Edital, a UECE apresentou a proposta de oferta de sete cursos – Física, Química, Ciências Biológicas, Matemática,

² In <http://portal.mec.gov.br/seed>

Pedagogia, Informática e Artes Plásticas – que aprovadas, tiveram suas atividades iniciadas em 2009.

A proposta da UAB/UECE para a oferta de cursos de graduação na modalidade de educação a distância, busca incorporar o uso das novas tecnologias e o crescente grau de interatividade que tem permitido alterar as relações de tempo de espaço, caminhando para uma convergência entre o real e o virtual. Isso nos leva a redefinir os limites entre o que seja educação presencial e educação a distância e a criação de um modelo de oferta que, na literatura internacional, se denomina *blended learning* que se pode traduzir como cursos híbridos.

A figura 2, adaptada de Graham (2005)³ mostra a evolução dos sistemas de aprendizagem virtual interativa (AVI) e a convergência com a aprendizagem presencial (AP), gerando o *blended learning* (BL).



³ GRAHAM, C. R. "Blended learning systems: definition, current trends, and future directions". In: BONK, C.J.; GRAHAM, C. R.; CROSS, J.; MOORE, M.G. (eds.) **The handbook of blended learning: global perspectives, local designs**. São Francisco: Pfeiffer Publishing, 2005

Assim, adotando a definição de Graham (2005⁴), podemos afirmar que a *blended learning* consiste na combinação de aprendizagem presencial com aprendizagem virtual interativa. Nessa perspectiva, se na modalidade presencial pode-se fazer uso de diversas linguagens, na educação a distância todas podem ser utilizadas simultaneamente, conferindo-se ao processo um potencial maior de comunicação e integração espaço/tempo. Este modelo apresenta como vantagem o fato de que nas atividades remotas, ou com apoio de recursos virtuais, é possível atender a diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e aumentar a produtividade do professor e do aluno.

Hoje, um aluno a quilômetros de distância pode interagir face a face com seu professor, enquanto outro, assistindo a uma aula presencial, pode passar todo o tempo sem nenhuma interação. A relativização dos termos presencial, a distância, real e virtual se colocam num novo paradigma comunicacional, que na visão de Levy⁵ representa uma mudança de mentalidade e a construção de um novo mundo.

Um dos desafios para os cursos de EAD é atingir um equilíbrio adequado entre estudo independente e atividades interativas. A interação não é sinônimo apenas de interação professor/aluno, mas há que se considerar diversos tipos de interatividade e diversas tecnologias que podem ser utilizadas, respeitando as características próprias de cada mídia e o planejamento da interação concebido para o curso em EAD.

No caso dos cursos oferecidos na UAB/UECE, a opção institucional foi pela adoção da modalidade a distância conforme preconiza a proposta da UAB, com a inclusão de recursos tecnológicos que permita graus diferenciados de interatividade, situando na proposta de Graham no cenário II.

⁴GRAHAM C.R apud TORI, Romero. Cursos híbridos ou blended learning. In LITTO, F. M. e FORMIGA, M. **Educação a distância: o estado da arte..** São Paulo: PEARSON Prentice Hall e ABED. 2009.

⁵ LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro. Editora 34. 1999.

5. A proposta para EAD na UECE: premissas e fundamentos

A concepção que orienta os cursos de graduação oferecidos na modalidade de educação a distância na UECE adota o modelo andragógico de aprendizagem, que se refere a uma educação centrada no aprendiz, para pessoas de todas as idades.

Segundo Knowles(1970)⁶, o modelo andragógico está fundamentado em quatro premissas básicas para os aprendizes, todas ligadas à capacidade, necessidade e desejo de eles mesmos assumirem a responsabilidade pela aprendizagem, que são:

1. O posicionamento muda da dependência para a independência ou autodirecionamento.
2. As pessoas acumulam um reservatório de experiências que pode ser usado como base sobre a qual será construída a aprendizagem.
3. Sua prontidão para aprender torna-se cada vez mais associada com as tarefas de desenvolvimento de papéis sociais.
4. Suas perspectivas de tempo e de currículo mudam do adiamento para o imediatismo da aplicação do que é aprendido e de uma aprendizagem centrada em assuntos para outra, focada no desempenho. (DEAQUINO, 2207, p. 11-12)⁷

Para Furter (1974)⁸ a andragogia se coloca como a filosofia, ciência e técnica da educação de adultos, que se preocupa com a formação do homem ao longo da vida, “integrando à aprendizagem as possibilidades de autodidatismo ao considerar que as pessoas têm potencial de aprender continuamente, o tempo todo e em qualquer lugar, sem que existam intervenções explícitas com intenção de ensinar” (ALMEIDA 2009, p. 106)⁹

Esse modelo de aprendizagem tem seus fundamentos na experiência educativa de Dewey, na construção do conhecimento de Piaget, na interação social de Vigotsky e na educação transformadora de Paulo Freire. Do primeiro, é importante considerar a concepção de que a educação não se restringe ao ensino do conhecimento como algo acabado – mas que o saber e habilidade que o estudante adquire podem ser integrados à sua vida como cidadão, pessoa, ser humano. Dewey defende que a experiência se constitui

⁶ KNOWLES, M. **The modern practice of adult education**: andragogy versus pedagogy. New York: Associated Press, 1970.

⁷ DEAQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender**: andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: PEARSON Prentice Hall, 2009.

⁸ FURTER, P. **Educação Permanente e desenvolvimento cultural**. Petrópolis: Vozes, 1974.

⁹ ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. As teorias principais da andragogia e heutagogia. In LITTO, F. M. e FORMIGA, M. **Educação a distância**: o estado da arte. São Paulo: PEARSON Prentice Hall e ABED, 2009.

o fundamento da realidade, levando o aprendiz a romper com a perspectiva tradicional de entendimento de experiência com um vínculo entre o ser vivo e seu ambiente, na dimensão física e social. A proposta de Dewey, que fundamenta a escola ativa, tem base na relação entre experiência e educação.

As contribuições de Piaget e Vygotsky estão presentes de forma bastante efetiva nas formulações e definições das estratégias de interação. Esses dois teóricos cognitivistas e interacionistas, deram contribuições relevantes no entendimento sobre os conceitos de aprendizagem e desenvolvimento humano. Ambos são considerados construtivistas em suas concepções de desenvolvimento intelectual, afirmando que a inteligência é construída a partir das relações recíprocas do homem com o meio.

Quanto ao desenvolvimento intelectual, percebe-se que esses dois autores tinham a preocupação de entender como se dava o desenvolvimento da inteligência. Mas enquanto Piaget se interessava pelo modo como o conhecimento é adquirido e primariamente formado, onde a teoria é um acontecimento da invenção ou construção que ocorre na mente do indivíduo, Vygotsky atentava como os fatores sociais e culturais, herdados em uma sociedade, eram trabalhados na mente do indivíduo de modo que influenciassem no desenvolvimento intelectual.

Piaget (1996)¹⁰ acreditava em uma construção individual, singular, diferente. Para ele o indivíduo adquire uma forma própria de se desenvolver no social, mediante a construção pessoal desse conhecimento e que ocorre uma organização interna das experiências com, posteriormente, adaptação ao meio. Para Vygotsky (1989)¹¹ o indivíduo constrói e internaliza o conhecimento que seres mais instruídos possuem, sendo uma teoria de transmissão direta do conhecimento da cultura para o indivíduo.

No âmbito educacional, também se encontra divergência entre esses dois autores. Piaget (1973) considera a construção individual do conhecimento, que é copiada de um referencial ou de um modelo. Diante de um desequilíbrio que pode ser mediado por fatores externos sociais, conhecimentos anteriores são reconstruídos. Desta forma, o papel do professor estaria em encorajar o aluno a achar soluções para suas indagações.

Por outro lado, para Vygotsky (2009), o professor tem a função de explicar o conhecimento para que seja possível a construção do conhecimento individual a partir daquilo que é oferecido. Assim, a função do professor estaria centrada em modelar o conhecimento, ser facilitador e transmissor da cultura.

Na obra *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) define a autonomia como algo que “vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Para ele,

¹⁰ PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento**. 2ª Ed. Vozes: Petrópolis, 1996.

¹¹ VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

(...) a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras de decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade (p. 107).

A experiência autônoma, fundada na liberdade, é algo que se constitui desde o exercício de pequenas decisões cotidianas tomadas com responsabilidade. A educação deve guiar-se pela importância do amadurecimento na realização das escolhas, das decisões com responsabilidade.

A andragogia tem como principal objetivo aumentar o conhecimento dos alunos, acrescentando conhecimentos que possam ser aproveitados de maneira prática. Assim, o ensino andragógico resulta na criação e especialização de conhecimentos, atitudes e habilidades que, ao serem praticadas, trazem novos resultados como reflexões, novos modos de compreensão e intervenção direta na vida do praticante e na das pessoas que com ele convivem.

Entre os objetivos do modelo andragógico, podemos destacar os seguintes aspectos relevantes:

1. **Desenvolver capacidades a curto prazo.** As novas tecnologias da informação e comunicação surgem de maneira rápida e inesperada e, não estar apto a lidar com elas, pode resultar em catástrofes, seja na vida pessoal ou profissional. Assim, torna-se imperativo que as pessoas procurem se adaptar ao meio em que vivem ou do contrário, pode ocorrer duas coisas: ela ficará para trás, estagnada, ou será excluída.
2. **Aumentar conhecimentos.** No mundo globalizado, informações surgem, alteram-se e são inovadas constantemente de forma rápida e gigantesca, e o conhecimento é a base para desenvolver qualquer habilidade ou atitude na prática. Logo, torna-se necessário construir essa base para buscar qualquer tipo de aperfeiçoamento.
3. **Melhorar atitudes e comportamentos.** Esse aspecto tem como objetivo atingir a forma ideal de trabalho, aperfeiçoando-o ao máximo para gerar resultados cada vez melhores, livrando-se de vícios comportamentais, criando a consciência da necessidade de mudança, buscando alterar pontos que geram incômodo e desconforto no aprendiz e fortalecendo pontos positivos.
4. **Modificar hábitos.** Estagnação e comodismo são características nocivas; resistir em mudar hábitos dos quais temos consciência de que nos prejudicam é pior ainda. A andragogia possibilita ao aluno identificar em si mesmo hábitos que são prejudiciais, e decidir se quer mudá-los ou excluí-los de seu cotidiano, sempre baseado em atitudes e experiências anteriores que reforçam sua observação e decisão.

5. **Desenvolver a auto-aprendizagem.** A aprendizagem é um processo para se adaptar ao mundo: quanto maior a capacidade de aprendizado mais fácil se torna a adaptação e, conseqüentemente, menor é o risco de ser eliminado no processo de seleção natural.

Como é o adulto quem define o que quer aprender ou não, o ensino se torna mais direcionado, as informações se tornam mais específicas e mais práticas. O aluno se torna o responsável por maior parte em seu próprio ensino e é incentivado a buscar, por conta própria, maiores informações da maneira que julgar convencional. Afinal, o adulto é um indivíduo responsável por sua pessoa e assume caráter autônomo na sociedade.

Linderman (1926)¹² identificou cinco pressupostos principais que são pontos-chave na aprendizagem do adulto. São eles:

- Adultos são motivados a aprender, à medida que percebem que as necessidades e interesses que buscam estão, e continuarão sendo satisfeitos. Por isto estes são os pontos mais apropriados para se dar início à organização das atividades de aprendizagem do adulto.
- A orientação de aprendizagem do adulto está centrada em sua vida; portanto, as unidades apropriadas para se organizar seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não as disciplinas. O aluno é quem deve determinar junto ao professor o que deve ser ensinado para que seus anseios sejam satisfeitos.
- A experiência é a mais rica fonte para o adulto aprender; por isso, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências externas, e do próprio cotidiano de cada aluno. Praticamente todo o conteúdo deve ser de utilidade prática e imediata, porém resultando em mudanças de atitudes e especialização de habilidades que geram resultados a longo prazo. “Nós aprendemos aquilo que fazemos e vivemos. A experiência é o livro-texto vivo do adulto aprendiz.”
- Adultos têm uma profunda necessidade de serem autodirigidos; por isto o papel do professor é engajar-se no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes seu conhecimento e depois avaliá-los.
- As diferenças individuais entre pessoas cresce com a idade; por isto a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, tempo, lugar e ritmo de aprendizagem.

¹² Eduard C. Linderman (USA) foi um dos maiores contribuidores para a pesquisa da educação de adultos através do seu trabalho “The Meaning of Adult Education” publicado em 1926 e conceituado até os dias atuais. Suas ideias eram fortemente influenciadas pela filosofia educacional de John Dewey. Ver mais informações no endereço (<http://br.search.yahoo.com/search;ylt=A0oG75n5SaZN.BqBbVGjIRh.?p=Dewey+andragogia&fr2=sb-top&fr=yfp-t-707&rd=r1>). Acesso em 14 de abril de 2011.

Estudos mostram que existem relações evidentes entre o modelo andragógico e o paradigma construtivista e a compreensão que ambos possuem sobre a aprendizagem humana. Para ambos, importa desenvolver uma formação integral, permanente, crítica e sobretudo, construída pelo próprio indivíduo que aprende e, às vezes, ensina, reintegrando em si o conhecimento, numa construção pessoal e única.

Neste sentido “a pertinência da oposição entre pedagogia e andragogia pode ser fortemente questionada a partir de uma concepção da formação que se confunde com um processo global, multiforme e complexo de socialização”, não correspondendo a realidades totalmente diferentes e muito menos opostas. (Canário, 1999)¹³.

Quadro 1 - Comparativo entre os modelos pedagógico tradicional e andragógico

	Modelo Pedagógico tradicional	Modelo Andragógico
Papel da Experiência	A experiência daquele que aprende é considerada de pouca utilidade. O que é importante, pelo contrário, é a experiência do professor.	Os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Em numerosas situações de formação, são os próprios adultos com a sua experiência que constituem o recurso mais rico para as suas próprias aprendizagens.
Vontade de aprender	A disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar, ou seja, a finalidade de obter êxito e progredir em termos escolares.	Os adultos estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para melhor afrontar problemas reais da sua vida pessoal e profissional.
Orientação da Aprendizagem	A aprendizagem é encarada como um processo de conhecimento sobre um determinado tema. Isto significa que dominante a lógica centrada nos conteúdos, e não nos problemas.	Nos adultos a aprendizagem é orientada para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida quotidiana (o que desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos)
Motivação	A motivação para a aprendizagem é fundamentalmente resultado de estímulos externos ao sujeito, como é o caso das classificações escolares e das apreciações do professor.	Os adultos são sensíveis a estímulos da natureza externa (notas, etc.), mas são os fatores de ordem interna que motivam o adulto para a aprendizagem (satisfação, autoestima, qualidade de vida, etc.)

Fonte: (Goecks, 2003).

¹³ CANARIO.R. **Educação de adultos: um campo e uma problemática**. Lisboa. Educa; 1999.

5.1. Processos de interação em EAD na UAB/UECE

No caso da educação a distância, as primeiras contribuições sobre processos de interação foram dadas por Moore (1989)¹⁴ que destaca as relações entre alunos, professores e conteúdo em EAD por meio de três tipos de interação: aluno/professor, aluno/aluno e aluno/conteúdo. Em 1994, Hillman, Willis e Gunawardena¹⁵ adicionam a interação aluno/interface, uma vez que as novas tecnologias estão adentrando o universo da EAD e as questões relacionadas à interface homem-máquina ganhavam espaço nas discussões sobre ensino e aprendizagem. Soo e Bonk¹⁶ (1998) acrescentam a interação do aluno com ele próprio ou interação interpessoal (BERGE, 1999)¹⁷, que enfatiza a importância do diálogo interno do aluno consigo mesmo quando da interação com o conteúdo.

Sutton (2001)¹⁸ introduz a ideia da interação vicária, que é um tipo de interação silenciosa em que o aluno observa as discussões e os debates presenciais ou virtuais sem dele participar ativamente, o que não quer dizer que não esteja envolvido com o conteúdo e se processando aprendizagem. Em 2003, Anderson amplia a perspectiva de Moore incluindo mais três tipos de interação: professor/professor¹⁹, professor/conteúdo e conteúdo/conteúdo.

Assim sendo, a interatividade pode ser implementada como um *continuum* em que os espectros do espaço e do tempo podem intensificar-se graças a pervasividade e ao baixo custo das tecnologias interativas.



Fonte: Laurel, 1991, adaptado.

No projeto UAB/UECE as estratégias de interação se dão a partir de alguns pressupostos apontados na literatura da área, e estão claramente definidas no que tange a

¹⁴ MOORE, M. apud MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In LITTO, F.M e FORMIGA, M. Educação a distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall e ABED, 2009

¹⁵ Idem

¹⁶ Idem

¹⁷ Idem

¹⁸ Idem

¹⁹ Idem

relação professores, alunos e conteúdos, considerando que esse triângulo didático pode se articular a partir de várias dimensões, quais sejam:

- **Alunos/Professor:** a interação aluno/professor se dá tanto presencial como a distância. Cada disciplina do curso prevê um conjunto de encontros presenciais que contam com a mediação de professores formadores. Esses docentes se deslocam aos Pólos de apoio presencial e lá realizam encontros com a turma de alunos, para esclarecer conceitos, dirimir dúvidas, aprofundar aspectos relevantes da disciplina, atender de forma personalizada demandas específicas de cada aluno. Os professores formadores também participam das interações on line síncronas e assíncronas estabelecidas no AVA Moodle, auxiliando os Tutores presenciais e a distância nos processos de mediação com os alunos. Incluindo as avaliações.
- **Aluno/Aluno:** com uso da interface disponibilizada no Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle, os alunos se comunicam usando o Fórum de Interação, e-mail e outras ferramentas. Neste tipo de interação é importante destacar os aspectos colaborativo e cooperativo que os alunos conseguem estabelecer, diminuindo a sensação de isolamento do estudo a distância. Segundo Mattar (2009)²⁰, “essa interação também desenvolve o senso crítico e a capacidade de trabalhar em equipe e, muitas vezes, cria a sensação de pertencer a uma comunidade”
- **Aluno/Conteúdo:** esta interação se dá através da disponibilização do livro texto básico produzido especificamente para a disciplina e colocado no AVA Moodle em formato pdf para acesso pelos alunos, bem como distribuído em modo impresso para os mesmos. Para apoiar o estudo individualizado dos conteúdos, os alunos ainda contam com interações realizadas pelo **Tutor a distância**, que se utiliza do Ambiente Virtual de Aprendizagem com recursos síncronos e assíncronos para responder aos alunos no que tange ao domínio cognitivo da disciplina e também o **Tutor presencial**, que se encontra no Polo municipal e que atende de forma presencial e permanente os alunos. A relação aluno/conteúdo pode também ser mediada pelos **Coordenadores** do Curso, de Tutoria e de Estágio de forma presencial ou a distância.
- **Aluno/Interface:** é um tipo de interação que ocorre entre o aluno e a tecnologia, uma vez que esta é a mediadora das possibilidades de interação deste com o conteúdo, o professor, os Tutores e outros alunos. Assim, é imprescindível que o design instrucional do curso leve em consideração estratégias que facilitem a aquisição das habilidades necessárias para participar adequadamente do curso, e para tanto, a atenção as interfaces homem-máquina na preparação e disponibilização das ferramentas de EAD é fundamental.

²⁰ MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem. In LITTO, F. M. e FORMIGA, M. **Educação a distância: o estado da arte..** São Paulo: PEARSON Prentice Hall e ABED. 2009

- **Interação Interpessoal:** inclui as reflexões do aluno sobre o conteúdo e o próprio processo de aprendizado. Esse tipo de interação parte do pressuposto de que o aluno adulto tem seu senso crítico desenvolvido, o que permite que ele examine de uma perspectiva fora do seu ponto de vista, a sua evolução e desenvolvimento ao longo do curso. Ele também deve ser capaz de pronunciar enunciados críticos sobre si mesmo, sem aceitar de forma automática, suas próprias opiniões ou opiniões alheias.

As metodologias adotadas nas disciplinas do curso oferecido na modalidade a distância apresentam graus de interatividade distintos, em que os espectros do espaço e do tempo podem intensificar-se graças a pervasividade e ao baixo custo das tecnologias interativas.

Desta forma, os processos de interações são realizados entre aluno/professor, aluno/aluno e aluno/conteúdo, aluno/interface e interação interpessoal. Nos cursos do sistema UAB/UECE, as interações se dão da seguinte forma:

- O **Professor Formador** trabalha diretamente com os alunos e **Tutores** auxiliando-os nas atividades de rotina, disponibilizando o *feedback* sobre o desenvolvimento do curso, buscando proporcionar a reflexão em equipe sobre os processos pedagógicos e administrativos, e com isso, viabilizar novas estratégias de ensino-aprendizagem.
- O **Tutor a distância** atua como elo de ligação entre os estudantes e o professor, e entre os estudantes e a instituição. Cumpre o papel de facilitador da aprendizagem, esclarecendo dúvidas, reforçando a aprendizagem, coletando informações sobre os estudantes e principalmente estimulando e motivando os alunos.
- O **Tutor presencial** atua como elo entre o estudante, os Professores, os Tutores a distância e a instituição. Cumpre o papel de apoiadores do processo de aprendizagem nos Pólos do curso e é responsável pela assistência presencial ao aluno.

6. Recursos Educacionais

A educação a distância apresenta características específicas, rompendo com a concepção da presencialidade no processo de ensino-aprendizagem. Para a EAD, o ato pedagógico não é mais centrado na figura do professor, e não parte mais do pressuposto de que a aprendizagem só acontece a partir de uma aula realizada com a presença deste e do aluno.

Sua concepção se fundamenta no fato de que o processo de ensino-aprendizagem pode ser visto como a busca de “uma aprendizagem autônoma, independente, em que o usuário se converte em sujeito de sua própria aprendizagem e centro de todo o sistema” (RIANO, 1997, p. 21).²¹ Isso naturalmente vai contribuir para formação de cidadãos ativos e críticos que procuram soluções e participam de maneira criativa nos processos sociais. Ou seja, a EAD, pelos próprios mecanismos pedagógicos adotados, favorece a formação de cidadãos mais engajados socialmente, conscientes de sua autonomia intelectual e capazes de se posicionar criticamente diante das mais diversas situações.

As ações de EAD são norteadas por alguns princípios, entre eles:

- Flexibilidade, permitindo mudanças durante o processo, não só para os professores, mas também, para os alunos.
- Contextualização, satisfazendo com rapidez demandas e necessidades educativas ditadas por situações socioeconômicas específicas de regiões ou localidades.
- Diversificação, gerando atividades e materiais que permitam diversas formas de aprendizagem.
- Abertura, permitindo que o aluno administre seu tempo e espaço de forma autônoma (LEITE, 1998, p. 38)²²

Para um bom desempenho e maior eficiência nas atividades de aprendizagem é importante adotar algumas rotinas e procedimentos como:

- Ler os livros-textos, refletindo acerca dos conceitos, ideias e exemplos apresentados pelos autores, procurando identificar os conceitos mais relevantes e as ideias chaves que o(s) autor(es) apresentam.
- Registrar todas as dúvidas. Algumas dessas dúvidas podem ser esclarecidas no decorrer da leitura do texto, mas outras persistem e precisam de orientações externas para seu esclarecimento. O serviço de Tutoria presencial e a distância está a disposição

²¹ RIANO, M. B. R. La evaluación em Educación a distância In **Revista Brasileira de Educação a distância**. Rio de Janeiro. Instituto de Pesquisas Avançadas. Ano IV, N° 20 1997. p. 19-35.

²² LEITE, L. S., VIEIRA, M. L. S e SAMPAIO, M. N. Atividades não presenciais: preparando o aluno para a autonomia In **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, ABT. Ano XXVI. N° 141. Abr/Mai/Jun/1997. p. 36-40.

para ajudar no que for necessário e o aluno não se sentir desamparado no processo de construção do conhecimento. No Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) que o aluno tem acesso mediante *login* e senha, existem materiais de apoio como textos complementares, biblioteca, links e outros recursos que podem ajudar a dirimir dúvidas.

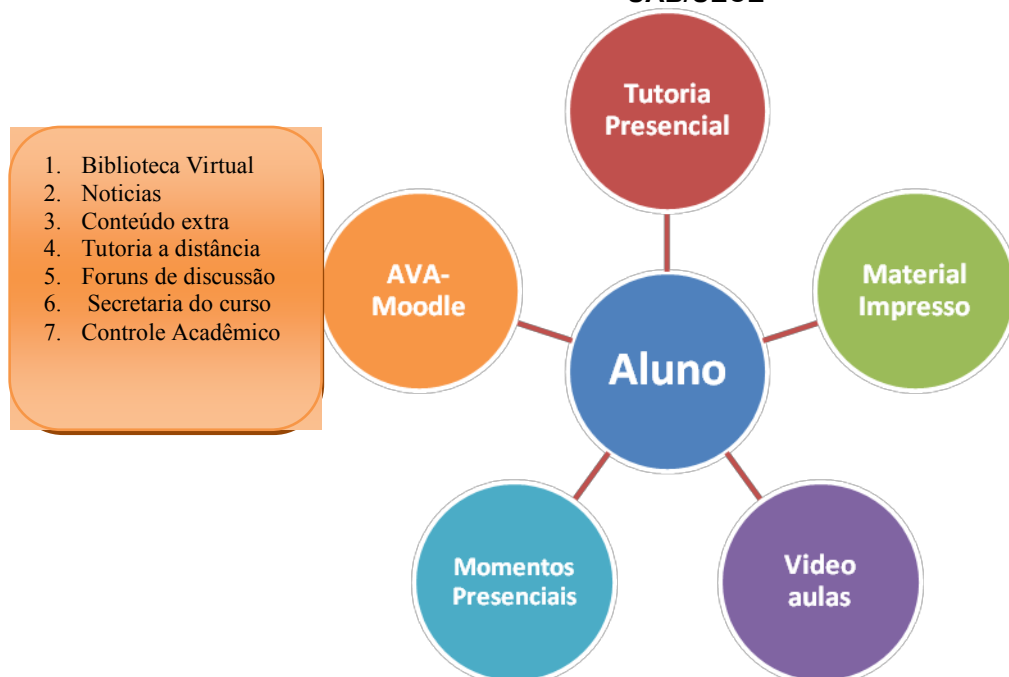
- Responder a todas as atividades que se encontram em cada seção ou tópico do livro-texto. Elas foram elaboradas para fixar melhor os conteúdos. Um dos fundamentos que orientam a produção de material didático em EAD é possibilitar uma maior interação do aluno com o texto. Para isso, ele é permeado por questionamentos e indagações que procuram construir um diálogo entre o leitor e o autor, levando o primeiro a estabelecer uma linha de raciocínio que vai sendo reforçada a cada reflexão levantada. A idéia é que o aluno vá conversando com o texto, concordando, discordando, pesquisando, argumentando e fortalecendo seu processo de construção do conhecimento.
- Formar grupo de estudos e discutir os conteúdos das disciplinas. A interação com outros colegas permite reflexões, troca de experiências e, conseqüentemente, facilita a aprendizagem.
- Visitar rotineiramente o AVA, pois lá encontrará as mais diversas informações e se manterá atualizado(a) sobre todas as atividades. Um dos pilares que assegura a permanência do aluno num curso de EAD é a frequência com que ele visita os ambientes virtuais que são disponibilizados. Ele não só encontrará informações atualizadas sobre o curso, mas se sentirá integrado à rede de profissionais que são responsáveis que execução do curso. Com a internet e as ferramentas criadas pelas novas tecnologias da informação e comunicação, o aluno poderá estabelecer contato por e-mail ou por redes sociais com outros colegas e interessados no tema, e sentir parte de uma verdadeira comunidade de aprendizagem.
- Verificar sempre a caixa de entrada de *e-mail*, pois será um importante canal de comunicação.

A figura a seguir apresenta a configuração do curso oferecido na modalidade EAD no que diz respeito à disponibilização de recursos pedagógicos síncronos e assíncronos.

A utilização de mídias variadas parte do pressuposto de que o aluno aproveita da melhor forma os recursos aos quais ele estiver mais familiarizado ou tenha mais interesse.

Ademais, fomentar a convergência e o diálogo entre as mídias no processo de aquisição de ensino-aprendizagem amplia as possibilidades de estímulo pedagógico e reforça a aquisição do conhecimento.

Figura 1: Estrutura disponibilizada para alunos nos cursos oferecidos na modalidade EAD na UAB/UECE



Os cursos de educação a distância vinculados ao sistema UAB tem seu formato apoiado na estruturação dos materiais didáticos utilizados por todos os envolvidos no processo educacional. Esses materiais se transformam em importantes canais de comunicação entre estudantes, professores, tutores, a partir das diretrizes e princípios da proposta pedagógica do curso. Por isso, a necessidade de serem dimensionados, respeitando as especificidades inerentes à realidade de acesso do público-alvo a esta modalidade de educação.

No modelo andragógico definido, a aprendizagem é responsabilidade compartilhada entre professor e aluno, criando um alinhamento com a maioria dos alunos, que buscam independência e responsabilidade por aquilo que julgam ser importante aprender. Por tudo isso, a competência profissional de uma equipe básica para desenvolver materiais para EAD exige a inclusão e o trabalho conjunto e integrado do professor, dos especialistas em EAD e do criador/produtor dos materiais, ou seja, de uma equipe multidisciplinar.

Os fundamentos filosóficos, epistemológico e axiológico que orientam a produção dos materiais didáticos visam uma ampla integração da teoria e prática permitindo o desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares, levando-se em conta os conceitos de autonomia, investigação, trabalho cooperativo, estrutura dialógica, interatividade e capacidade crítica dos educadores e educandos.

No contexto dos cursos de graduação da UAB/UECE são disponibilizados os seguintes recursos didáticos:

- Materiais impressos.
- Videoaulas.

- Ambiente Virtual de Aprendizagem.
- Videoconferências.
- Quadro branco eletrônico
- Encontros presenciais ministrados por Professores formadores.

A seguir detalharemos cada um desses recursos.

6.1. Material Impresso

A proposta de estruturação do material impresso tem como objetivo superar a convencional tradição expositivo-descritiva e levar tanto o estudante quanto o professor a construir juntos, o conhecimento. Esta abordagem significa ir além do domínio de técnicas, afinal, o professor é um profissional de quem se exige muito mais que apenas seguir receitas, guias e diretrizes, normas e formas como moldura para sua ação.

É importante que os materiais didáticos estejam integrados. Os autores de livros devem relacionar o conteúdo impresso com o ambiente *online* e com a temática das videoconferências. Esta indicação motiva o estudante a utilizar todos os recursos disponíveis no curso.

Num projeto que se caracteriza como formativo e comprometido com o processo de ensino/aprendizagem, como é o caso dos cursos da UAB/UECE, o meio impresso assume a função de base do sistema de multimeios. Não porque seja “o mais importante” ou porque os demais sejam prescindíveis, mas porque ele é o único elemento de comunicação fisicamente palpável e permanente, no sentido de pertencer ao seu usuário, mantendo-se à sua disposição onde, quando e quanto ele quiser.

O material impresso é um dos mais relevantes interlocutores nesse processo. Pela natureza de sua linguagem, o impresso não “invade” o sujeito. Bem ao contrário, é o sujeito que deve “invadi-lo”, explorá-lo, desvendá-lo – a seu modo, segundo seu ritmo, de acordo com seus interesses e necessidades. Somente deste modo haverá uma apropriação consciente da programação, respeitadas as personalidades e diferenças individuais de cada sujeito.

6.2. Vídeoaulas

Para diversos autores, inclusive Ferres (1996)²³ o uso do vídeo como recurso pedagógico se justifica a medida que quanto mais sentidos mobilizamos durante uma exposição, melhor é a porcentagem de retenção mnemônica, como mostram os quadros 2 e 3.

²³ FERRÉS, Joan. **Vídeo e Educação**. 2ª. Edição. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Quadro 2 – Capacidade de memorização**Percentagem dos dados memorizados pelos estudantes**

10% do que lêem
20% do que escutam
30% do que vêem
50% do que veem e escutam
79% do que dizem e discutem
90% do que dizem e depois realizam

Quadro 3 – Métodos de ensino x memória x tempo

Métodos de ensino	Dados mantidos após 3 horas	Dados mantidos após 3 dias
Somente oral	70%	10%
Somente visual	72%	20%
Oral e visual juntos	85%	65%

O uso dos recursos audiovisuais, especialmente o vídeo (DVD) amplia a capacidade de aprendizagem dos estudantes bem como atua no sentido da manutenção dessas informações na memória, por mais tempo. O vídeo (DVD) apresenta múltiplas possibilidades pedagógicas e usos diversificados, no entanto, no caso dos cursos da UAB/UECE as modalidades mais usadas são:

- **Videolição:** é a exposição sistematizada de alguns conteúdos. É o equivalente a aula expositiva, em que o professor é substituído pelo programa de vídeo.
- **Programa motivador:** audiovisual feito para suscitar um trabalho posterior ao objetivado. Nesse caso, trabalha-se com um programa de vídeo acabado e realiza-se uma atividade pedagógica a partir de sua visão. Segundo Ferres (1996), o programa motivador baseia-se na pedagogia do depois, diferentemente do videolição, que se fundamenta na pedagogia do enquanto. Ou seja, o vídeo motivador procura suscitar uma resposta ativa, estimulando a participação dos alunos que já o viram; já no videolição, a aprendizagem se realiza basicamente enquanto o programa é exibido.

6.3. Ambiente Virtual de Aprendizagem

Ambientes de EAD, denominados por Fischer (2000)²⁴ como Sistemas de Gerenciamento para a EAD, são ferramentas que possibilitam a criação, administração e manutenção de cursos a distância, ofertando diversos recursos de interação que visam proporcionar o fácil estabelecimento de comunicação, síncrona ou assíncrona, entre os

²⁴ FISCHER (2000) apud BRITO, Mário Sérgio da Silva Brito. Tecnologias para a EAD- Via Internet. In **Educação e Tecnologia: Trilhando Caminhos**. s/d.

envolvidos no processo de ensino, bem como sua relação com o conteúdo didático disponível.

Apesar de não ser fator preponderante para o sucesso de cursos a distância (Sherry, 1996)²⁵, o oferecimento de bons e diversos recursos de interação permite ao professor maior flexibilidade para definir a metodologia que será utilizada para o desenvolvimento do curso.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) adotado nos cursos da UAB/UECE é o Moodle. Trata-se de um sistema de gerenciamento de cursos on line de código aberto, cujo desenho está baseado na adoção de uma pedagogia socioconstrucionista, que busca promover colaboração, atividades individuais e compartilhadas, reflexão crítica, autonomia, entre outros aspectos. Ele oferece um ambiente seguro e flexível, permitindo-se adaptá-lo às necessidades de qualquer curso a distância ou daqueles que, mesmo sendo presenciais, desejem utilizar um AVA como recurso adicional.

O Moodle disponibiliza variados recursos que serão empregados no processo de educação a distância, tais como: *download* e *upload* de materiais diversos (texto, imagem, som), chats, fóruns, diários, tarefas, oficina de construção colaborativa (*wikis*), pesquisas de opinião e avaliação, questionários (permitem se criar exames *on-line*) etc. Além disso, possibilita a inclusão de novas funcionalidades disponíveis na forma de *plugins*, como por exemplo, sistema de e-mail interno.

Outros recursos do AVA facilitarão a administração do curso, como o envio de mensagens instantâneas entre alunos ou destes para seus tutores ou vice-versa; fóruns de tutores, em que coordenadores, professores e tutores podem discutir assuntos de interesse do curso; cálculo automatizado de notas a partir do desempenho do aluno nas distintas atividades programadas; visualização da nota pelo aluno; distribuição dos alunos em grupos/turmas; envio de mensagens para todos os alunos ou para grupos previamente definidos de alunos etc.

A plataforma possui algumas características importantes como:

- **Enfoque sistêmico**, que consiste na definição de qualquer número de níveis ou instâncias, na flexibilidade de navegação entre os níveis, e no uso dos recursos em qualquer nível (que constitui uma peculiaridade única entre as plataformas conhecidas do mercado); destaque para o quadro de navegação e disponibilização dos recursos numa única tela; conceitualmente, as instâncias definem as estruturas formais de instituições; e as comunidades virtuais, as estruturas informais, como grupos temáticos, ligados a qualquer nível das estruturas formais; esta também constitui uma peculiaridade única da plataforma.

²⁵ SHERRY (1996) apud BRITO, Mário Sérgio da Silva Brito. Tecnologias para a EAD- Via Internet. In **Educação e Tecnologia: Trilhando Caminhos**. s/d.

- **Simplicidade de uso** para os Professores e alunos (tão fácil que os alunos e Professores não necessitam de aulas de capacitação para uso da plataforma); a simplicidade gera baixo custo de helpdesk e de apoio ao desenvolvimento.
- Uso próprio de **videochats**.
- Uso de **recursos modernos da tecnologia digital**, como: sinalização dos alunos ativos, envio de "torpedos" (como nos telefones celulares), e outros.
- **Recursos de gerenciamento** (como: estatísticas e filtros de pesquisa, muito úteis para Tutores).
- **Facilidade para ativação de vários aplicativos** (MS Office e outros).
- Processamento tanto em ambiente Windows quanto Linux.
- Foco para a interação, destacando-se recursos como **fóruns e chats** (ou videochats).
- **Programado em software livre**, com enfoque multidisciplinar (enfoque sistêmico da administração, assim como apoios da educação, informática e comunicação, principalmente).
- **Foco para a aprendizagem**, em quaisquer áreas de uma instituição, seja de ensino, extensão ou pesquisa; a plataforma vem sendo usada para apoio ao ensino, a cursos de capacitação, bem como a grupos de pesquisa.
- **Possibilidade de incorporar recursos de outras plataformas de software livre**; por exemplo, a plataforma incorporou recentemente o recurso de SCORM do Moodle.

6.4. Videoconferência

A videoconferência é uma das melhores ferramentas de abordagem síncrona, pois possibilita o uso de imagem e som em tempo real. A videoconferência pode ser oferecida por meio das salas de videoconferência ou por meio do computador, cujas conexões podem ou não ser realizadas pela internet.

Muitas vezes, os que optam por utilizar videoconferência via internet são obrigados a limitar o uso dos recursos disponíveis, tais como utilizar somente o áudio, sem imagens, ou estabelecer mecanismos de controle, tais como, só o professor transmite imagens e os alunos transmitem apenas áudio. Muitas outras estratégias podem ser adotadas para viabilizar o seu uso enquanto não se dispõe de infraestrutura mais adequada para seu funcionamento.

Os sistemas de videoconferência dispõem de outras ferramentas que facilitam a interação entre os participantes, fazendo com que se tornem ambientes mais completos e interativos. Com este intuito, as salas de videoconferência, além de computadores dispõem de câmeras digitalizadoras de documentos, onde um documento colocado sobre ela pode ser visualizado por todos os participantes da conferência.

Podem ser apontados como vantagens da videoconferência em relação ao ensino presencial:

- Aumento da motivação dos alunos.
- Ampliação da capacidade de comunicação e apresentação.
- Agilidade e aumento da produtividade, pois permite maior interação entre os participantes.
- Economia de recursos, com a redução dos gastos com viagens.
- Economia de tempo, evitando o deslocamento físico para um local especial.
- Comodidade de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, pois permite a comunicação simultânea entre pessoas distantes umas das outras.
- Resolução parcial de problemas de planejamento e agendamento de encontros, aulas ou reuniões, pois não é necessário deslocamento pelos participantes, resultando em praticidade.
- Mais um recurso de pesquisa, já que a reunião pode ser gravada e disponibilizada posteriormente.
- Visualização de documentos e alteração pelos integrantes do diálogo em tempo real.
- Compartilhamento de aplicações.
- Compartilhamento de informações (transferência de arquivos).

A videoconferência por internet traz ao modelo de EAD alguns avanços relacionados à criticada impessoalidade existente nas demais ferramentas, pois permite estabelecer contato visual entre os alunos e professores.

6.5. Quadro branco eletrônico

É uma ferramenta que possibilita transcender às limitações impostas pela interface de texto para a discussão e difusão de ideias entre participantes de um curso on line. Muitos assuntos e conceitos não podem ser compreendidos rapidamente por meio de texto escrito, por voz, ou até mesmo mediante gestos transmitidos por vídeo. Em situações presenciais, isto também acontece, sendo necessário a utilização de outros recursos.

Desenhando esquemas e/ou gráficos em papel ou em um quadro, é possível elucidar estes casos, proporcionando visualmente uma sequência lógica para o fluxo das informações que se quer transmitir. Nesse sentido, o quadro branco busca reproduzir esta situação com uma janela em branco, onde se pode escrever, desenhar, colar dados e imagens, cujo conteúdo é propagado para os demais participantes dispersos geograficamente.

A utilização de um quadro branco eletrônico possui características que precisam ser observadas, algumas precisam de suporte tecnológico, enquanto outras podem ser resolvidas com o estabelecimento de normas e regras de utilização:

- **Quem pode escrever:** deve-se decidir se todos os usuários poderão escrever no quadro. Isso pode gerar confusão, pois dificulta saber quem escreveu o quê, e a sequência com que as informações foram adicionadas, já que os usuários estão dispersos geograficamente. Uma solução simples, mas que diminui a interação, é permitir que apenas o professor possa escrever no quadro;
- **Quando escrever:** o professor pode autorizar o aluno a usar o quadro quando este solicitar, garantindo assim maior clareza das informações. Como solução tecnológica, pode-se usar um mecanismo de controle da caneta, que o professor liberaria, quando necessário, para um dos participantes;
- **Controle de cores:** o estabelecimento de uma cor de caneta para cada participante possibilitaria a identificação do conteúdo com o seu autor. Entretanto, em um número não muito grande, pode gerar certa confusão visual com o excesso de informações;
- **Controle do apagador:** deve-se definir quem detém o controle do apagador, pois este pode interferir no desenvolvimento de ideias de outros participantes. Com o controle de cores, cada participante poderia apagar conteúdo escrito com sua cor.

Com a definição de normas, ou com a criação de suportes tecnológicos, o quadro branco se constitui como uma ferramenta excelente para a apresentação ou discussão de ideias em grupo.

6.6. Encontros presenciais ministrados por professores formadores

O Decreto Nº 5.622/2005 em seu §1º do artigo 1º explicita que:

A educação a distância se organiza segundo metodologia, gestão e avaliação peculiares, para as quais deverá estar prevista a obrigatoriedade de momentos presenciais para:

I - avaliações de estudantes;

II - estágios obrigatórios, quando previstos na legislação pertinente;

III - defesa de trabalhos de conclusão de curso, quando previstos na legislação pertinente; e

IV - atividades relacionadas a laboratórios de ensino, quando for o caso.

Assim, em todas as disciplinas constantes na matriz curricular, existirão momentos de encontros e atividades presenciais numa proporção, pelo menos, de 26 h/a por disciplina, distribuídas conforme quadro abaixo:

Encontro Presencial	Dia	Carga Horária (h/a)	Responsável
1°	Sexta-feira – Noite	4	Prof. Formador
	Sábado – Manhã	5	Prof. Formador
2°	Sexta-feira – Noite	4	Prof. Formador
	Sábado – Manhã	5	Prof. Formador
3°	Sexta – noite	4	Prof. Formador
	Sábado- manhã	4	Prof. Formador
Total Horas Atividades Presenciais		26 h/a	

Os encontros presenciais seguirão planejamentos específicos e serão ministrados pelos Professores formadores com a colaboração dos tutores a distância e presencial.

Em cada disciplina existem três encontros presenciais, delineados com o seguinte padrão:

- **1º Encontro Presencial:** apresentação geral do livro/módulo didático e das grandes temáticas da disciplina contextualizando-as a partir do PPC do curso.
- **2º Encontro Presencial:** momento que deverá priorizar a aplicação das Práticas como Componente Curricular (PCC) nas disciplinas de conteúdo científico, através da inserção de aulas práticas, aplicação de jogos didáticos, viagens de campo, visitas técnicas, estudos de casos, seminários dos alunos, fichamento de livros didáticos utilizados nos ensinos fundamental e médio, dentre outros.
- **3º Encontro Presencial:** reservado para revisões de conteúdos, tira-dúvidas e aplicação da avaliação presencial.

7. Sistemática de Avaliação

O processo de avaliação de ensino e aprendizagem na Educação a distância, embora possa sustentar-se em princípios análogos aos da educação presencial, em alguns aspectos requer tratamentos e considerações especiais. No contexto da EAD, o aluno não conta, comumente, com a presença física do professor, portanto, torna-se necessário desenvolver métodos de trabalho que oportunizem ao aluno: buscar a interação permanente com os professores e com os Tutores; obter confiança frente ao trabalho realizado, possibilitando-lhe não só o processo de elaboração de seus próprios juízos, mas, também, de desenvolvimento de sua capacidade de analisá-los.

A avaliação parte do estabelecimento de uma rotina de observação, descrição e análises contínuas da produção do aluno, que, embora se expresse em diferentes níveis e momentos, não devem alterar a condição processual da avaliação. Embora a avaliação se dê de forma contínua, cumulativa, descritiva e compreensiva, é possível particularizar quatro momentos no processo:

- Acompanhamento do percurso de estudo do aluno em diálogos e entrevistas com os Tutores.
- Produção de trabalhos escritos que possibilite uma síntese dos conhecimentos trabalhados.
- Apresentação de resultados de estudos e pesquisas realizados semestralmente em seminários temáticos integradores.
- Avaliações escritas presenciais.

Somente com a realização e a participação nestes quatro níveis de avaliação faz-se a valoração final do desempenho do aluno que deverá seguir o Regimento Geral da UECE. Ao aluno que não obtiver avaliação satisfatória será oportunizada, sob orientação de Tutor acadêmico, nova oportunidade, de maneira que o mesmo possa refazer seu percurso e ser novamente avaliado.

O Regimento da UECE também prevê a reprovação por infrequência. Entretanto, o controle de frequência em cursos a distância distingue-se, em essência, daquele feito nos presenciais. Assim, os programas de cada disciplina conterão as exigências de contatos e participações dos alunos, os quais serão devidamente computados para efeito de integralização de 75% de frequência mínima exigida regimentalmente pela Universidade e pela LDB/96.

7.1. Avaliação da aprendizagem: avaliação contínua e abrangente

A avaliação da aprendizagem assumirá funções diagnóstica, formativa e somativa, desenvolvendo-se de forma contínua, cumulativa e compreensiva.

Em cada disciplina serão aplicados instrumentos diversificados: trabalhos, pesquisas, atividades laboratoriais, atividades de campo, relatórios, atividades no AVA e provas escritas (realizadas presencialmente).

Os avanços no campo da Pedagogia e da Psicologia recomendam que a atividade de avaliação não deve ser uma atividade solitária do professor como é comum na nossa tradição educacional. A diversificação de instrumentos de avaliação aconselha, como forma de garantir a redução da subjetividade, o trabalho em equipe de professores.

A amplitude dos instrumentos de avaliação disponíveis e o trabalho coletivo dos professores ajudam na atribuição das qualidades avaliativas de cada um dos instrumentais, na aferição das avaliações e na redução das divergências classificatórias.

Este trabalho de equipe não deve ser visto, apenas, no âmbito de uma disciplina, já que todos os professores partilham objetivos de desenvolvimento de competências transversais, comuns. Nessa perspectiva, espera-se que a avaliação tenha múltiplas características, quais sejam:

basear-se-á numa grande diversidade de dados significativos, recolhidos por múltiplos instrumentos, globalizante (abrangendo competências relevantes nos domínios cognitivo, afetivo e motor), sistemática (visto desenrolar-se ao longo de todo o programa) e cumulativa, ao refletir os progressos da aprendizagem (ROSADO)²⁶.

Pode-se entender por competências cognitivas as diferentes modalidades estruturais da inteligência que compreendem determinadas operações que o sujeito utiliza para estabelecer relações com e entre os objetos físicos, conceitos, situações fenômenos e pessoas.

As habilidades instrumentais referem-se especificamente ao plano do saber fazer e decorrem, diretamente, do nível estrutural das competências já adquiridas e que se transformam em habilidades. Isto é, a “capacidade de agir eficazmente em um determinado tipo de situação, apoiando-se em conhecimentos, mas sem se limitar a eles” PERRENOUD (1993)²⁷.

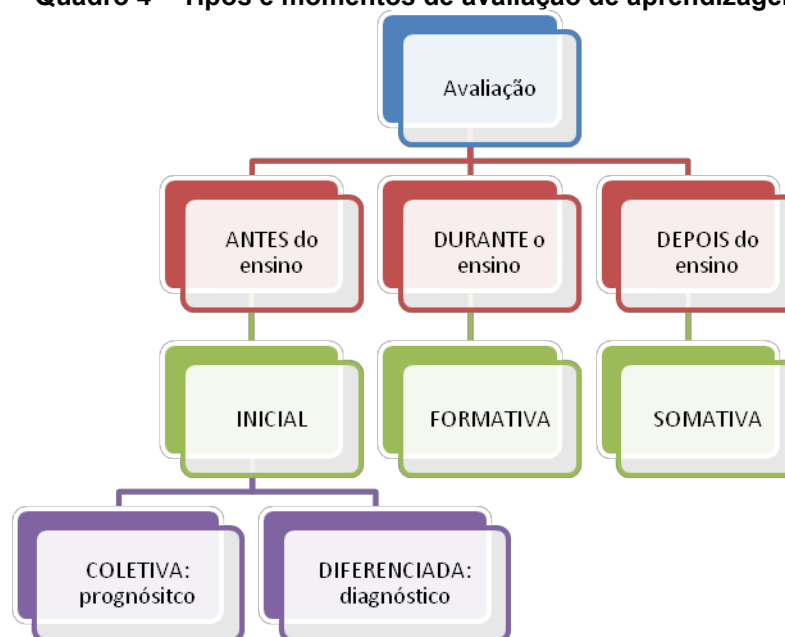
²⁶ ROSADO, António e SILVA, Silva. **Conceitos básicos sobre avaliação das aprendizagens**. Disponível em <http://areas.fmh.utl.pt/~arosado/ESTAGIO/conceitos.htm>. Acesso em 16 de abril de 2011.

²⁷ PERRENOUD, P. **Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação**. Perspectivas Sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

A utilidade mais notória da avaliação não é a pedagógica, mas a social, embora seja uma atribuição da escola, a quem cabe elaborar juízos formais e divulgar tais juízos em forma de resultados, que podem vir a servir para diversas funções.

Observando a função pedagógica da avaliação, deve-se considerá-la uma peça essencial para a regulação contínua das aprendizagens. Assim a avaliação não pode situar-se somente no final do processo ensino-aprendizagem, mas em vários momentos e com objetivos diferentes. O quadro 4 apresenta uma proposta para os diversos tipos e momentos de avaliação.

Quadro 4 – Tipos e momentos de avaliação de aprendizagem



Os tipos de avaliação procuram dar conta de múltiplas facetas, sendo que cada um deles cumpre funções distintas, porém integradas.

- **Avaliação inicial**, também chamada de preditiva tem como principal objetivo determinar a situação de cada aluno antes de iniciar um determinado processo de ensino-aprendizagem, visando adaptá-lo às suas necessidades. Ela pode ser prognóstica, quando trabalha com um conjunto de alunos, grupos ou classes; e diagnóstica, quando se refere a cada aluno. O objetivo da avaliação diagnóstica e prognóstica é o mapeamento dos conhecimentos prévios, avanços e dificuldades dos alunos, oferecendo subsídios para o professor refletir sobre a prática pedagógica que realiza, confirmando ou redirecionando processos didáticos desenvolvidos.
- **Avaliação formativa** se refere a procedimentos utilizados pelos professores para adaptar seu processo didático aos progressos e necessidades de aprendizagem observadas em seus alunos. É entendida como um conjunto de atuações que favorece a mediação pedagógica docente na formação integral do aluno. Este tipo de avaliação tem

como finalidade fundamental uma função ajustadora do processo de ensino-aprendizagem para possibilitar que os meios de formação respondam às características dos estudantes. Ela tem como objetivo principal detectar os prontos frágeis da aprendizagem, mais do que determinar quais os resultados obtidos com essa aprendizagem.

- **Avaliação somativa** tem como objetivo estabelecer balanços confiáveis dos resultados obtidos ao final de um processo de ensino-aprendizagem.

Como prática docente, a avaliação deve ser contínua e sistemática. Ela é contínua, porque compreendida como elemento de reflexão permanente sobre o processo de aprendizagem do aluno, levantando seu desenvolvimento através de avanços, dificuldades e possibilidades; e sistemática porque deve ser vista como uma ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem, contribuindo para o sucesso da tarefa educativa. Nessa ação avaliativa sistemática, privilegiam-se os aspectos qualitativos, destaca-se a importância do registro da caminhada de cada aluno, bem como os aspectos quantitativos de verificação do desempenho do aluno que possibilitem a reflexão sobre os resultados, incluindo a participação não só do professor, mas do próprio aluno.

Nesta perspectiva, a avaliação proporciona ao aluno, ao professor e aos Tutores uma análise reflexiva dos avanços e dificuldades do processo ensino e aprendizagem. Para o aluno, a avaliação se torna um elemento indispensável no processo de escolarização, visto possibilitar ao mesmo acompanhar o seu desempenho e compreender seu processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. É a tomada de consciência de seus avanços, dificuldades e possibilidades de novas aprendizagens.

Para o professor e tutores a avaliação tem um papel relevante porque fornece subsídios para uma reflexão contínua sobre sua prática, criação de novos instrumentos e revisão de aspectos que devem ser ajustados ou considerados adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Dessa forma, através da análise reflexiva do desempenho dos alunos, poderemos rever e redefinir a gestão, atualizar e adequar à prática pedagógica.

A avaliação ocorre sistematicamente durante todo o processo de aprendizagem e ensino. Na visão transformadora, ao avaliar, professores e tutores diagnosticam, identificam avanços e dificuldades dos alunos e propõem intervenções adequadas que promovam a superação das dificuldades e ampliem os avanços. Assim, o processo de avaliação da aprendizagem reconhece que o aluno é o sujeito construtor de conhecimentos e que é importante respeitar os seus diferentes níveis de desenvolvimento e ritmos de aprendizagem, além de dar especial atenção à sua autoestima.

Nos cursos da UAB/UECE o processo de avaliação é constituído de dois momentos complementares e intimamente inter-relacionados:

- a) **Momentos a distância:** através dos recursos disponíveis no Ambiente de Aprendizagem acontecerá o acompanhamento do percurso formativo do aluno. Serão avaliados os seguintes aspectos: interação com seus tutores e colegas, participação nas atividades a distância, produção de trabalhos escritos e avaliações on-line síncronas e assíncronas.
- b) **Momentos presenciais:** compreenderá exames escritos e apresentação de resultados de estudos e pesquisas.

Somente com a realização e a participação nestes dois momentos de avaliação far-se-á a valoração do desempenho do aluno que deverá seguir os critérios definidos pelo Regimento interno da UECE.

Tendo em vista que o ensino a distância objetiva desenvolver no aluno a capacidade de produzir conhecimentos, analisar e posicionar-se criticamente frente a situações concretas, experimentando métodos de trabalho que oportunizem a vivência da autonomia no processo de elaboração de seus próprios juízos, o processo de avaliação da aprendizagem nessa modalidade de ensino requer tratamento e considerações especiais.

É importante, portanto, desencadear um processo de acompanhamento a distância do aluno que possibilite informações sobre vários aspectos, dentre os quais:

- Graus de dificuldades encontrados na relação com os conteúdos estudados.
- Desenvolvimento das propostas de aprofundamento dos conteúdos.
- Estabelecimento de relações entre os conteúdos estudados e sua prática pedagógica.
- Uso de material de apoio e bibliografia.
- Participação nas atividades propostas.
- Interlocução com professores, Tutores e colegas.
- Pontualidade nos momentos presenciais, e na entrega dos trabalhos e no ambiente de aprendizagem de interação.

O acompanhamento do desempenho do aluno será realizado pelos professores formadores e tutores a distância com base em critérios avaliativos e registrado em instrumentos específicos. Nesse processo de acompanhamento, o tutor a distância deve estimular o aluno para o desenvolvimento da capacidade de organização das atividades e de auto-aprendizagem.

A verificação da aprendizagem em cada disciplina será realizada através de instrumentos diversificados: provas escritas e orais, trabalhos, pesquisas, atividades laboratoriais, atividades de campo, relatórios e outros. Nas avaliações formais serão exigidos um nível de síntese dos conteúdos abordados, estruturação e correção da linguagem, compatíveis com a qualidade acadêmica. Ao final de cada disciplina haverá uma prova escrita realizada presencialmente, no último encontro da disciplina.

Às diversas modalidades de avaliação do rendimento escolar serão atribuídas notas, com aproximação de uma casa decimal, de 0,0 (zero) a 10, 0 (dez). Será aprovado por

média na disciplina o aluno que obtiver média ponderada entre as notas de avaliações presenciais e a distância, num mínimo de duas por período letivo, igual ou superior a 7,0 (sete), como representado na seguinte fórmula:

$$\text{MeNPD} = \frac{(\text{ND}_1 + \text{ND}_2 + \dots) \times 4 + (\text{NP}_1 + \text{NP}_2 + \dots) \times 5 + (\text{NA}_1 + \text{NA}_2 + \dots) \times 1}{10}$$

Na qual:

ND = Nota de atividade a distância

NP = Nota de atividade presencial

NA = Nota de auto-avaliação

MeNPD = Média ponderada das atividades presenciais e a distância

A média ponderada visa cumprir a determinação do §2º do Art. 4º do Decreto Nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005.

O aluno submetido ao exame final será aprovado na disciplina se obtiver neste exame nota (NEF) igual ou superior a 3,0 (três) e Média Final (MF) igual ou superior a 5,0 (cinco), calculada pela seguinte fórmula:

$$\text{MF} = \frac{\text{MeNPD} + \text{NEF}}{2}$$

Na qual:

NEF = Nota de Exame Final

MF = Média Final

MeNPD = Média ponderada das atividades presenciais e a distância,

Sendo que: (1) a média ponderada entre as notas presenciais e a distância (MeNPD) e Média Final (MF), quando necessário, devem ser arredondadas à primeira casa decimal; (2) será considerado reprovado na disciplina o aluno que obtiver valor abaixo de 4,0 (quatro) na média entre as notas presenciais e a distância (MeNPD), valor abaixo de 3,0 (três) na Nota de Exame Final (NEF) ou Média Final (MF) inferior a 5,0 (cinco); o aluno só será considerado aprovado em assiduidade se obtiver o mínimo de 75% (setenta e cinco por cento) de frequência nos encontros presenciais.

7.2. Uma proposta de avaliação institucional

Uma frase bastante conhecida na área da avaliação educacional é “a avaliação é um julgamento, não é uma sentença”. Isto quer dizer que o ato de avaliar implica em um juízo de valor que qualifica uma ação ou um comportamento, mas nunca emite uma “sentença”.

Quase sempre utilizada de forma autoritária, numa lógica técnico-instrumental, a avaliação educacional, principalmente quando organizada de forma institucional, tem privilegiado ações individualistas, fragmentadas, sendo essa avaliação utilizada como

instrumento de controle do Estado, efetivada em parceria com outras instituições educativas, mas quase sempre numa ótica global, sem considerar as especificidades de contextos diferenciados.

É interessante registrar que, geralmente, avalia-se aquilo que se planejou numa perspectiva técnico-pedagógica e administrativa, sem se avaliar as condições políticas e econômicas que são determinantes de bons ou maus resultados da avaliação.

Como então avaliar, isto é, qualificar, emitir um juízo de valor sobre as condições adequadas para a efetivação de ações programadas? Como esperar resultados satisfatórios de avaliação, quando não se consideram as especificidades de cada contexto? É possível avaliar de forma homogênea, com os mesmos critérios, objetivos e estratégias as instituições ou órgãos educacionais, num país de diversidade cultural, como é o Brasil? É evidente que não.

Portanto, há que se pensar em projetos de avaliação específicos a cada contexto, envolvendo todos os agentes, dialogando, construindo critérios, e tomando decisões; faz-se necessário que haja uma valorização no processo de avaliação, da ação política dos gestores, professores e coordenadores de programas, projetos e/ou cursos e professores, considerando-se sempre seus níveis de atuação e uma valorização dos fatores econômicos que determinam suas condições de oferta.

A avaliação não deve servir para “sentenciar” quem é Regular, Bom ou Excelente, para fazer um *ranking*; esta é uma atitude questionável no processo avaliatório. A avaliação é, antes de tudo, uma descrição e análise de processos e produtos para uma tomada de decisão de como repensar o fenômeno avaliado, replanejando-o em suas ações; por esta razão ela deve ter sempre um caráter democrático e multicultural, com princípios que respeitem a liberdade de escolha. Ela pode ser orientada, mas não imposta, deve abrir caminhos, resolver conflitos, sem favorecimentos, vendo na diversidade uma possibilidade para a construção de significados e valores.

Cabe aos avaliadores definirem princípios norteadores da avaliação e caminhos adequados à compreensão das realidades diversas, definindo também critérios e assumindo um processo de construção coletiva, ética e social, de programas educacionais e sociais.

No caso da avaliação de um projeto, na modalidade a distância, a importância do reconhecimento de suas especificidades é fator fundamental para o desenvolvimento de processos avaliativos que sejam adequados à sua natureza.

Nossa proposta apresenta princípios, objetivos e etapas de seu desenvolvimento, culminando com a ideia de uma meta-avaliação, orientada por referenciais teórico-metodológicos que possibilitarão a compreensão do contexto onde se desenvolve, a partir das evidências que serão coletadas.

Por se tratar de um projeto amplo, envolvendo cursos de formação em Física, Química, Matemática, Ciências Biológicas, Informática, Artes Plásticas, Pedagogia e Administração, propõe-se um processo de avaliação que parta dos objetivos gerais e específicos do Projeto Básico UAB/UEC e dos objetivos do Projeto Pedagógico de cada curso, na sua relação com as ações desenvolvidas em cada etapa de sua operacionalização. Neste momento ficará estabelecido um monitoramento dessas ações, com uma dinâmica flexível, aberta as interações e a análise de fatores imprevisíveis e aleatórios, que surgirão ao longo do seu desenvolvimento, praticando uma avaliação orientada para a tomada de decisão, assumindo essa avaliação uma função operatória, na perspectiva formativa-reguladora possibilitando as correções e os ajustes necessários à comprovação, ou não, da eficiência e da eficácia do Projeto.

Propor a avaliação do projeto de cursos da UAB/UECE na modalidade a distância é um desafio posto à equipe de avaliação, que a utilizará como instrumento de apoio à tomada de decisão ao longo do desenvolvimento das ações desse projeto, possibilitando a emissão de juízos de valor, sempre que se fizerem necessários. Será um processo de avaliação monitorado, que visará à busca da qualidade das ações planejadas e realizadas, possibilitando a emissão de um juízo de valor sobre a eficiência e a eficácia das ações desse projeto.

O Projeto UAB/UECE pode ser considerado como “emergente”, ou seja, novo, e portanto, tem uma estrutura organizativa em construção, exigindo processos avaliativos que subsidiem essa construção, com dados que expressem a qualidade de sua evolução, considerando que os seus objetivos vão se consolidando ou até transformando-se continuamente, a partir de novos fatos que emergem da realidade, condicionados por fatores político-sociais e econômicos.

Com essa visão de “projeto emergente”, é justificável a adoção de processos avaliativos dialógicos, democráticos, flexíveis e participativos, colocando em destaque as dimensões individuais e institucionais dos cursos que compõem o Projeto, de forma contextualizada; gerando um controle social por parte dos seus gestores e da comunidade acadêmica.

Para que essa avaliação seja legitimada, deverá contar com a participação de todos os agentes envolvidos com o projeto, criando-se uma cultura avaliativa que traga em si valores éticos que orientem concepções e definições de práticas de avaliação. A importância dessa avaliação reside no fato de que irá subsidiar os gestores do projeto, na tomada de decisão em relação às ações planejadas, em execução ou executadas.

A oferta de cursos a distância é uma experiência já vivenciada pela UECE, mas que, ainda, requer uma reflexão permanente, ao longo do seu processo de construção, face às inovações teórico-metodológicas constantes na modalidade EAD, com especificidades que

exigem interação com as inovações nas áreas de tecnologias da informação e da comunicação.

O projeto de avaliação institucional tem como objetivo geral desenvolver um processo de avaliação que possibilite a explicitação e compreensão dos elementos estruturantes do projeto UAB/UECE e dos cursos que o integram, na modalidade a distância, visando à obtenção de evidências que contribuam para a tomada de decisão, relativas ao seu ajustamento e aperfeiçoamento, ao longo do seu desenvolvimento.

7.2.1. Objetivos da avaliação institucional

- Realizar a avaliação do projeto a partir de seus objetivos gerais e dos objetivos definidos nos Projetos Pedagógicos dos cursos ofertados;
- Avaliar cada curso, monitorando os resultados alcançados e sua relação com os processos de gestão, identificando-se os ajustes que se fizerem necessários;
- Criar uma cultura avaliativa nos gestores e na comunidade acadêmica, sensibilizando-os em todas as etapas do processo de avaliação.

Alguns pressupostos que orientarão a avaliação do projeto em questão devem ser explicitados, quais sejam:

- **Avaliação Intrínseca:** o projeto será avaliado não só confrontando-se o proposto com o realizado, mas também, na sua “essência pedagógica”, analisando-se a sua consistência teórico-metodológica e a dos Projetos Pedagógicos dos cursos, considerando-se a formação profissional proposta e sua adequação ao contexto onde estão sendo desenvolvidos;
- **Avaliação Participativa:** haverá o envolvimento de gestores, coordenadores, professores orientadores, Tutores, produtores de textos didáticos e pessoal de apoio técnico-administrativo.
- **Avaliação formativa e somativa:** identificar-se-á as orientações teórico-metodológicas adequadas a de cada uma de suas funções.
- **Avaliador:** evitar-se-á a dicotomização entre ele e os avaliados, trabalhando de forma colaborativa.
- **Objetividade/Subjetividade:** será exercitada uma relação dialética entre esses dois polos, evitando-se a centralização em um em detrimento do outro.

A avaliação institucional se orienta pelos seguintes princípios:

- **Diversidade:** respeito às diferenças individuais e de contexto, aceitando-se o multiculturalismo.
- **Dialogicidade:** estabelecendo-se um diálogo entre todos os agentes do projeto.
- **Visibilidade:** transparência dos processos avaliativos.

- **Legitimidade:** busca da aceitação do processo de avaliação e dos seus resultados pela comunidade acadêmica.
- **Totalidade:** interação entre as diversas dimensões da avaliação, vendo-as como um todo organizado.
- **Qualidade:** busca do “qualis”, isto é, da essência, das ações desenvolvidas, a partir dos objetivos do Projeto.
- **Responsabilidade Social:** desenvolvimento de um processo avaliativo que valorize os interesses da comunidade em relação ao projeto.

7.2.2. Natureza da avaliação e suas metodologias

Utilizaremos a chamada “avaliação participativa, no decurso do Projeto”, entendida como uma avaliação-regulação, orientada para a tomada de decisão; um processo de ação e análise crítica permanente (NOVOA e ESTRELA, 1993).²⁸ As características desse tipo de avaliação, associadas a cada uma de suas funções estão expressas no quadro que se segue:

Funções	Características
Operatória	Orientada para a ação e a tomada de decisão.
Permanente	Intervém ao longo do ciclo de vida de um projeto, e não apenas no seu termo.
Participativa	Associa os atores à procura e à concretização de soluções operatórias. Permite o confronto e a negociação entre os pontos de vista dos atores. Efetua devoluções sistemáticas aos atores.
Formativa	Cria as condições de uma aprendizagem mútua através da prática. Favorece o diálogo e a tomada de consciência coletiva, ao serviço da eficácia da ação.

Fonte: Nóvoa Antônio e Estrela Albano (1993, p. 123)

A partir dessas funções e características, afirma-se que a proposta de avaliação em questão, está concebida na perspectiva formativa-reguladora na medida em que cria “instrumentos de auto-análise da ação e que levam à prática um esforço de Reflexão, partilhada ao longo de todo o processo” (NÓVOA e ESTRELA, 1993, p.121).²⁹

Associamos à ideia de “avaliação participativa no decurso do projeto” a ideia de programas ou projetos emergentes, como é o caso do Projeto UAB/UECE, que é um projeto que ainda não tem uma teoria explícita que o fundamente e seus objetivos ainda estão sujeitos a reformulações; pode-se afirmar que:

²⁸ NOVOA A. e ESTRELA A. **Avaliações em educação: novas perspectivas**. Ed. Porto;1993

²⁹ Idem

A avaliação de “programas emergentes” tem por natureza, de ser flexível para poder responder a índole desses programas, uma vez ser impossível pressupor estabilidade nas metas, nos meios e até no entendimento implícito do que resulta ou não resulta “ (BICKINAN 1987, apud NÓVOA 1993, p.90) ³⁰

Aceitando essa ideia, a avaliação em questão assume dimensões que requerem flexibilidade em relação aos processos avaliativos, sem a preocupação excessiva com o cumprimento de objetivos pré-determinados, acentuando-se a hipótese da reestruturação desses objetivos ao longo do processo avaliativo. Acatamos também as ideias de avaliação formativa e somativa de Scriven (1967) apud VIANNA.

Na perspectiva do autor, não existe uma diferença lógica ou metodológica entre a avaliação formativa e a somativa, na medida em que ambas determinam o valor e o mérito de um projeto; as diferenças residem no tempo de aplicação, na população alvo a que se destinam. O autor discute ainda a necessidade de uma meta-avaliação, que deve ter como objetivo identificar problemas na avaliação. Scriven (1974) apud Vianna (2000) aponta alguns aspectos que devem ser considerados na avaliação formativa/somativa:

- a) uma avaliação a serviço da ação;
- b) uma avaliação processual
- c) um grau de implementação das ações e,
- d) competências planejadas

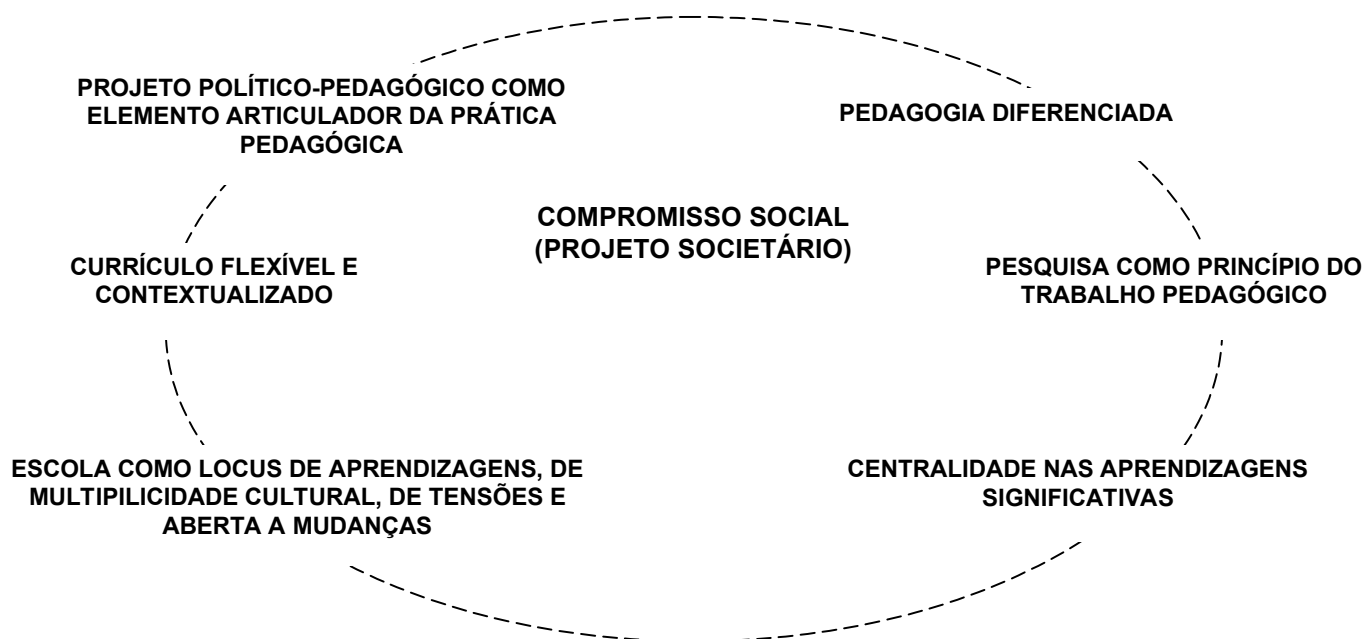
No seu modelo de avaliação, o autor afirma ter a avaliação duas funções: a formativa e a somativa. A formativa fornece informações que visam à melhoria do projeto em suas partes e no seu todo; a somativa fornece informações sobre o valor final do projeto.

Cada uma dessas funções está relacionada a um tipo de julgamento: o intrínseco, (de conteúdo, materiais, currículo) e o extrínseco (de efeitos do projeto). A função formativa permite julgamentos dos efeitos intermediários do projeto (retroalimentação) e a somativa (julgamento final dos efeitos). Outro autor que discute a ideia de avaliação formativa-reguladora é Silva (2004) ³¹ que, embora aplicando-a à avaliação do ensino-aprendizagem nos traz características interessantes que devem orientar a avaliação de programas e projetos educacionais.

Para o autor os pressupostos da avaliação formativa-reguladora devem contemplar o que está presente no quadro que se segue:

³⁰ Idem

³¹ SILVA, Jansen Filipe. **Avaliação na perspectiva formativa-reguladora**. Porto Alegre. Ed. Mediano, 2004



Fonte: SILVA, Jansen Filipe. Avaliação na perspectiva formativa-reguladora. Editora Mediano, 2004, p. 33.

O autor afirma ainda que alguns princípios devem ser adotados nesse tipo de avaliação tais como: negociação, pertinência cognitiva e epistemológica, o formativo, o emancipador e o ético. Salienta que o formativo traduz-se numa dinâmica de avaliação que possibilita a retroalimentação de um programa/projeto educacional; é a dinâmica da (des)construção e da reconstrução.

Sem dúvida alguma, são princípios importantes a serem seguidos na avaliação do Projeto UAB/UECE. Como entendemos que as teorias de avaliação não devem ser vistas como “doutrinas”, associamos às ideias de Scriven e de Silva os pressupostos da “Avaliação Iluminativa” de Parlett (1987) que afirma ser ela:

- a) Sistêmica, numa abordagem holística, com um olhar na totalidade das relações, buscando a explicação, na multicausalidade.
- b) Interpretativa, interpretando e analisando os fenômenos que surgem no decorrer do processo.
- c) Naturalista, estudando os fenômenos no seu contexto.

Vê-se, portanto, na associação de avaliação iluminativa com funções somativas e formativas da avaliação, uma possibilidade concreta que permitirá a utilização de pressupostos teórico-metodológicos integrados que orientarão a avaliação do projeto em questão.

Como a metodologia avaliativa que propomos é de natureza participativa, adotamos também alguns elementos da “avaliação democrática”, assim expressos:

- Fonte de Valores: comunidade acadêmica (Pluralismo de Valores)
- Audiência a que se deve prestar contas: a comunidade acadêmica e segmentos da comunidade que, direta ou indiretamente, participam do Projeto.
- Papel do Avaliador: facilitador, educador.
- Técnicas de coleta de dados: acessíveis a pessoas não especializadas.
- Proprietário de informações produzidas: todos os interessados.
- Conceitos-chaves: confidencialidade, negociação, acessibilidade, e direito de saber. (MACDONALD apud NOVOA 1993).

Portanto, o processo de avaliação do Projeto UAB/UECE na modalidade a distância, orientar-se-á por essa metodologia. Por se tratar de um Projeto com Cursos a distância, com instrumentos e ambientes virtuais, haverá a avaliação de aspectos específicos tais como: Tutoria, módulos de ensino-aprendizagem, materiais didáticos de apoio, uso de plataformas e videoconferências, o que exigirá instrumentos de avaliação adequados para captarem as evidências referentes à qualidade desses aspectos, em cada curso.

O processo avaliativo atenderá às especificidades da modalidade a distância, considerando que:

- O sistema de EAD envolve instrumentos e espaços virtuais de convivência, exigindo do professor-formador e do Tutor, competências específicas que devem ser avaliadas. Cada recurso será avaliado de “per-se”, identificando-se o nível da qualidade que apresentam;
- A Tutoria será avaliada a partir das competências definidas para o Tutor, associada aos recursos disponíveis na EAD da UECE;
- Os módulos serão avaliados na sua relação com os objetivos e conteúdos propostos nos projetos pedagógicos dos Cursos;
- Os Pólos de apoio presencial serão avaliados na perspectiva de suas condições de oferta.

Por fim, o processo de avaliação proposto será objeto de uma meta-avaliação, por parte dos gestores, avaliadores e comunidade acadêmica e terá como objetivo identificar problemas na avaliação (SCRIVEN, 1974).

8. Recursos humanos para o projeto EAD na UECE

Para assegurar o desenvolvimento do projeto de EAD da UAB/UECE foram estruturadas equipes de trabalho que se responsabilizam pela logística da produção centralizada dos diversos segmentos necessários para a implementação dos cursos, entre eles:

- Concepção, design instrucional e organização dos recursos pedagógicos;
- Coordenação dos cursos e polos;
- Desenvolvimento e manutenção do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle;
- Gerenciamento das ferramentas de EAD disponíveis;
- Concepção e implantação da avaliação institucional;
- Gestão pedagógica, administrativa e financeira dos convênios e projetos vinculados ao sistema UAB;
- Editoração, diagramação e revisão dos materiais impressos;
- Concepção, produção e gravação de videoaulas e videoconferências;
- Desenvolvimento, utilização e formação continuada para os profissionais envolvidos, no uso do quadro branco.

A seguir descreveremos as atividades de cada grupo profissional envolvido.

8.1. Equipe multidisciplinar

A equipe multidisciplinar é constituída por profissionais que apresentam perfil de formação compatível com as demandas conceituais e procedimentais inerentes às necessidades da modalidade de educação a distância implementada na UAB/UECE. O quadro 5 mostra os principais membros da equipe multidisciplinar envolvida no projeto.

Quadro 5 – Equipe multidisciplinar da UAB/UECE

	Regime de trabalho	Função
Francisco Fábio Castelo Branco Graduado em Farmácia com habilitação em Bioquímica (UFC). Mestre em Saúde pública (UECE). Atua nas áreas de saúde coletiva e ensino de Ciências e Química.	Professor Adjunto da UECE com regime de trabalho de 40 h semanais	Coordenador geral da UAB/UECE e da Secretaria de Apoio a Tecnologias Educacionais- SATE
Eloisa Maia Vidal Graduada em Engenharia Elétrica (UFPB) e em Filosofia, Faculdade de Filosofia de Fortaleza; Mestra e Doutora em Educação (UFC). Atua nas áreas: Alfabetização Científica e Tecnológica, Educação de Ciências, Formação de Professores,	Professora Adjunta UECE com regime de 40 horas de Trabalhos Semanais, com Dedicção Exclusiva.	Coordenadora Adjunta da UAB/UECE

tendo experiência com produção de material para EAD e editoração de livros didáticos.		
Elineide Veras de Paula Vasconcelos Graduada em Estatística e especialista em estatística pela Universidade Federal do Ceará. Licenciada em Letras Português e Inglês e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Professora aposentada da Universidade Federal do Ceará atua em ensino da língua Inglesa, Educação a distância.	Professora aposentada como Assistente I da Universidade Federal do Ceará.	Assessoria pedagógica da UAB/UECE
Germânia Kelly Furtado Ferreira Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Informática Educativa/UECE. Mestre em Computação – área de concentração em Informática Educativa/UECE. Doutoranda em Ciências da Educação/UMINHO-Pt. Atua na área de educação à distância e novas tecnologias, com ênfase em formação inicial e continuada de Professores.	Professora da Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará, cedida para a Escola de Gestão Pública do Estado do Ceará, com regime de trabalho de 40h semanais.	Assessoria pedagógica da UAB/UECE
Gustavo Sikora de Melo Graduado e Mestre em Ciência da Computação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Atua no ensino em computação e na área de Inteligência Artificial, possuindo também experiência em coordenação de cursos de Tecnologia da Informação e experiência como professor formador de cursos EAD.	Professor Substituto da UECE com regime de trabalho 20h semanais.	Coordenador de TI UAB/UECE
Lúcia Maria Gomes , Graduada em Estudos Sociais pela Universidade vale do Acaraú- UVA. Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio. Especialista em Planejamento e Gestão Educacional e Gestão Escolar. Mestre em Planejamento em Gestão Educacional, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú.	Professora da Secretaria da Educação do Estado. Assessoria do Secretario Executivo da SEDUC no regime de trabalho 40 horas semanais	Assessoria pedagógica da UAB/UECE

A equipe multidisciplinar é constituída ainda por um conjunto variado de profissionais para atuar na complexa rede que implica a produção centralizada das atividades dos cursos. Entre as atribuições dos membros da equipe, destacam-se:

- **Setor de diagramação/editoração:** sob a responsabilidade de um professor integrante da equipe multidisciplinar, é formado por equipe de profissionais responsáveis pelos serviços de diagramação/editoração dos materiais impressos, contando com diagramador, desenhista, ilustrador, paginador, etc. Compete a este setor encaminhar a versão final do livro, devidamente autorizada pelo Coordenador do curso, para a impressão em gráfica contratada por processo licitatório. O trabalho do **revisor** seja técnico ou ortográfico está associado a este setor.
- **Setor de audiovisual:** equipe de profissionais responsáveis pela gravação, edição, e formatação final das vídeoaulas para encaminhamento à empresa responsável para

duplicação das mesmas. Esta equipe é coordenada por professor da equipe multidisciplinar.

- **Setor do AVA:** equipe de profissionais que gerenciam o Moodle, e são responsáveis pelo atendimento às demandas das disciplinas e dos cursos. Os materiais didáticos a serem disponibilizados no Moodle são encaminhados pelo coordenador de curso, para este setor. Outras atividades relativas a serviços de secretaria, tarefas e provas on line são também implementadas no Moodle, podendo ser demandas pela equipe de apoio dos cursos, professores formadores, tutores a distância, etc.
- **Setor de Tecnologia da Informação:** coordenado por professor integrante da equipe multidisciplinar, compete a este setor disponibilizar apoio ao hardware do sistema EAD, incluindo serviços de suporte, helpdesk, gerenciamento de web conference junto a RNP, programação, etc.
- **Acompanhamento da execução física e financeira dos convênios:** professor responsável pelo acompanhamento da execução física e financeira dos convênios, incluindo acompanhamento dos processos licitatórios, emissão de passagens e diárias e prestação de contas dos convênios.
- **Setor de acompanhamento pedagógico:** constituído de professores que acompanham os Projetos Pedagógicos dos cursos, contribuindo com estudos, reflexões e discussões sobre o andamento dos mesmos. Os profissionais que atuam neste setor tem profícua articulação com a Pro-reitoria de Graduação visando articular os projetos dos cursos presenciais e a distância, em busca de maior convergência, e também para acompanhar a produção de normas e resoluções relativas as atividades de graduação, adequando-as as especificidades da EAD.
- **Setor de avaliação:** constituída por profissionais com experiência de pesquisa em avaliação, a quem cabe conceber, estruturar, desenvolver e aplicar procedimentos relativos a avaliação de processos pedagógicos dos cursos, avaliação institucional, etc.

Além da equipe supra citada, o desenvolvimento dos conteúdos disciplinares dos diversos cursos conta com um quadro de professores conteudistas, formadores e orientadores a quem cabe um conjunto de competências e atribuições no escopo dos cursos, conforme descritos a seguir.

Professor Conteudista: É responsável pela produção de módulos/livros para as disciplinas, fruto de iniciativas acadêmicas de pesquisa e produção intelectual, para serem utilizados nos cursos oferecidos pela UECE no Programa da UAB. No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do professor conteudista:

- O professor conteudista é responsável pela legitimidade e autoria dos **textos**, respondendo de fato e de direito por eventuais acusações de plágio;

- Estar à disposição dos professores formadores e tutores a partir de cronograma estabelecido, para esclarecer dúvidas relacionadas ao **texto de autoria**;
- Participar do processo de formação sobre EAD, para receber orientações sobre elaboração de material didático para o modo impresso e virtual, conhecer o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) e seus recursos, a sistemática de acompanhamento presencial e a distância e os mecanismos de avaliação para EAD;
- Conhecer e participar das discussões relativas à confecção e uso de material didático;
- Propor e coordenar encontros com os professores formadores e tutores para planejamento, acompanhamento e avaliação dos materiais didáticos produzidos;
- Elaborar e participar de projetos de pesquisa focalizando assuntos pertinentes ao projeto UAB-UECE de interesse da instituição.

Professor Formador: responsável pelas disciplinas. Estará à disposição para esclarecimento de dúvidas dos estudantes e/ou tutores a partir de cronograma estabelecido junto a cada docente. O professor será selecionado, prioritariamente, entre os docentes vinculados a UECE, considerando sua formação, aptidão e habilidade para conduzir a disciplina. Após a seleção, o professor deve participar do processo de formação sobre EAD, produção de material didático para as disciplinas do curso, sistemática de acompanhamento presencial e a distância, mecanismos de avaliação para EAD, questões relativas ao processo de orientação da monografia, etc. No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do professor formador:

- Participar dos cursos e reuniões para aprofundamento teórico relativo aos conteúdos trabalhados nas diferentes áreas;
- Planejar e definir, com a Coordenação e tutores, o cronograma das atividades da disciplina de acordo como o calendário acadêmico do curso;
- Analisar o material didático da disciplina bem como indicar textos e fontes de pesquisa complementar, quando for o caso;
- Organizar a apresentação de slides da disciplina para posterior gravação da videoaula;
- Elaborar as atividades a distância que representarão as avaliações a distância e equivalerão a frequência e auxiliar na correção por parte dos tutores (apresentar gabarito para a correção por parte dos tutores);
- Elaborar as atividades presenciais e todas as provas (apresentar gabarito e correção);
- Definir as ações de interação (Fórum, Chat, Diário) no AVA e presencialmente; elaborando as problematizações e auxiliando os tutores no funcionamento;
- Realizar estudos sobre a educação a distância;
- Selecionar o material didático, em mídias variadas, para a disciplina;
- Conhecer e participar das discussões relativas à confecção e uso de material didático;

- Auxiliar o tutor presencial em seu processo de orientação do aluno;
- Coordenar e equilibrar, dando sentido de unidade, as orientações dos tutores aos alunos;
- Avaliar o desempenho dos tutores e auxiliá-los em sua autoavaliação;
- Propor e coordenar encontros com os tutores para planejamento, acompanhamento e avaliação da disciplina;
- Participar de encontros com os outros professores formadores das disciplinas para dar unidade ao conteúdo do semestre letivo;
- Estimular os tutores a ampliarem seus processos de leitura, extrapolando o material didático;
- Conceber e desenvolver projetos de pesquisa e/ou extensão envolvendo tutores e alunos do curso;
- Preparar aulas de videoconferência;
- Planejar e participar das atividades presenciais;
- Elaborar novos conteúdos a serem disponibilizados na internet;
- Detectar problemas dos alunos e tutores, buscando encaminhamentos e soluções;
- Estimular o aluno em momentos de dificuldades para que não desista do curso;
- Participar ativamente do processo de avaliação de aprendizagem;
- Preparar atividades de recuperação de aprendizagem;
- Relacionar-se com os demais professores, na busca de contribuir para o processo de avaliação do curso.

Professor Orientador: atuará nas disciplinas preparatórias do trabalho de Conclusão de Curso. Dentre suas atividades destacam-se:

- Participar dos cursos de formação oferecidos pela UAB/UECE em horário e local a serem divulgados posteriormente no site.
- Estabelecer, com o orientando, o plano de estudo, o respectivo programa, os horários e formas de atendimento e outras providências necessárias.
- Formular ou rever o tema de estudo a ser investigado, quando for o caso, e o planejamento a partir da proposta de Trabalho de Conclusão de Curso.
- Analisar e avaliar as etapas produzidas, apresentando sugestões de leituras, estudos ou experimentos complementares, contribuindo para a busca de soluções de problemas surgidos no decorrer dos trabalhos.
- Indicar bibliografia básica para o(s) tema(s) de sua especialidade.
- Informar o orientando sobre o cumprimento das normas, procedimentos e critérios de avaliação do TCC, de acordo com Normas da UECE/UAB e ABNT.
- Avaliar e devolver, no menor espaço de tempo possível, os documentos enviados pelos orientandos entregues para avaliação e recomendações.

- Solicitar ao Coordenador do curso, a abertura dos fóruns e chats, conforme planejamento prévio.
- Facilitar aos estudantes a compreensão da estrutura e da dinâmica do TCC e estimular o bom desempenho dos mesmos.
- Utilizar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle) para interações síncronas e assíncronas, mantendo frequência de acesso regular, para acompanhamento do desempenho individual dos estudantes sob sua responsabilidade, esclarecendo dúvidas, respondendo os e-mails recebidos, e comentando os trabalhos.
- Proceder aos registros de desempenho individual dos estudantes sob sua responsabilidade e encaminhar para a Secretaria do Curso, respeitando os prazos estabelecidos.
- Apoiar e motivar, de maneira especial, os estudantes menos participativos e com mais dificuldades.
- Propor procedimentos que melhorem o desempenho dos estudantes.
- Conhecer detalhadamente os materiais e procedimentos de construção e finalização do TCC.
- Informar por meio de Parecer a Coordenação do curso, ao final do processo de elaboração do TCC, se o trabalho se encontra em condições de ser apresentado.
- Oficializar à Coordenação do Curso os casos passíveis de avaliação e aprovação de TCC, para agendarem data e hora de apresentação da defesa pública do mesmo.
- Realizar duas viagens ao(s) polo(s) no(s) qual(is) possui(em) orientandos, com vistas a acompanhar de forma presencial, o trabalho desenvolvido pelos mesmos, visando melhor acompanhamento do TCC, em datas previamente acordadas com a Coordenação.
- Preencher e assinar a Ficha de Avaliação Individual e a Ata da Banca Examinadora.
- Presidir a Banca Examinadora de apresentação dos seus orientandos e participar como membro das Bancas Examinadoras de orientandos de outros professores do mesmo polo, conforme calendário previamente acordado com a Coordenação do curso.
- Solicitar aos demais integrantes da Banca Examinadora o preenchimento, assinatura e devolução das Fichas de Avaliação Individual e do Parecer da Banca Examinadora, para entrega à Coordenação do Curso, juntamente com a versão final do TCC, de acordo com as normas da UECE.
- Resolver, sob supervisão da Coordenação do Curso, questões relacionadas ao TCC, em geral, e as de seus orientandos, caso não estejam previstas neste Manual.
- Contribuir para o aperfeiçoamento do TCC, sugerindo melhorias nos instrumentos de coleta de materiais que avaliam os estudantes e o TCC, respondendo e devolvendo questionários de pesquisa, eventualmente aplicados pela Coordenação.

- Cumprir o cronograma estabelecido, participar das reuniões da equipe de orientadores e reuniões de planejamento em conjunto.
- Apoiar a equipe gestora do Curso na preparação dos Seminários Regionais de Finalização em que serão apresentados os Trabalhos de Conclusão de Curso.
- Outras atribuições correlatas ao trabalho de orientação.

A oferta de cursos na modalidade EAD, por sua vez, exige a presença de outros profissionais no processo de mediação da aprendizagem, que são os tutores a distância e presencial. Na UECE, esses profissionais desempenham um conjunto de atividades conforme descrito a seguir.

Tutor a distância: trabalha diretamente com os professores formadores auxiliando-os nas atividades de rotina do curso. Cumpre o papel de facilitador da aprendizagem, esclarecendo dúvidas, reforçando a aprendizagem, coletando informações sobre os estudantes e, principalmente, desenvolvendo atividades de motivação junto aos alunos, para assegurar a permanência dos mesmos no curso. O número de tutores a distância é definido obedecendo a regra de 1 tutor para cada grupo de 25 alunos. O tutor a distância é escolhido por processo seletivo, prioritariamente entre os professores da Universidade e terá como critérios para o candidato à função:

- Ser graduado ou pós-graduado em História e/ou áreas afins;
- Ter dedicação de carga horária compatível com seu contrato, incluindo possíveis atividades inerentes à Tutoria fora do seu horário normal de trabalho e viagens;
- Ter facilidade de comunicação;
- Ter conhecimentos de informática;
- Participar de formações e capacitações relacionadas ao curso.

Após a seleção, o candidato deve participar do processo de formação sobre EAD, produção de material didático para as disciplinas do curso, sistemática de acompanhamento presencial e a distância, mecanismos de avaliação para EAD, etc.

No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do tutor à distância:

- Participar dos cursos e reuniões para aprofundamento teórico relativo aos conteúdos trabalhados nas diferentes áreas;
- Realizar estudos sobre a educação a distância;
- Participar de projetos de pesquisa e/ou extensão juntamente com professores formadores e alunos;
- Conhecer e participar das discussões relativas à confecção e uso de material didático;
- Auxiliar o aluno em seu processo de estudo, orientando-o individualmente ou em pequenos grupos;
- Estimular o aluno a ampliar seu processo de leitura, extrapolando o material didático;

- Auxiliar o aluno em sua autoavaliação;
- Detectar problemas dos alunos, buscando encaminhamentos e solução;
- Estimular o aluno em momentos de dificuldades para que não desista do curso;
- Participar ativamente do processo de avaliação de aprendizagem;
- Relacionar-se com os demais tutores e professores formadores, na busca de contribuir para o processo de avaliação do curso;
- Preparar atividades de recuperação de aprendizagem;
- Avaliar com base nas dificuldades apontadas pelos alunos, os materiais didáticos utilizados no curso;
- Realizar pesquisas *online* e *off line* sobre materiais didáticos, práticas pedagógicas e outras estratégias de EAD que estimulem e facilitem a aprendizagem discente;
- Apontar as falhas no sistema de tutoria;
- Informar sobre a necessidade de apoios complementares não previstos pelo projeto;
- Mostrar problemas relativos à modalidade da EAD, a partir das observações e das críticas recebidas dos alunos;
- Participar do processo de avaliação do curso.

Tutor presencial: fará o acompanhamento dos estudantes nos Pólos presenciais, permitindo acesso à infraestrutura, esclarecendo dúvidas técnicas sobre o ambiente de aprendizagem e motivando os alunos. Ocupa papel importante atuando como elo de ligação entre os estudantes e a UECE. O tutor presencial poderá ser professor da rede pública estadual ou municipal, da cidade sede do Pólo, e serão selecionados pela UECE, ouvidas as instituições parceiras. Os tutores presenciais devem apresentar o seguinte perfil:

- Ser graduado ou pós-graduado em História e/ou áreas afins;
- Ter experiência comprovada de pelo menos 1 ano no magistério da Educação Básica;
- Ter facilidade de comunicação;
- Ter conhecimentos de informática;
- Participar de formações em EAD.

Para garantir o processo de interlocução permanente e dinâmico, a tutoria utilizará não só a rede comunicacional viabilizada pela internet, mas também outros meios de comunicação como telefone, fax e correio, que permitirão a todos os alunos, independentemente de suas condições de acesso ao Pólo, contar com apoio e informações relativas ao curso.

A comunicação será realizada nas formas de contato aluno-professor, aluno-tutor e aluno-aluno, por meio da internet, do telefone, fax e correio. Os recursos da internet serão empregados para disseminar informações sobre o curso, abrigar funções de apoio ao

estudo, proporcionar acesso ao correio eletrônico, fóruns e “chats”³², além de trabalhos cooperativos entre os alunos.

8.2. Serviços de Coordenação e gestão pedagógica e administrativa dos cursos

Os cursos do sistema UAB/UECE oferecidos na modalidade EAD estão organizados a partir de um subsistema de produção centralizada com execução descentralizada. Assim, os recursos humanos foram selecionados observando a dimensão administrativa e acadêmica necessária e suficiente para assegurar o êxito da iniciativa, quais sejam:

Coordenador de curso: responsável pela Coordenação do curso, cabendo a ele a responsabilidade pela organização administrativa e acadêmica do mesmo, competindo-lhe também acompanhar e avaliar todo o processo de execução do curso nos Pólos. O coordenador do Curso será selecionado entre os professores efetivos do curso de História presencial, sendo exigido experiência administrativa no ensino superior, de pelo menos, 2 anos. O coordenador presidirá o colegiado do Curso, constituído pelos professores (conteudistas e formadores), tutores (a distância e presencial) e coordenadores de Pólo. O coordenador do Curso contará com apoio de um coordenador de tutoria que atuará nas atividades de apoio aos Polos presenciais e no desenvolvimento de atividades de pesquisa e extensão universitárias relativas ao curso.

Coordenador de Tutoria: acompanha o desenvolvimento das atividades da tutoria em relação ao estudo das unidades através do AVA. Será selecionado entre os professores efetivos de curso de História presencial, sendo exigido experiência administrativa no ensino superior, de pelo menos, 2 anos. No que diz respeito à dimensão do acompanhamento e avaliação do processo ensino-aprendizagem, são funções do coordenador de tutoria:

- Orientar a respeito da preparação do material da disciplina;
- Preparar materiais para capacitação de Tutores- *captut*;
- Supervisionar a entrega das provas e trabalhos com os respectivos gabaritos, quando for o caso;
- Intermediar as possíveis dificuldades de comunicação entre professores e Tutores e a demanda dos tutores com vistas ao correto andamento da disciplina;
- Oferecer suporte ao coordenador do Curso nas questões que envolverem os professores das disciplinas, como seleção e treinamento;
- Supervisionar, de maneira aleatória, as trocas de mensagens ocorridas entre alunos e tutores.

³² Poderão ser realizados “chats” por temas ou unidades em horários alternados sempre comunicados com antecedência de pelo menos 3 dias úteis aos estudantes. Os Chats entre especialistas e alunos serão mediados pelos Tutores que farão a triagem das perguntas. Os Fóruns vão ser temáticos e permanentes por disciplinas. Os conteúdos serão interativos.

Coordenador de Estágio: responsável pela coordenação, gerenciamento e acompanhamento da equipe de professores supervisores dos Estágios Supervisionados do curso. O Coordenador de Estágio será selecionado entre os professores efetivos de curso de História, sendo exigido experiência no ensino superior, de pelo menos, 2 anos bem como experiência com atividades relacionadas a estágio supervisionado em cursos presenciais. Tem como atribuições:

- Visitar os polos que ofertam o curso para em reunião com a Secretaria Municipal de Educação e a Coordenadoria Regional de Educação ou Direção de escolas de ensino fundamental e médio, articular o campo de estágio supervisionado para os alunos.
- Planejar, juntamente com os Supervisores de Estágio, as disciplinas, observando as exigências legais emanadas pelo CNE e UECE.
- Coordenar todas as atividades pedagógicas resultantes das realizações dos estágios.
- Realizar reuniões com os supervisores de estágio para encaminhamento de todas as atividades.
- Colaborar com a coordenação do curso na definição de ações de planejamento, acompanhamento e avaliação de todas as atividades de estágio.
- Participar dos cursos de formação oferecidos pela UAB/UECE em horário e local a divulgados no site.
- Estabelecer, com os Supervisores de Estágio, o plano de estágio a partir das ementas das disciplinas e legislação específica da UECE para o Estágio Supervisionado, o calendário de reuniões mensais e semestrais.
- Analisar e avaliar o andamento de cada grupo de alunos dos Supervisores de Estágio, apresentando sugestões de encaminhamentos, contribuindo para a busca de soluções de problemas surgidos no decorrer dos estágios.
- Informar os supervisores de estágio sobre o cumprimento das normas, procedimentos e critérios de avaliação do Estágio, de acordo com Normas da UECE/UAB.
- Verificar junto às instâncias acadêmicas e administrativas da UECE se o pagamento do Seguro dos estagiários foi efetivado.
- Solicitar ao Coordenador do curso, a abertura dos fóruns e chats, conforme planejamento prévio.
- Facilitar aos estudantes a compreensão da estrutura e da dinâmica do Estágio Supervisionado estimular o bom desempenho dos mesmos.
- Utilizar o Ambiente Virtual de Aprendizagem (MOODLE) para interações síncronas e assíncronas, mantendo frequência de acesso regular, para acompanhamento do desempenho individual dos estudantes durante os Estágios, esclarecendo dúvidas, respondendo os e-mails recebidos, e comentando os trabalhos.

- Orientar os Supervisores de Estágio sobre procedimentos relativos aos registros de desempenho individual dos estudantes sob sua responsabilidade e encaminhar para a Secretaria do Curso, respeitando os prazos estabelecidos.
- Apoiar e motivar, de maneira especial, os estudantes menos participativos e com mais dificuldades.
- Propor procedimentos que melhorem o desempenho dos estudantes.
- Conhecer detalhadamente os materiais e procedimentos relativos ao Estágio Supervisionado.
- Resolver, sob supervisão da Coordenação do Curso, questões relacionadas ao Estágio Supervisionado.
- Contribuir para o aperfeiçoamento do campo de estágio, sugerindo melhorias nos instrumentos de registro e elaboração de Relatórios, respondendo e devolvendo questionários de pesquisa, eventualmente aplicados pela Coordenação.
- Cumprir o cronograma estabelecido, participar das reuniões da equipe de supervisores e reuniões de planejamento em conjunto.
- Apoiar a equipe gestora do Curso na preparação de seminários ou outros eventos no polo de apoio presencial, para socialização das atividades de estágio com a SME, escola, alunos e outros interessados.
- Outras atribuições correlatas ao trabalho de estágio.

Coordenador de Polo: responsável pela coordenação do Pólo de apoio presencial, permitindo o acesso dos alunos efetivamente matriculados à infraestrutura existente, organizando o funcionamento administrativo e acadêmico do mesmo. Ocupa papel importante, mantendo contato contínuo com a UECE e articulando com a Prefeitura ou Instituições parceiras as condições de funcionamento e manutenção do Polo. O coordenador do Pólo deverá ser professor da rede pública estadual ou municipal, em efetivo exercício a mais de 3 anos no magistério da Educação Básica. Em cada Polo deve haver um centro de apoio com infraestrutura e organização de serviços que permite o desenvolvimento de atividades de cunho administrativo e acadêmico do curso. A infraestrutura conta com Laboratório de Informática, biblioteca, sala de apoio pedagógico e ambiente para videoconferência. O processo seletivo para escolha do coordenador de pólo far-se-á através de iniciativa conjunta da UECE com o município ou a Secretaria de Educação do Estado. São atribuições do coordenador de Pólo:

- Gerenciar as atividades administrativas do Pólo, mantendo-o em funcionamento para atendimento presencial em dias e horários previamente definidos;
- Gerenciar as atividades pedagógicas do Polo, assegurando as condições básicas para atendimento dos alunos;
- Zelar pelo patrimônio material do Polo;

- Participar de capacitações presenciais e a distância sobre atribuições e competências de sua função;
- Participar de reuniões com a Coordenação Geral da UAB-UECE e dar os encaminhamentos necessários;
- Comparecer, sempre que convidado, as reuniões com as Coordenações de outros Polos, para socialização de experiências e integração do sistema UAB;
- Elaborar relatórios das atividades desenvolvidas no Pólo;
- Coordenar as ações dos tutores presenciais, contribuindo para a permanência dos alunos e o sucesso da aprendizagem;
- Apoiar os tutores presenciais, facilitando-lhes o acesso aos recursos didáticos disponíveis, para estudo e aprofundamento;
- Dimensionar equipe de apoio para auxiliar na administração do Pólo, e encaminhar demanda a Prefeitura ou Instituição parceira;
- Atender e apoiar as equipes externas que visitarem o Pólo para proceder avaliações institucionais ou pesquisas.

A UECE conta com um Sistema Acadêmico (SISACAD) para atender o controle da atividade acadêmica dos alunos dos cursos de graduação nas modalidades presencial e à distância. O Sistema atende todo o registro da vida acadêmica, desde o controle de chamadas dos candidatos aprovados no exame vestibular até a emissão do diploma de graduação. Entre outros recursos, permite a matrícula, gerenciamento de cursos, cadastros de disciplinas, turmas, fluxos e disponibiliza vários relatórios gerenciais. O sistema possui o módulo Aluno-online totalmente WEB, acessado por navegador, onde é possível o aluno fazer o acompanhamento de todas as disciplinas cursadas, realizar trancamento de disciplinas, consultar e imprimir históricos e declarações.

8.3. Plano Anual de Capacitação Continuada

Na UAB/UECE, os profissionais que atuam nos cursos oferecidos na modalidade EAD são beneficiados com o Plano Anual de Capacitação Continuada (PACC) disponibilizado, por Chamada Pública, pela CAPES. Esses cursos ocorrem em períodos distintos, ao longo do ano letivo, dando oportunidade dos tutores a distância e presenciais, professores formadores e conteudistas, coordenadores de curso, tutoria, polos, equipe multidisciplinar, pessoal de apoio participarem.

Desde 2009, quando da implantação dos primeiros cursos na UAB/UECE, são realizadas ações de formação a cada ano. Os tutores presenciais e a distância, selecionados mediante Chamada Pública, tem como requisito para atuar, a participação nos cursos de formação. Com a evolução do sistema e ampliação da oferta de cursos e turmas

na UAB/UECE, os cursos de formação previstos nas ações dos PACC estão adquirindo configurações mais complexas. A ideia é disponibilizar cursos de níveis básico, intermediário e avançado, com ofertas anuais, para os diversos atores, dependendo do seu histórico de envolvimento e participação na modalidade EAD.

Nesse período três cursos já aconteceram procurando assegurar a efetiva formação continuada, considerando as necessidades individuais do público alvo e dos cursos em que professores, tutores e coordenadores de polos que atuam na modalidade em EAD na UECE/UAB. Os Módulos ministrados foram os seguintes:

- Tecnologia da Informação e Comunicação para Ea;
- Produção de Material Didático para EaD
- Criação de Cursos no Ambiente Moodle
- Teoria e Prática em tutoria na EaD
- Avaliação em EaD
- Gestão de Sistemas de Educação a Distância

A metodologia adotada consistiu de formação teórica e atividades práticas utilizando a plataforma Moodle na qual foram modelados os cursos, disponibilizado o material e executadas as tarefas e avaliações. Os conteúdos dos cursos foram trabalhados realizando palestras de forma presencial na abertura em cada módulo e depois os cursistas consultaram o material, cumpriram as atividades, interagiram com os tutores e executaram as avaliações através do ambiente Moodle.

O processo avaliativo ocorreu utilizando a plataforma Moodle como ambiente de disponibilização de atividades, utilizando situações problema que deveriam ser resolvidas pelos cursistas e depois corrigidas pelos professores responsáveis pelos módulos. A certificação foi emitida pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará mediante o cumprimento da carga horária e desempenho avaliado de cada cursista.

No ano de 2012 foi executado o Plano Anual de Capacitação Continuada 2011 (PACC). É uma iniciativa que faz parte das ações da Universidade Aberta do Brasil, com apoio da CAPES e tem como objetivo qualificar profissionais que atuam no sistema UAB/UECE e outros parceiros. Consiste de um curso de extensão universitária com 120 horas-aulas, divididos em quadro módulos, abordando os seguintes temas: Tecnologias da Informação e Comunicação em EAD, Tutoria e Docência a distância, Material didático para EAD e Gestão na educação a distância.

O PACC está sendo desenvolvido por meio de um curso de extensão universitária com 120 horas-aulas realizado na modalidade de educação a distância e dividido em 4 módulos, abordando os seguintes temas.

Módulo didático	CH
1. Tecnologias da Informação e Comunicação em EAD Ementa: Introdução ao ambiente virtual da aprendizagem; Conteúdo digital; Ferramentas de Interação; Gerenciamento de usuários. Recursos da web 2.0.	30
2. Tutoria e Docência a distância Ementa: Tutoria em EAD; Planejamento de aulas e atividades em cursos a distância; Design pedagógico; Avaliação e educação a distância.	30
3. Material didático para EAD Ementa: Seleção e elaboração de material didático para EAD; Mídias e educação; Mídias digitais; Objetos de aprendizagem; Repositórios de conteúdos digitais.	30
4. Gestão na educação a distância Ementa: Conceitos básicos de gestão; Gestão de sistemas em EAD; Gestão de polos; Atribuições dos atores em sistemas de EAD; Gestão no sistema UAB; Legislação sobre educação superior no Brasil e EAD.	30
TOTAL	120

9. Acompanhamento e atualização do Projeto Pedagógico

Consideramos que a busca pelo aprimoramento constante do projeto pedagógico de um curso deve ser um elemento norteador da qualidade dos serviços educativos. Assim sendo, sua constante reavaliação é salutar para a garantia de sua pertinência frente à legislação educacional vigente e às normativas internas da UECE que regem os cursos de graduação e demais atividades relacionadas.

O processo de avaliação contínua do PPH será feita através do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso, nos termos da Resolução Nº 01 CONAES, de 17/06/2010. O NDE será composto por 5 Professores do Colegiado do Curso, sob a presidência da Coordenação do Curso e terá como atribuições básicas:

- Elaborar o PPH definindo sua concepção e fundamentos.
- Estabelecer o perfil profissional do egresso do curso.
- Atualizar periodicamente o PPH.
- Dar conhecimento do PPH ao conjunto de professores do Curso.
- Conduzir os trabalhos de reestruturação curricular.
- Supervisionar as formas de avaliação e acompanhamento do curso.
- Analisar e avaliar os planos de ensino dos componentes curriculares (disciplinas).
- Promover a integração curricular interdisciplinar, respeitando os eixos estabelecidos no PPH.
- Acompanhar as atividades do corpo docente.
- Zelar pelo cumprimento das Diretrizes Curriculares Nacionais.

Parte 2: Curso de Graduação em História Licenciatura a Distância

1. Caracterização do Curso

1.1. Apresentação

A oferta do Curso de Graduação em História, modalidade à distância, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil/UAB visa responder, prioritariamente, às necessidades de formação e qualificação profissional de professores de História, Sociologia e Filosofia, atendendo às exigências das atuais transformações científicas e metodológicas, já que entendemos que as universidades públicas têm compromisso com a qualidade da Educação Básica, por incluir, como uma de suas funções, a formação de professores para esse nível de ensino.

Para corresponder às demandas do mundo contemporâneo, mediado em grande parte pelas inovações tecnológicas, é preciso participar da transformação da realidade escolar e para isso é imprescindível a formação de docentes com perfil condizente com a mudança de paradigmas que o atual momento histórico brasileiro exige.

Nesse contexto, faz-se necessário a compreensão crítica destas transformações exigindo a formação de profissionais deste campo do saber para atuar na educação básica.

O Curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano, da Universidade Estadual do Ceará – FAFIDAM/UECE, Campus de Limoeiro do Norte – CE, modalidade presencial, completará 45 anos em agosto de 2013 e nesse percurso tem contribuído para a formação de profissionais que atuam em toda a região do Baixo e Médio Jaguaribe. Sua trajetória nos capacita a propor este projeto de curso na modalidade à distância.

1.2 Justificativa

Para a elaboração deste projeto nos apoiamos no Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em História da FAFIDAM, aprovado pela Resolução Nº 3440/2012-CEPE, de 27 de abril de 2012, por este configurar-se resultado do trabalho conjunto dos cursos de História dos campi de Fortaleza, Quixadá e Limoeiro do Norte.

A implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Nº 9.394/96) e o estabelecimento da obrigatoriedade de formação superior para atuação no magistério da Educação Básica, veio ao encontro da necessidade de formação de profissionais capacitados e especializados para o ensino em áreas específicas do conhecimento, com atuação na Educação Básica. Nesse contexto, A FAFIDAM/UECE no Vale Jaguaribe

justifica-se por ser única instituição pública de ensino superior com vocação histórica na formação de licenciados, que atua na região desde 1968.

Nesses termos, o Curso de Graduação em História – na modalidade de Licenciatura a Distância, da FAFIDAM/UECE/UAB, visa formar professores licenciados voltados às necessidades da Educação Básica, tendo em vista a melhoria da qualidade do ensino no interior do Ceará.

Ao considerar a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e as atividades de extensão e inovações tecnológica como o princípio fundamental para uma formação universitária ampla e de qualidade, o Curso de Graduação em História – na modalidade de Licenciatura a Distância, da FAFIDAM/UECE/UAB, elege como foco o compromisso de incentivar e fornecer elementos competentes voltados à atividade de elaboração dos trabalhos monográficos pelos discentes, por meio dos quais se espera promover o contato com o ensino e a pesquisa. O exercício monográfico proporciona a consolidação do conhecimento acumulado pelo discente no decorrer do curso, pautados na articulação teoria-prática, no que concerne ao manuseio e análise de documentos e sua utilização nos projetos de ensino da História. Deste modo, o objetivo do Curso de Graduação em História – na modalidade de Licenciatura a Distância, da FAFIDAM/UECE/UAB, é formar o professor de História capaz de trabalhar na perspectiva dialógica, no seu cotidiano na sala de aula, os documentos como fontes de pesquisa histórica, os conceitos fundamentais, leituras diversas sobre tempo e espaço e, sobretudo, a produção de conhecimento acerca das experiências humanas e, primordialmente, experiências relacionadas ao ensino de História. A produção do conhecimento histórico se faz presente tanto na atividade da pesquisa, como na prática da licenciatura.

Desse modo, cabe pensar o Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em História – na modalidade de Licenciatura a Distância, da FAFIDAM/UECE/UAB, à luz do princípio da indissociabilidade entre pesquisa, ensino, extensão e as tecnologias da informação a fim de estabelecer entre tais dimensões do conhecimento um permanente diálogo, necessário ao compromisso social do licenciado em História, especialmente no que diz respeito à formação do profissional capaz de compreender a realidade na qual se insere e, sobretudo, comprometer-se com uma prática docente crítica e reflexiva.

1.3 O curso

Nome do Curso: Licenciatura em História

Modalidade: a Distância

Faculdade Vinculada: Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM

1.3.1 Histórico

A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM), integra a Universidade Estadual do Ceará, está localizada em Limoeiro do Norte – Ceará, e tem por objetivo formar profissionais para atuarem na Educação Básica, atendendo assim aos anseios da população do Baixo e Médio Jaguaribe. Assim, desde a sua implantação, estrutura cursos de licenciatura plena em áreas diversas do conhecimento, visando à formação de professores atuantes em diferentes funções no âmbito das instituições educacionais da região jaguaribana.

Por meio da reivindicação de Dom Aureliano Matos, Bispo da Diocese de Limoeiro do Norte, o então governo do Cel. Virgílio Távora criou através da Lei nº. 8.557, de 19 de agosto de 1966, a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Estruturada como Autarquia Estadual em janeiro de 1967, pela Lei nº. 8.716, a FAFIDAM possuía autonomia administrativa, financeira, pedagógica e disciplinar, comum a outras instituições de ensino superior à época, no Ceará, como a Faculdade de Filosofia do Ceará, a Escola de Administração e a Escola de Veterinária do Ceará.

A abertura dos cinco primeiros cursos de Licenciatura - Letras, Pedagogia, Geografia, História e Matemática – foi autorizada pelo Conselho Estadual de Educação, através do Parecer nº. 425, em 1968. Aos 08 de novembro de 1967, foi publicado no Diário Oficial do Estado do Ceará, o Decreto nº. 8.295, que permitiu a abertura das inscrições para o 1º Concurso Público de Provas e Títulos para o ingresso no Magistério Superior de profissionais que formariam o corpo docente da FAFIDAM.

A realização de seu primeiro Vestibular deu-se no período de 03 a 05 de janeiro de 1968. A aula inaugural, proferida pelo historiador Raimundo Girão, então Secretário de Cultura do Ceará, ocorreu no dia 08 de agosto de 1968, contando com a presença do Reitor da Universidade Federal do Ceará, além de Secretários de Estado, da Congregação da Faculdade de Filosofia do Ceará e Prefeitos dos municípios que compõem a região do Vale Jaguaribe.

Em 1973, a FAFIDAM passou a ser mantida pela Fundação Educacional do Estado do Ceará – FUNEDUCE, criada pela Lei nº. 9.753, de 18 de outubro de 1973, que extinguiu as Autarquias Estaduais de Educação. A partir de 1981, é integrada à Universidade Estadual do Ceará – UECE, por parecer do Conselho Federal de Educação, passando a obedecer ao Regimento Interno desta Universidade.

Em constante crescimento e expansão de suas atividades a FAFIDAM se estrutura em 2013 com 09 cursos de licenciatura plena, a saber: Ciências Biológicas, Física, Geografia, História, Letras Português e Língua Inglesa, Matemática, Pedagogia, Química e Licenciatura em Educação do Campo em convênio com o MEC/FNDE/SECADI/

PROCAMPO, sendo a maior unidade da UECE instalada no interior do Estado do Ceará. A FAFIDAM também conta com o Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino em parceria com a Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC, Campus da UECE em Quixadá.

O funcionamento do curso de Licenciatura Plena em História da FAFIDAM, em Limoeiro do Norte, foi reconhecido através do Decreto Nº 73.651 de 15/02/1974. Desde então, a proposta curricular do curso de História da UECE é fundamentalmente voltada à formação do professor. A partir de 1992, a proposta curricular enfatiza a necessidade de se estimular a atividade de pesquisa como meio para o conhecimento da realidade local. Além disso, apontava ainda para a formação ampla do profissional de História com a finalidade de atuar em várias áreas do mercado de trabalho. Entretanto, as disciplinas epistemológicas e teórico-metodológicas ofertadas naquele currículo não proporcionavam um efetivo embasamento para o desenvolvimento de tais fins. Todavia, quando se iniciaram as discussões em torno da reforma curricular efetuada em 2003, posteriormente revisada (2006), considerou-se a necessidade de consolidar no currículo oportunidades concretas para o aprendizado dos conteúdos relacionando teoria e prática, com ênfase na obrigatoriedade do trabalho monográfico como requisito para conclusão do curso de licenciatura plena. Essa proposição aparecerá contemplada nas Diretrizes Curriculares para os Cursos de História (Resolução CNE/CES nº 13, de 13/03/2002), ao abrigo da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).

As mudanças na matriz curricular efetuadas em 2003 e 2006 apresentam-se capazes de superar a dicotomia entre as atividades de ensino e de pesquisa, buscando assim integrá-las como atividades essenciais ao processo de formação do professor.

A redefinição da distribuição da carga horária instituída pela Resolução CNE/CP Nº 2, de 09/02/2002, proporcionou condições de melhor distribuição das disciplinas voltadas à prática de ensino e à prática da pesquisa, ao longo do curso. Nesse sentido, a matriz curricular que ora propomos, adequada à legislação vigente, vem integrar-se ao Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em História – Licenciatura a distância, da FAFDIAM/UECE/UAB, visando a formação do professor de História pautados no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão e tecnologias da informação.

É útil apontar que apenas a mudança na matriz curricular não se apresenta por si suficiente para assegurar a qualidade do Curso de Licenciatura Plena em História. É fundamental que haja uma política de ações constantes por parte dos docentes e gestores da universidade e suas faculdades, em busca de desenvolver e ampliar meios de fomento à pesquisa, bolsas de pesquisa e de monitorias, como estímulo à participação discente nestas atividades, melhoria progressiva da biblioteca e infraestrutura do curso, ampliação do quadro de professores, das atividades acadêmicas extracurriculares, entre outros.

1.3.2 Formas de ingresso

Os candidatos devem ser portadores de certificação de conclusão do Ensino Médio ou equivalente. O processo seletivo será específico e obedecerá calendário previamente aprovado pelo CEPE/UECE. A oferta de vagas será regulada pela demanda dos Pólos, autorização da UAB/MEC e aprovação interna da UECE, com entrada anual e oferta de 40 (quarenta) vagas por Pólo.

1.3.3 Carga Horária do Curso e Integralização

Respeitando a Resolução CNE/CP Nº 2, de 19 de fevereiro de 2002, a carga horária geral do Curso de Graduação em História da FAFIDAM/UECE/UAB, na modalidade a Distância, totaliza 3.128 horas/aulas (três mil cento e vinte e oito), distribuídas da seguinte forma:

- 2.108 horas/aulas de Conteúdos Curriculares de Natureza Científico Cultural;
- 408 horas de Prática como Componente Curricular;
- 408 horas de Estágio Curricular Supervisionado;
- 204 horas para Atividades Acadêmico-científico-culturais.

Para integralização do curso são necessárias 3.128 horas aulas, o que corresponde a 184 créditos.

1.3.4 Flexibilização de Carga Horária

O aproveitamento dos estudos realizados nos cursos na modalidade EAD/UECE dar-se-á da seguinte forma:

- Os estudos realizados com aprovação no curso objeto do presente projeto serão passíveis de aproveitamento em outros cursos, a critério das respectivas instituições de ensino.
- Ao aluno vinculado ao curso na modalidade EAD/UECE será facultada a transferência de vínculo para outro curso na modalidade EAD oferecido por outra instituição, sempre que houver alteração comprovada de *locus* de trabalho para área de abrangência de outra instituição e respeitadas as possibilidades de execução do projeto do curso receptor; de igual forma, os cursos na modalidade EAD/UECE também receberão alunos de cursos na modalidade EAD de outras instituições, nas mesmas condições.
- Dada a característica do fluxograma curricular para este curso específico de graduação a distância, a mobilidade entre os cursos a distância do mesmo projeto será automática.

1.3.5 Condições de Certificação

As condições de Certificação do Curso de Graduação em História – modalidade a Distância serão as mesmas estabelecidas no Regimento Geral da UECE, conforme o Subtítulo IV – Dos diplomas, certificados e títulos, arts. 127 a 133.

2. Estrutura do Curso

2.1. Perfil do profissional a ser formado

O perfil do profissional licenciado em História orienta-se para o exercício do magistério em todos os graus (Educação Básica e Superior), com domínio da natureza do conhecimento histórico e competências específicas relativas ao uso apropriado de metodologias e técnicas pedagógicas para o ensino nos níveis fundamental e médio.

2.1.1 Princípios Norteadores

Visando a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, o objetivo do curso é formar profissionais licenciados com uma formação ampla, visando desenvolver capacidade reflexiva em relação ao uso de diversas fontes do conhecimento historiográfico em suas diferentes áreas, como patrimônio histórico e cultural, preservação e compilação de documentos, elaboração de pareceres, relatórios, planos e projetos de pesquisa, tendo como referência o processo de ensino/aprendizagem de História.

2.1.2. Habilidades e Competências

O processo de ensino-aprendizagem orientado pela organização curricular requer, no preparo do professor, desenvolvimento da capacidade investigativa, domínio de conteúdos e habilidade para produzir mediações que proporcionem a aprendizagem do aluno. Para tanto, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica (Resolução CNE/CP nº 1, de 18/02/2002), e as Diretrizes Curriculares do Curso de História (Resolução CNE/CES nº 13, de 13/03/2002 e Parecer CNE/CES Nº 492, de 03/04/2001), o Curso de Graduação em História – na modalidade de Licenciatura a Distância, da FAFIDAM/UECE/UAB, adota as seguintes competências e habilidades:

- Dominar as diferentes concepções metodológicas que referenciam a construção de categorias para a investigação e a análise das relações sócio históricas;
- Problematicar, nas múltiplas dimensões das experiências dos sujeitos históricos, a constituição de diferentes relações no tempo e espaço;
- Conhecer as informações básicas referentes às diferentes épocas históricas nas várias tradições civilizatórias assim como sua inter-relação;
- Transitar pelas fronteiras entre a História e as outras áreas do conhecimento;

- Desenvolver a pesquisa, a produção do conhecimento e sua difusão não só no âmbito acadêmico, mas também em instituições de ensino, museus, em órgãos de preservação de documentos e no desenvolvimento de políticas e projetos de gestão do patrimônio cultural;
- Domínio dos conteúdos básicos que são objeto de ensino-aprendizagem no ensino fundamental e médio;
- Domínio dos métodos e técnicas pedagógicos que permitem a elaboração do conhecimento para os diferentes níveis de ensino.

Nesse sentido, a compreensão e apropriação criativa destas competências será o suporte para o desenvolvimento de habilidades facilitadoras do processo de ensino-aprendizagem. O profissional licenciado em História, no preparo de sua atividade docente, deve fundamentar-se pelos seguintes princípios e procedimentos (Resolução CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002):

- Ensino visando à aprendizagem e ao desenvolvimento da capacidade crítica do aluno;
- Acolhimento e o trato da diversidade;
- Aprimoramento em práticas investigativas;
- Elaboração e execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- Uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias,
- Estratégias e materiais de apoio inovadores;
- O desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe.
- Desenvolver a capacidade investigativa visando a pesquisa com foco no processo de ensino e de aprendizagem, visando a formação do sujeito reflexivo e ativo;
- Ter domínio dos conteúdos básicos que são objeto do ensino-aprendizagem nos diferentes níveis de ensino;

O licenciado em História deve se colocar como um sujeito crítico no mundo, construtor do processo educacional que vise à formação de educandos críticos capazes de intervir na realidade social. A compreensão da articulação entre teorias e práticas, dos estágios como elementos geradores das pesquisas, e da prática profissional como *locus* de produção do conhecimento é fundamental para a formação crítica e reflexiva nas salas de aula das escolas em seus diferentes níveis.

2.1.3 Campo de Atuação do Profissional

O Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em História da FAFIDAM/UECE/UAB, Licenciatura à Distância, visa a formação do licenciado em História para atuar no magistério da Educação Básica, podendo também atuar em outros níveis de ensino. Poderá ainda atuar em outras instituições, de cunho público e/ou privado, relacionadas ao conhecimento

da História, tais como museus, arquivos, centros de documentação (escrita, áudios, imagens, fontes orais), serviços de assessoria, produção de materiais didáticos da área de ensino da História, gestão e coordenação de cursos e projetos, dentre outros, entendendo que toda dimensão do trabalho do profissional licenciado em História deve focar o ensino e/ou ser utilizado como meio de ensino.

2.2. Objetivos do curso

2.2.1 Objetivo Geral:

Formar o profissional licenciado em História, propiciando uma visão humanista e crítica acerca da sociedade e da história, uma sólida base de conhecimentos em História, articulados à prática do trabalho docente, visando a sua atuação em instituições escolares e outras instituições do sistema educacional que demandem seus serviços.

2.2.2 Objetivos Específicos:

- Possibilitar ao licenciado uma formação para a compreensão da dimensão tempo e espaço no desenvolvimento das ações humanas;
- Propiciar ao licenciado o domínio teórico/metodológico para o reconhecimento e problematização das principais correntes historiográficas;
- Estimular a prática da interdisciplinaridade, fundamentada no diálogo com outras áreas do conhecimento, sem prejuízo das particularidades teórico/metodológicas relativas ao conhecimento histórico;
- Habilitar o licenciado para o desempenho das funções do magistério, destacando o princípio da indissociabilidade ensino/pesquisa como fundamento da prática docente;
- Propiciar o conhecimento e o domínio das tecnologias da informação e as estratégias de utilização em sala de aula.

3. Estrutura Curricular

A organização curricular apresentada no PPH encontra-se fundamentada no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. As disciplinas estão articuladas a partir da Resolução CNE/CP Nº 2, de 19/02/2002, que define a distribuição da carga horária dos cursos de licenciatura plena para a formação de professores da Educação Básica, qual seja:

- 2.108 horas-aulas de Conteúdo Curricular de Natureza Científico Cultural;
- 408 horas-aulas de Conteúdo Curricular de Natureza Prática;
- 408 horas-aulas de Estágio Curricular Supervisionado;
- 204 horas-aulas de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais.

A prática docente e a prática de pesquisa estão associadas aos conteúdos específicos da área de História, visando possibilitar ao aluno capacidade crítica investigativa para que possa refletir e produzir conhecimento histórico de forma a articular as dimensões teórica e prática. Neste sentido, destacam-se os seguintes aspectos:

- A organização de conteúdos que fundamentem a especificidade do conhecimento histórico/historiográfico e as práticas de pesquisa, problematizando os recortes espaço-temporais e diferentes matizes e concepções teórico-metodológicas
- Flexibilização do currículo de História, estimulando a interdisciplinaridade e a participação em outras formas de atividades acadêmico-científico-culturais
- A inclusão do ensino de Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos formação de professores para o magistério em nível médio e superior; de acordo com o Decreto Nº 5.626, de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10436, de 24/04/2002.
- A Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório para a Educação Básica o ensino sobre “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”
- A Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008, que regulamenta os estágios
- Resolução Nº 3241/CEPE/UECE, de 05/10/2009, que estabelece critérios e normas para institucionalização das Atividades Complementares dos Cursos de Graduação.

3.1. Fluxo do curso

O Curso é composto por conjuntos de disciplinas que estabelecem entre si uma relação de cronologia dos conteúdos, ao mesmo tempo em que inter-relacionam temáticas presentes em diferentes temporalidades que permeiam as periodizações da História. Isso

traduz uma dinâmica de articulações entre diferentes conteúdos e práticas cuja estrutura linear na sua disposição por semestres não revela.

O currículo, na sua totalidade, apresenta-se dinâmico e envolve diferentes saberes organizados em conteúdos específicos do conhecimento histórico/historiográfico, práticas de pesquisa, abrangendo diferentes matizes e concepções teórico-metodológicas, referenciais para problematização e recortes-espacos temporais e, ainda, conteúdos complementares visando ampliar a atuação do profissional de História em instituições de pesquisa, ensino e/ou ligadas ao patrimônio histórico/cultural, tendo como foco o ensino.

As disciplinas que compõem o fluxograma do Curso Graduação em História – Licenciatura a Distância, estão dispostas no quadro a seguir, apresentadas de modo sequencial.

SEMESTRE	DISCIPLINA	Nº Créd.	Carga Horária
1º	Introdução à Educação a Distância e Informática	04	68 h/a
	Introdução aos Estudos Históricos	04	68 h/a
	Introdução à Filosofia	04	68 h/a
	Introdução à Sociologia	04	68 h/a
	Disciplina Optativa I	04	68 h/a
2º	História Antiga I	04	68 h/a
	História do Brasil I	04	68 h/a
	História do Ceará I	04	68 h/a
	História da América I	04	68 h/a
	Teoria e Metodologia da História I	04	68 h/a
3º	História Antiga II	04	68 h/a
	História do Brasil II	04	68 h/a
	Organização e Legislação da Educação Brasileira	04	68 h/a
	Didática do Ensino de História	04	68 h/a
	Teoria e Metodologia da História II	04	68 h/a
4º	História Medieval	04	68 h/a
	Metodologia do Ensino de História	04	68 h/a
	Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	04	68 h/a
	História do Brasil III	04	68 h/a
	História do Ceará II	04	68 h/a
5º	História Moderna	04	68 h/a
	Oficina de Ensino de História Geral I	04	68 h/a
	Estágio Curricular Supervisionado I – Ensino fundamental	06	102 h/a
	Metodologia da Pesquisa Histórica	04	68 h/a
	História do Brasil IV	04	68 h/a
6º	História Contemporânea I	04	68 h/a
	Estágio Curricular Supervisionado II – Ação Educativa Patrimonial e Ensino na Escola de Educação Básica	06	102 h/a
	História da América II	04	68 h/a
	História da África	04	68 h/a
	Oficina de Ensino de História do Ceará	04	68 h/a
	Trabalho de Conclusão do Curso I – Memorial de		

	Formação Docente	01	68 h/a
7º	História Contemporânea II	04	68 h/a
	Linguagem Brasileira de Sinais – Libras	04	68 h/a
	Estágio Curricular Supervisionado III - Ensino Médio	06	102 h/a
	Disciplina Optativa II	04	68 h/a
	Oficina de Ensino de História do Brasil	04	68 h/a
	Trabalho de Conclusão do Curso II	01	68 h/a
8º	História Contemporânea III	04	68 h/a
	Historiografia Brasileira	04	68 h/a
	Estágio Curricular Supervisionado IV - Ensino, Pesquisa e Extensão na Escola de Educação Básica	06	102 h/a
	Disciplina Optativa III	04	68 h/a
	Oficina de Ensino de História Geral II	04	68 h/a
	Trabalho de Conclusão do Curso III	02	68 h/a
	Atividades Acadêmico-Científico-Culturais	12	204 h/a
	TOTAL	184	3128h/a

3.1.1 Lógica de Organização Curricular

O Curso de Graduação em História da FAFIDAM/UECE/UAB, Licenciatura a Distância, dispõe seu quadro de disciplinas compondo eixos curriculares, quais sejam: Núcleo de Teoria e Metodologia da História, composto pelas disciplinas introdutórias, teoria e metodologia da história, metodologia da pesquisa e trabalho de conclusão de curso; Núcleo de História Geral, comporta as disciplinas de História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea e História da América; Núcleo de História do Brasil, composto pelas disciplinas de História do Brasil e Ceará e Historiografia Brasileira; Núcleo Pedagógico e Prática de Ensino, concentra as disciplinas de psicologia, didática, metodologia do ensino e oficinas de ensino de História e Núcleo de Estágio Supervisionado, que concentra as disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso.

As disciplinas estão dispostas ao longo dos semestres, a partir de critérios cronológicos e/ou temáticos, de modo que articule conteúdos coerentemente e possibilite progressão temática e/ou cronológica. Além disso, é fundamental relacionar os conteúdos historiográficos com as disciplinas da área de teorias da história, bem como da área pedagógica.

As disciplinas, resguardando suas especificidades dadas aos eixos curriculares que orientam o fluxo curricular, foram agregadas segundo os componentes curriculares definidos pela Resolução CNE/CP Nº 2, de 19/02/2002, expostas a seguir.

3.1.2 Componentes Curriculares

3.1.2.1 Disciplinas de Conteúdo Curricular de Natureza Científico Cultural

DISCIPLINA	H/A	CRÉDITOS
Disciplina Optativa I – Introdução à Antropologia	68 h/a	04 cr
Disciplina Optativa II – Introdução à Geografia	68 h/a	04 cr
Disciplina Optativa III – História dos Povos Nativos do Brasil	68 h/a	04 cr
História Antiga I	68 h/a	04 cr
História Antiga II	68 h/a	04 cr
História Contemporânea I	68 h/a	04 cr
História Contemporânea II	68 h/a	04 cr
História Contemporânea III	68 h/a	04 cr
História da África	68 h/a	04 cr
História da América I	68 h/a	04 cr
História da América II	68 h/a	04 cr
História do Brasil I	68 h/a	04 cr
História do Brasil II	68 h/a	04 cr
História do Brasil III	68 h/a	04 cr
História do Brasil IV	68 h/a	04 cr
História do Ceará I	68 h/a	04 cr
História do Ceará II	68 h/a	04 cr
História Medieval	68 h/a	04 cr
História Moderna	68 h/a	04 cr
Historiografia Brasileira	68 h/a	04 cr
Introdução à Educação a Distância e Informática	68 h/a	04 cr
Introdução à Filosofia	68 h/a	04 cr
Introdução à Sociologia	68 h/a	04 cr
Introdução aos Estudos Históricos	68 h/a	04 cr
Linguagem Brasileira de Sinais – Libras	68 h/a	04 cr
Organização e Legislação da Educação Brasileira	68 h/a	04 cr
Metodologia do Ensino de História	68 h/a	04 cr
Didática do Ensino de História	68 h/a	04 cr
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	68 h/a	04 cr
Teoria e Metodologia da História I	68 h/a	04 cr
Teoria e Metodologia da História II	68 h/a	04 cr
TOTAL	2018 h/a	124 cr

3.1.2.2 Disciplinas de Conteúdo Curricular de Prática como Componente Curricular

DISCIPLINA	HORAS AULAS	CRÉDITOS
Oficina de Ensino de História do Brasil	68 h/a	04 cr
Oficina de Ensino de História do Ceará	68 h/a	04 cr
Oficina de Ensino de História Geral I (Antiga e Medieval)	68 h/a	04 cr
Oficina de Ensino de História Geral II (Moderna e Contemporânea)	68 h/a	04 cr
Metodologia da Pesquisa Histórica	68 h/a	04 cr
Trabalho de Conclusão de Curso I	17 h/a	01 cr
Trabalho de Conclusão de Curso II	17 h/a	01 cr
Trabalho de Conclusão de Curso III	34 h/a	02 cr
TOTAL	408 h/a	24 cr

Com essas disciplinas, se espera cumprir a meta posta nas Diretrizes Curriculares dos Cursos de História (Parecer CNE/CES Nº 492, de 03/04/2001) a qual sugere que os conteúdos histórico/historiográficos visem problematizar recortes espaço-temporais variados, sob diferentes matizes e concepções teórico-metodológicas, bem como os aspectos relativos à dimensão teórica e prática das referidas disciplinas.

É importante ressaltar que, para fins de adequação à obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena na Educação Básica (Lei nº 11.645/2008), incluímos as disciplinas de História da África e História dos Povos Nativos do Brasil no conjunto das disciplinas que integram os Conteúdos Curriculares de Natureza Científico-Cultural. Além disso, os conteúdos relativos à história e cultura indígena ainda aparecem em forma de temáticas nos ementários das disciplinas de História do Brasil I, História do Brasil IV, História da América I e História do Ceará I.

3.1.2.3 Disciplinas que integram o Estágio Curricular Supervisionado

DISCIPLINAS	HORAS AULAS	CRÉDITOS
Estágio Curricular Supervisionado I - Ensino Fundamental	102 horas	06 cr
Estágio Curricular Supervisionado II - Ação Educativa Patrimonial e Ensino na Escola de Educação Básica	102 horas	06 cr
Estágio Curricular Supervisionado III - Ensino Médio	102 horas	06 cr
Estágio Curricular Supervisionado IV - Ensino, Pesquisa e Extensão na Escola de Educação Básica	102 horas	06 cr
TOTAL	408 horas	24 cr

O Estágio Curricular Supervisionado deve proporcionar ao aluno a reflexão a partir da prática docente. Regulamentado pela Resolução CNE/CP no. 02, de 19 de fevereiro de 2002, o Estágio Curricular Supervisionado deve perfazer um mínimo de 400 h/a (quatrocentas), a partir do início da segunda metade do curso. O objetivo deste Estágio é

fornecer subsídios práticos necessários para a reflexão sobre o ensino e, conseqüentemente, instrumentalizar a formação profissional do aluno para proporcionar-lhe o exercício da regência de sala e outras atividades relacionadas ao ambiente escolar que possam contribuir na construção de sua prática docente.

O contato com a realidade do trabalho na escola integrante do sistema de ensino do país é importante para que o estudante de licenciatura possa reconhecer na realidade e no cotidiano da escola as problemáticas que envolvem o processo educativo e a formação do educando, com possibilidades de refletir sobre a prática e construir objetos de estudo a serem desenvolvidos em trabalhos monográficos.

É fundamental no Estágio Curricular Supervisionado que haja o diálogo entre a escola básica e a universidade, mediado pelo professor da escola básica, o professor da disciplina na universidade e o licenciando, pois é um momento de vivência acerca do processo de ensino-aprendizagem, com o objetivo de construção da autonomia do aluno.

O Estágio Curricular Supervisionado está dividido em quatro disciplinas de 06 créditos cada uma, a fim de possibilitar ao aluno o contato com os níveis de ensino (fundamental e médio) e os diferentes conteúdos e metodologias utilizados.

Essas atividades pedagógicas terão um caráter essencialmente prático, mas não desprovidas da reflexão necessária ao amadurecimento do trabalho docente. Nelas estarão presentes as várias possibilidades de repensar e exercitar a docência no espaço escolar. Propõe-se, especialmente, a potencialização do uso do patrimônio histórico cultural no ensino nos momentos de Estágio Curricular Supervisionado, por meio do qual os alunos exercitarão o fazer docente e terão oportunidade de realizar a conexão entre pesquisa e ensino, entre teoria e prática. Considera-se ainda que, de acordo com a Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, “os alunos que exerçam atividade docente regular na educação básica poderão ter redução da carga horária de estágio curricular supervisionado até o máximo de 200 (duzentas) horas”.

3.2. Trabalho de conclusão de curso - TCC

O Trabalho de Conclusão de Curso é considerado o ponto culminante da trajetória do aluno ao longo do curso, no qual irá realizar o exercício acadêmico de refletir sobre suas vivências à luz de referenciais teóricos de natureza pedagógica, tomando a interdisciplinaridade como marco da reflexão. É neste momento que o aluno vai conseguir realizar uma síntese formal, através da produção de um trabalho científico, orientado por um docente, atendendo a todas as exigências acadêmicas, do que ele apreendeu ao longo de sua trajetória formativa. O Trabalho de Conclusão de Curso consistirá na elaboração de um Memorial de Formação Docente, no qual irá refletir e analisar sua trajetória e experiência

nas disciplinas de Estágio Curricular Supervisionado. Segundo Souza Gaspar, Araújo e Passegi,

O memorial é considerado um gênero textual de natureza híbrida: elaborado tanto como um dispositivo de avaliação quanto como uma prática reflexiva de formação. Como ato de criação exige o encadeamento de fatos significativos dentro das lógicas de valorização da formação profissional e do percurso acadêmico³³.

Nesse sentido, podemos observar a importância e a centralidade que este tipo de produção vem assumindo nos processos de formação e avaliação profissional, tendo em vista que se trata de uma “escrita de si, uma narrativa descritiva e reflexiva sobre uma trajetória de vida e de formação”.

É facultado a elaboração de monografia aos alunos que assim o desejarem. A monografia deverá ser um trabalho original e seguir as normas da ABNT para a elaboração deste tipo de trabalho científico.

3.3. Atividades acadêmico-científico-culturais

A Resolução 3241/CEPE, de 05 de outubro de 2009, considerando as disposições contidas nas Resoluções CNE/CP Nº 2, de 19/02/2002; CNE/CP Nº 1, de 15/05/2006; CNE/CSE Nº 2, de 18/06/2007; CNE/CES, Nº 4 de 06/04/2009 preveem o cômputo de 200 horas de Atividade Acadêmico-Científico-Culturais, podendo ser identificadas e pontuadas de acordo com a natureza e tipo das atividades complementares dispostas na Resolução 3241/CEPE, de 05/10/2009, no seu anexo único. A carga horária das Atividades Acadêmico-científico-culturais do Curso de Graduação em História – Licenciatura a Distância, contabilizam 204 horas.

Quadro Síntese da Carga Horária do Curso

Componente Curricular	Horas/Aulas	Créditos
Disciplinas de Conteúdo Curricular de Natureza Científico-Cultural	2.108	124
Disciplinas que integram a Prática como Conteúdo Curricular	408	24
Estágio Curricular Supervisionado como Componente Curricular	408	24
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais	204	12
TOTAL	3.128	184

³³ SOUZA GASPAR, Mônica Maria Gadêlha de; ARAÚJO, Maria de Fátima & PASSEGI, Maria da Conceição. **Memorial: gênero Textual (Auto)Biográfico**. Disponível no site <http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/M%C3%B4nica%20Maria%20Gad%C3%AAlha%20de%20Souza%20Gaspar,%20Maria%20de%20F%C3%A1tima%20Ara%C3%BAjo%20e%20Maria%20da%20Concei%C3%A7%C3%A3o%20Passeggi.pdf>, acesso em 01 de fev. de 2012.

3.4. Plano de estágio

3.4.1 As Diretrizes Curriculares Nacionais de História (Parecer CNE/CES 492/2001 e Resolução CNE/CES 13/2002) e o Estágio Curricular Supervisionado (Lei nº 11.788/2008)

As DCN, ao delinear o perfil profissional do historiador e os seus campos de atuação, orienta para a formação de um profissional “capacitado ao exercício do trabalho do Historiador, em todas as suas dimensões, o que supõe pleno domínio da natureza do conhecimento e das práticas essenciais de sua produção e difusão (...) para suprir demandas sociais específicas relativas ao seu campo de conhecimento (magistério em todos os graus, preservação do patrimônio, assessorais a entidades públicas e privadas nos setores culturais, etc.)”.

O Estágio Curricular Supervisionado é, portanto, no corpo da legislação, concebido como um momento de formação profissional *in loco*, ou seja, significa a presença participativa do graduando em ambientes onde sua formação lhe permitirá prestar serviços e/ou estabelecer vínculos de trabalho. Por isso, é necessário fazer dessa experiência orientada uma atividade curricular a ser realizada em unidades escolares dos sistemas de Educação Básica e em instituições do sistema educacional.

A organização dos períodos de realização do Estágio Curricular Supervisionado cumpre a Legislação, no que determina que este apareça no fluxo do curso somente a partir do quinto semestre, ou seja, depois do discente já haver cumprido pelo menos metade dos créditos totais contabilizados para a graduação, de forma de dedicação concentrada, a fim de que se possa coroar sua formação com quatro semestres em que é viabilizada de modo mais intenso a relação entre teoria e prática. Além disso, a legislação, especificamente o Parecer CNE/CP nº 28/2001, explicita que “essa conceituação de estágio curricular supervisionado é vinculante com um tempo definido em lei [...] e cujo teor de excelência não admite nem um aligeiramento e nem uma precarização”. A legislação deixa claro ainda que o Estágio Curricular Supervisionado deva ocorrer em regime de colaboração entre as agências formadoras e os sistemas de ensino (previsto no art. 211 da Constituição Federal), podendo ser acordado entre a instituição formadora, o órgão executivo do sistema e a instituição que receberá os estagiários. As formas de participação de caráter recíproco poderão ser combinadas entre essas instâncias.

3.4.2 Dimensões e Objetivos do Estágio Curricular Supervisionado

A natureza do Estágio Curricular Supervisionado possui uma dimensão formadora cujo componente curricular visa a proporcionar o contato do licenciando com a realidade educacional da escola, e, a partir dela, possa compreender e refletir sua prática docente levando-se em consideração a relação teoria e prática. Nesse sentido, o Estágio Curricular obrigatório tem por objetivo proporcionar ao licenciando a vivência de variadas formas de atuação no contexto escolar visando favorecer o seu desenvolvimento profissional na dimensão da sala de aula.

Nesses termos, também se faz necessário que o graduando em História, no processo de sua prática docente supervisionada, procure compreender e exercer a função social do professor-pesquisador de história no sentido de superar os limites impostos à educação brasileira. Reconhecendo o Estágio Supervisionado como um momento de pesquisa, em que a teoria e prática estão intrinsecamente relacionadas, caberá ao graduando de história se envolver de forma contextual e crítica na elaboração das atividades educativas escolares requisitadas. Nessa mesma direção, o Estágio Curricular Supervisionado objetivará, especificamente:

- Propiciar a inserção do aluno de graduação de História na escola;
- Criar condições para uma inter-relação mais efetiva entre teoria e prática no processo formativo do graduando na sua prática docente;
- Estimular a reflexão sobre o contexto sócio-educacional por meio de pesquisa monográfica.

Dessa forma, o estágio ofertado pelo curso de História compreenderá um conjunto de atividades para a atuação do graduando na prática docente na escola de educação básica, envolvendo a compreensão da organização escolar, o planejamento, a execução e a avaliação de atividades de ensino. Assim, garantirá ao graduado um espaço privilegiado de articulação entre conhecimentos teóricos e a prática no exercício da docência. O estágio curricular supervisionado se efetivará sob a forma da ação/reflexão/ação do contexto sócio-cultural local, possibilitando ao licenciando a prática de ensino na sala de aula bem como vivenciar a escola em toda a sua dimensão.

3.4.3 Diretrizes das Disciplinas Integrantes do Estágio Curricular Supervisionado (Lei 11.788/2008)

As 408 horas de Estágio Curricular Supervisionado serão realizadas em instituições do sistema educacional, a partir da segunda metade do curso. Portanto, considerando o currículo a ser integralizado em 8 períodos, a distribuição da carga horária de Estágio Curricular Supervisionado terá a seguinte organização:

DISCIPLINAS	HORAS AULAS	CRÉDITOS
Estágio Curricular Supervisionado I - Ensino Fundamental	102 horas	06 cr
Estágio Curricular Supervisionado II - Ação Educativa Patrimonial e Ensino na Escola de Educação Básica	102 horas	06 cr
Estágio Curricular Supervisionado III - Ensino Médio	102 horas	06 cr
Estágio Curricular Supervisionado IV - Ensino, Pesquisa e Extensão na Escola de Educação Básica	102 horas	06 cr
TOTAL	408 horas	24 cr

É fundamental considerar a relação teoria/prática na efetivação do processo ensino-aprendizagem com o objetivo de torná-lo concreto e autônomo, visando à profissionalização do estagiário e seu conhecimento acerca da realidade educativa nas unidades escolares do sistema de ensino.

Nas disciplinas componentes do Estágio Curricular Supervisionado os graduandos realizarão suas atividades de observação, planejamento e regência em escolas do ensino fundamental e médio. Vale ressaltar que o estágio na escola envolverá a observação e a participação em atividades curriculares e extracurriculares (na sala de aula ou fora dela) que deverão ser planejadas, antecipadamente, pelo estagiário com a ajuda do professor/supervisor em comum acordo com o professor da escola. O estágio prioriza a experiência da docência numa turma do ensino regular de uma escola pública do ensino fundamental ou médio, na cidade em que Polo tenha sede.

As atividades do estagiário envolverão momentos de estudos e planejamento individuais e coletivos e terá sua culminância com a regência em sala de aula. Poderão também contar como atividades do estágio a preparação de seminários, exposições, debates, exibição de vídeos e leitura de textos teóricos selecionados para sua prática na sala de aula das escolas de educação básica..

A avaliação do Estágio Curricular Supervisionado terá a sua finalização com exercício da prática docente, no ensino fundamental e ensino médio, e a elaboração e apresentação de um relatório final contemplando o Estágio Curricular Supervisionado I e Estágio Curricular Supervisionado III, onde serão apresentadas a contextualização da

relação teoria e prática do ensino de história, expressando a experiência do graduando no processo de observação em sala de aula, no planejamento das aulas e no exercício da regência como futuro professor de história.

No Estágio Supervisionado II é proposta a utilização dos conteúdos e práticas relacionadas ao patrimônio histórico e cultural, desenvolvidas em instituições como museus, arquivos, centros de documentação e de cultura, monumentos, praças etc., para que seja desenvolvida uma proposta de educação patrimonial com os alunos da escola básica no âmbito do ensino da História.

No Estágio Supervisionado IV, propõe-se desenvolver com os estudantes da escola básica temáticas da histórica local, a partir de pesquisas que estão sendo desenvolvidas pelos alunos da graduação em seus trabalhos de conclusão de curso, bem como a produção historiográfica local, a realidade cultural de grupos e comunidades locais, etc. Nesta modalidade, o graduando estagiário poderá apresentar em linguagem e metodologia apropriadas ao ensino básico, os resultados do TCC. Ao final desta modalidade, o estagiário produzirá um memorial temático em que articule reflexões sobre sua formação e as experiências com a atividade docente.

3.4.4 Organização e Supervisão do Estágio

Para que as disciplinas de Estágio Supervisionado possam ser implementadas nos moldes apresentados anteriormente, é necessário que se estabeleçam parcerias entre Secretarias de Educação, escolas públicas e a Universidade.

Propõe-se a criação de convênios entre a UECE e as Secretarias de Educação e/ou escolas das redes pública, de forma a se estabelecer campos de estágio e a definir as atribuições de cada uma das instituições e dos atores envolvidos no processo, em conformidade com o Art. 82 da Lei 9394/96.

Na supervisão do Estágio Curricular Supervisionado e do Estágio não obrigatório serão utilizados os seguintes critérios:

1. O compromisso, a participação e a postura profissional no diálogo com instituições educativas;
2. As habilidades de articulação dos saberes entre professor-aluno-professor;
3. A flexibilidade no desenvolvimento dos planos de aulas e do uso de recursos didáticos.
4. O domínio dos conteúdos específicos de história e o compromisso do futuro professor-historiador com o conhecimento, fundamentado e crítico, da totalidade social.

3.5 Ementário

3.5.1 Disciplinas Obrigatórias

3.5.1.1 Teoria e Metodologia da História

Introdução a Filosofia

04 créditos

Ementa: A Filosofia como questionamento da realidade. Filosofia e História. Filosofia da História. Problemas filosóficos contemporâneos.

Bibliografia

- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Ática, 2003.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo, Moderna, 2000.
- SOUZA, Sonia Maria de. **Um Outro Olhar: Filosofia**. São Paulo, FTD, 1995.
- CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo, Brasiliense, 2001.
- JAEGGER, W. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. São Paulo, Martins Fontes, 1966.
- WOLFF, F. **Sócrates: O Sorriso da Razão**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- ZINGANO, M. **Platão e Aristóteles: O Fascínio da Filosofia**. São Paulo, Odysseus, 2002.
- SANTOS, J. F. **O que é Pós-Moderno**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- VERNANT, J. P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- BARTHES, R. **Mitologias**. São Paulo, Difel, 1985.
- VÁRIOS AUTORES. **Para Filosofar**. São Paulo, Scipione, 2000.
- LALANDE, A. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- JAPIASSU, Hilton. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

Introdução a Sociologia

04 Créditos

Ementa: Pressupostos teórico-metodológicos do conhecimento sociológico. Contribuição teórica e metodológica de Durkheim, Weber e Marx. Pensamento sociológico na historiografia brasileira. Tendências interpretativas atuais.

Bibliografia

- MILLS, Wright. **A Imaginação sociológica**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983. (Cap. 1: A Promessa - pag. 9-17).
- CATANI, Afrânio M. **O Que é Capitalismo**. 14ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. (1ª Parte: **3. Gênese, desenvolvimento e crise do capitalismo** – pag. 49-63).
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª edição. São Paulo: Artmed Editora, 2008.
- BARBOSA, M. Ligia (et all.) **Um Toque de Clássicos** - Marx, Durkheim e Weber. 2ª edição. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2002.
- LOWY, Michael. **Ideologia e ciência social: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Editora Cortez, 1985. (Cap. 1. Ideologia – pag. 11-25)
- FERNANDES, Florestan, 1920-1995. **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes.
- _____. **A condição de sociólogo**. Pref. de Antônio Cândido. São Paulo: Hucitec, 1978.
- MARTINS, C. B. **O que é sociologia**. Col. Primeiros passos, 57. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- ANDERY, M. Amália (et al.). **Para compreender a ciência: uma perspectiva historica**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1988.

Introdução aos Estudos Históricos**4 créditos**

Ementa: História como conhecimento. Concepção de tempo e espaço históricos. Noções de sujeito-objeto e a cientificidade. Tendências teórico-metodológicas da historiografia. O ofício do historiador: conceitos, métodos e fontes.

Bibliografia

- BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. **Passados Recompostos: campos e canteiros da história**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora FGV, 1998.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAIRE-JABINET, Marie-Paule. **Introdução à historiografia**. Bauru, SP: Edusc, 2003 (Coleção História).
- CARR, Edward H. **O que é história**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. 4 ed., Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997.
- HOSBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia da Letras, 1998.
- HÜNE, Leda Miranda (Organizadora). **Metodologia Científica: Cadernos de Textos e Técnicas**. 7 ed., 4 imp., Rio de Janeiro: Agir, 2001.
- MATTOS, Ilmar Rohloff (Org.). **Ler & Escrever para Contar: documentação, historiografia e formação do historiador**. Rio de Janeiro: Access, 1998.
- MORAES, José Geraldo Vinci de e REGO, José Marcio. **Conversas com Historiadores Brasileiros**. 2 ed., São Paulo: Editora 34, 2007.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi, FERREIRA, Marieta de Moraes e CASTRO, Celso. **Conversando com...** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **As muitas faces da história – nove entrevistas**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- REIS, José Carlos. **História entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- SILVA, Marcos A da. **História: o prazer em ensino e pesquisa**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Buaru, SP: Edusc, 2006.

Historiografia Brasileira**4 créditos**

Ementa: A produção historiográfica brasileira: cronistas, IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), modernistas, História Econômica, a geração de 30, a historiografia contemporânea em sua diversidade de temas, abordagens e objetos.

Bibliografia

- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. Brasil. **Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: Momentos decisivos**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e Sociedade no Brasil: Ensaios sobre idéias e formas**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- FALCON, Francisco. **História Cultural: Uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. 30. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2001.
- GUZZELLI, César A. B.; PETERSEN, Silvia R. Ferraz; SCHMID, Benito B. e XAVIER, Regina Célia L. (Orgs.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- LAPA, José Roberto do Amaral. **A História em Questão**: historiografia brasileira contemporânea. Petrópolis: Vozes, 1981.
- _____. **História e Historiografia**: Brasil pós-64. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)**. São Paulo, Ática, 1978.
- PRADO JR., Caio. **Evolução Política do Brasil**: Colônia e Império. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SOUZA, Laura de Mello e. **Desclassificados do Ouro**: a pobreza mineira no século XVIII. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.
- ZAIDAN, Michel. **A Crise da Razão Histórica**. Campinas: Papirus, 1989.
- Revistas:
- Estudos Históricos: Caminhos da Historiografia. Rio de Janeiro: Vértice, 1988, v. 1.
- Revista Brasileira de História. **Memória, História, Historiografia: Dossiê de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1993, v. 13.

Teoria e Metodologia da História I

4 créditos

Ementa: Trajetória do pensamento historiográfico nos séculos XVIII e XIX. Problemas da interpretação do processo histórico. Pressupostos teórico-metodológicos da historiografia.

Bibliografia

- ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: Edusc, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHALLOUB, Sidney. **Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão a corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COHEN, Arón, CONGOST, Rosa e LUNA, Pablo F. (orgs.). **Pierre Vilar: uma história total, uma história em construção**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- DOSSE, François. **História e ciências sociais**. Bauru, SP: Edusc, 2004.
- DOSSE, François. **A história à prova do tempo**: da história em migalhas ao regate do sentido. São Paulo: Editora da Unespe, 2001.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Teoria e Metodologia da História II**4 créditos**

Ementa: Tendências e abordagens teórico-metodológicas contemporâneas da análise do processo histórico.

Bibliografia

- ALMEIDA, Malu. **Pós-modernidade e ciência: por uma história escatológica?** Campinas: Editora Alínea, 2003.
- ANDERSON, Perry. **A Crise da Crise do Marxismo:** Introdução a um debate contemporâneo. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ARIÈS, Philippe. **O Tempo da História.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história.** Especialidades e abordagens. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou Ofício de Historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BORDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas.** Portugal: Europa América, s/d.
- BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (Orgs.). **Passados recompostos.** Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales, 1920-1989:** A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. **A Escrita da História.** São Paulo: ed. da UNESP, 1992.
- CARDOSO, Ciro F. S. e BRIGNOLLI, Hector. **Os Métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- _____. **Uma Introdução à História.** São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **Ensaio Racionalistas.** Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural.** Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- DOSSÉ, François. **A História em Migalhas:** Dos Annales à Nova História. Campinas: UNICAMP, 1992.
- DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. **Diálogos sobre a Nova História.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.
- _____. **A História Continua.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed./Ed. UFRJ, 1993.
- FALCON, Francisco J. C.. **História cultural:** uma visão sobre a sociedade e a cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- FONTANA, Josep. **História depois do fim da história.** Bauru: EDUSC, 1998.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais:** Morfologia e História. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- GUZZELLI, Cesar A. B.; PETERSEN, Silvia R. Ferraz; SCHMID, Benito B. e XAVIER, Regina Célia L. (Orgs.). **Questões de Teoria e Metodologia da História.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSBAWN, Eric. **Sobre História (Ensaio).** São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, 3v.
- _____. **A História Nova.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. **História e Memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- QUEIROZ, Tereza A. Pereira de e IOKOI, Zilda Márcia G. **A história do historiador.** São Paulo: Humanitas Editora / FFLCH/USP, 2003.
- REIS, José. **Nouvelle Histoire e Tempo Histórico.** A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **A História: Entre a Filosofia e a Ciência.** São Paulo: Ática, 1996.

_____. **História e teoria: historicismo, modernidade e verdade.** Rio de Janeiro: ed. FGV, 2003.

SCHORSKE, Carl E. **Pensando com a História: indagações na passagem para o modernismo.** São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

SHAFF, Adam. **História e Verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

VEYNE, Paul. **Como se Escreve a História.** Lisboa: ed. 70, 1987.

Metodologia da Pesquisa Histórica

4 créditos

Ementa: O papel da pesquisa no ofício do historiador. Técnicas básicas da pesquisa e análise bibliográfica. Tipologia e crítica documental. Normatização do trabalho científico em História. Elaboração do Projeto de Pesquisa para a Elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso - TCC

Bibliografia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Informações e Documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, ago.2002.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Introdução à História.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

BARROS, José D'Assunção Barros. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. **O Mundo como Teatro.** São Paulo: DIFEL, 1992.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma Introdução à História.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. e BRIGNOLI, Hector Perez. **Os Métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. e VAINFAS, Ronaldo(Orgs). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERTAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Visões da Liberdade.** São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações.** Lisboa: DIFEL, 1990.

DARTON, Robert. **O Beijo de Lamourette.** São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

DOSSE, François. **A História em Migalhas.** São Paulo: Ensaio, 1994.

ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

FREITAS, Marcos Cezar de. **Da Micro-História à História das Idéias.** São Paulo: Cortez-UFS-IFAN, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. **Mitos, emblemas e sinais.** Morfologia e História. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GONÇALVES, Janice. **Como Classificar e ordenar documentos de arquivos.** São Paulo: Divisão de Arquivo do Estado de São Paulo, 1998.

GUZZELLI, César Augusto Barcellos (Org). **Questões de Teoria e Metodologia da História.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Atlas, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **Memória/História**. Lisboa: Imprensa Einaude S.A. 1984.
- _____. e NORA, Pierre. **História: Novos Problemas**. Rio de Janeiro: Fco. Alves, 1988.
- _____. **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Fco. Alves, 1988.
- _____. **História: Novos Objetos**. Rio de Janeiro: Fco. Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- REMOND, René. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas – a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- THOMPSON, Edward P. **A Miséria da Teoria: ou um planetário de erros.(uma crítica ao pensamento uma de Althusser)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **Costumes em Comum: estudos sobre Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- _____. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. Campinas,SP:Editora da UNICAMP, 2001.
- VOLVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et all. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 1989.

3.5.1.2 História do Brasil

História do Brasil I

4 créditos

Ementa: Estudo dos povos pré-coloniais e da formação da sociedade na América Portuguesa, através da revisão historiográfica e da análise das fontes documentais. O contato e as relações entre os colonizadores e os povos nativos. Estudo da dinâmica da escravidão indígena e africana. A relação entre o tráfico negreiro e a constituição da economia-mundo. Resistência dos povos nativos e africanos à dominação colonial. Religiões, culturas, identidades e organizações societárias indígenas e africanas.

Bibliografia

- ABREU, João Capistrano. **Caminhos antigos e povoamento do Brasil**. Edição Fac-similar. Câmara Brasileira do Livro, 1986.
- ARAÚJO. Emanuel. **Teatro dos vícios**. Transgressão e trasigência na sociedade colonial. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996
- BERNARD, Carmen & GRUZINSK, Serge. **História do Novo Mundo: Da Descoberta à Conquista, uma experiência europeia (1492-1550)**. Trad. Maria Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 2001.
- BICALHO, Maria Fernanda. **A Cidade e o Império**. O Rio de Janeiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- BOXER, Charles R. **O Império marítimo português (1415-1825)**. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- CAMPOS, Flávio. **História ibérica**. Apogeu e declínio. São Paulo: Contexto, 1991 (Col. Repensando a História).
- CHAUI, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000 (Col. História do povo brasileiro).
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a República: momentos decisivos**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- DEL PRIORI, Mary (org.). **Revisão do paraíso**. Os brasileiros e o Estado em 500 anos de história. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- _____. **Ao sul do corpo**. Condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil-Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília-DF: Ed. UnB, 1993.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**. A formação do patronato político brasileiro. 9^a ed., Rio de Janeiro: Globo, 1991.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26^a ed., São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-Colônia (1500-1800)**. 2^a São Paulo: Brasiliense, 1984 (Col. Tudo é História).
- LOCKHART, James & SCHWARTZ, Stuart. **A América Latina na época colonial**. Trad.: Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MAXWELL, Kenneth. **A Devassa da Devassa**. A Inconfidência Mineira: Brasil e Portugal (1750 – 1808). Trad. João Maia. 5^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- NARDI, Jean Baptiste. **Sistema Colonial e tráfico negroiro**. Novas interpretações da história brasileira. Campinas-SP: Pontes, 2002.
- NOVAES, Fernando. **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)**. 6^a ed. São Paulo: Hucitec, 1995.
- _____. & SOUZA, Laura de Mello e (org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- PRADO JR., Caio. **Evolução política do Brasil: Colônia e Império**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- _____. **Formação econômica do Brasil**. 34^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- SCHWARTZ, Stuart. **Roceiros e rebeldes**. Trad: Juçara Simões. Bauru-SP: Edusc, 2001.
- SEBE, José Carlos. **Os Jesuítas**. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Col. Tudo é História)
- SLENES, Robert W. **Na senzala uma flor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SOUZA, Laura de Mello e. **Opulência e miséria nas Minas Gerais**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

História do Brasil II

4 créditos

Ementa: O público e o privado na política; sociedade, cultura e trabalho no século XIX; dimensões da vida cotidiana; formação do Estado Imperial; as relações entre Estado Imperial e as diferentes etnias presentes no espaço do Brasil, revisão historiográfica e análise de fontes documentais.

Bibliografia

- CARDOSO, Ciro Flamarion Santana. A crise do colonialismo luso na América Portuguesa – 1750/1822. In **História Geral do Brasil/** Maria Yedda Linhares (organizadora). 6. ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1996. pp. 101-124.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem/ Teatro de Sombras**. 2^a ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Relume Dumará, 1996.
- _____. **Os bestializados**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Relume Dumará, 1996.
- _____. **O imaginário da República no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/ Relume Dumará, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade**. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República**. Momentos Decisivos. 7^a ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do Poder**. São Paulo: Ed. Globo, 1998. 13^a ed.

- FENELON, Dea Ribeiro. (seleção de textos) **50 Textos de História do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- FRAGOSO, João Luís. O Império Escravista e a República dos Plantadores. In **História Geral do Brasil**/ Maria Yedda Linhares (organizadora). 6. ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1996. pp. 145-196. Parte A: Economia Brasileira no Século XIX: Mais do que uma plantation escravista-exportadora
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens Livres na Ordem Escravocrata**. 4ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- FREITAS, Marcos César de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- HARDMAN, Francisco Foot e LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**: das origens aos anos vinte. São Paulo: Global, 1982. Coleção Teses; 6.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org) **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: DIFEL, vol. "Brasil Monárquico".
- MACHADO, Maria Helena. **O Plano e o Pânico**. Os movimentos sociais na década da abolição. São Paulo: EDUSP/UFRJ, 1994.
- MAXWELL, Kenneth. Por que o Brasil foi diferente? O contexto da Independência. In **Viagem Incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias/ Carlos Guilherme Mota (organizador). – 2. Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. pp. 197-238.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário e o Império (1871-1889)**. 2 ed. – Rio de Janeiro, Topbooks, 1999.
- MONTEIRO, Hamilton M. **Nordeste Insurgente (1850-1890)**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. Coleção Tudo é História.
- MONTERIO, Hamilton de Mattos. Da Independência à Vitória da Ordem. In **História Geral do Brasil**/ Maria Yedda Linhares (organizadora). 6. ed. – Rio de Janeiro: Campus, 1996. pp. 125-144.
- MOTA, Carlos Guilherme. Idéias de Brasil: formação e problemas. In **Viagem Incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias/Carlos Guilherme Mota (organizador). 2. Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. pp. 241-263.
- MOTA, Giselda. Historiografia. Bibliografia. Documentos. In **1822: Dimensões**/Carlos Guilherme Mota (organizador). 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986. pp. 377-464.
- MOTT, Luiz. Um documento Inédito para a história da Independência. In **1822: Dimensões**. Carlos Guilherme Mota (organizador). 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986. pp. 465-483.
- PRADO JR. Caio. **Evolução Política do Brasil**. 21ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- PRADO JR. Caio. **História Econômica do Brasil**. 44ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- _____. Nos achamos em campo a tratar da liberdade: a resistência negra no Brasil oitocentista. In. In **Viagem Incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias/ Carlos Guilherme Mota (organizador). 2. Ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. pp. 241-263.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA. Escravidão. São Paulo: ANPUH/Marco zero, 1988.

História do Brasil III

4 créditos

Ementa: Regime republicano e o conceito de cidadania; autonomia e independência dos estados; oligarquia e coronelismo; cidades, industrialização e experiência social; religião e

religiosidade; crise da primeira república; revisão historiográfica e análise documental. (1889-1930)

Bibliografia

- AGNOLIN, Adone. **O apetite da Antropologia**. O sabor antropofágico do saber antropológico: alteridade e identidade no caso Tupinambá. SP: Humanitas, 2005.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. (org) vol 2. **História da Vida Privada no Brasil**. Império: a corte e a modernidade nacional. SP: Cia das Letras, 2002.
- ALMEIDA, Agassiz. **500 anos do povo brasileiro**. Uma visão crítica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- AMADO, Janaina & Figueiredo, Luiz Carlos. **O Brasil no Império português**. Coleção Descobrindo o Brasil. RJ: Jorge Zahar, 2001.
- AQUINO, Rubim & NAEGELI, Lúcia. **Brasil: uma história popular**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BATALHA, Cláudio. **O movimento operário na Primeira República**. Coleção Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BUENO, Eduardo. **Brasil: uma História**. A incrível saga de um país. São Paulo: Ática, 2003.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- _____. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1997.
- _____. **A construção da Ordem**. Teatro de sombras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRIL, Lourdes. **Terras de Negros**. Herança de Quilombos. SP: Scipione, 1997.
- CASTRO, Celso. A Proclamação da República. **Coleção Descobrindo o Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.
- _____. A invenção do Exército brasileiro. **Coleção Descobrindo o Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta a El-Rei D. Manuel sobre achamento do Brasil**. SP: Martim Claret, 2004.
- CAPELATO, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. SP: Contexto, 1988. (xerox)
- CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril. **Cortiços e epidemias na corte Imperial**. SP: Cia das Letras, 2004.
- _____. **Visões da Liberdade**. Uma história das últimas décadas da escravidão na corte. SP: Cia das Letras, 2003.
- _____. **Machado de Assis Historiador**. SP: Cia das Letras, 2003.
- CHIAVENATO, Júlio José. **As várias faces da Inconfidência Mineira**. 3º edição. SP: Contexto, 1989.(xerox)
- COSTA, Emília Viotti de. Da Senzala à Colônia. Momentos decisivos. SP: UNESP, 1997.
- _____. **Da Monarquia à República**. Momentos decisivos. SP: UNESP, 1999.
- CURRAN, Mark. **A História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Edusp, 2001.
- DAGNINO, Eveline (org). **Anos 90 política e sociedade no Brasil**. São Paulo: editora Brasiliense, 1994.
- DE DECCA, Edgar. **O nascimento das fábricas**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DEL PRIORI, Mary. **História do Amor no Brasil**. SP: Contexto, 2006.
- _____. (org). **História das crianças no Brasil**. SP: Contexto, 2006.
- _____. **O príncipe maldito**. Traição e loucura na família imperial. RJ: Objetiva, 2007.
- DERENGOSKI, Paulo Ramos. **A Saga dos Guarani**. Guerreiros, gaúchos e gaudérios. Santa Catarina: Insular, 2002.

- DIAS, Maria Odília Leite da Silva. **Quotidiano e Poder em SP no séc XIX**. SP: brasiliense, 2001.
- DOLHNIKOFF, Miriam. **Projetos para o Brasil**. José Bonifácio de Andrada e Silva. SP: Cia das Letras, 1998.
- FARIA & BARROS. **Getúlio Vargas e sua época**. São Paulo: global editora, coleção história Popular, 2001.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2002.
- FAUSTO, Carlos. **Os índios antes do Brasil**. Col descobrindo o Brasil. RJ: Jorge Zahar, 2000.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida (org). **O Brasil Republicano**. Da proclamação da República à revolução de 1930. Rio de Janeiro: Vol 1. Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **O Brasil Republicano**. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.). Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **O Brasil Republicano**. O tempo da experiência democrática (45-64). Vol 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **O Brasil Republicano**. Regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Vol 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. SP: Círculo do Livro.
- FREITAS, Décio. **Palmares: A guerra dos escravos**. 5º edição. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- FREITAS, Marcos Cezar (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo & CARVALHO, Aline Vieira de. **Palmares, ontem e hoje**. Coleção Descobrimdo o Brasil. RJ: Jorge Zahar, 2005.
- GOMES, Ângela. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- GOMES, Flávio. **Negros e política (1888-1937)**. Coleção descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. **Quarto séculos de latifúndio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HUI, Sheila Moura. **Primeiras cartas do Brasil 1551-55**. RJ: Jorge Zahar, 2006.
- IANNI, Otávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Tradução Câmara Cascudo. Vol 2. 12ªedição. SP/Fortaleza: ABC Editora, 2003.
- LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. RJ: Nova Fronteira, 1997.
- LESSA, Barbosa. **Nova História do Brasil**. Porto Alegre: Editor Globo, 1967.
- LUSTOSA, Isabel. **D. Pedro I**. perfis brasileiros. SP: Cia das Letras, 2006.
- MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Descobrimdo o Brasil. RJ: Jorge Zahar, 2001.
- MALERBA, Jurandir(Org). **A Independência Brasileira**. Novas dimensões. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**. Ensaio da Sociologia da História Lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.
- MARTINS, João Roberto F. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar de 1964-68**. Campinas: Papirus, 1987.
- MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil monárquico**. Col Descobrimdo o Brasil. RJ: Jorge Zahar, 2000.
- MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi & SWENSSON, Walter Cruz. **Contra os inimigos da Ordem**. A repressão política do regime militar brasileiro (1964-85). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

- MESGRAVIS, Laima & PINSKY, Carla Bassanezi. **O Brasil que os europeus encontraram**. SP: Contexto, 2002.
- MOREL, Marco & Barros, Mariana Monteiro. **Palavra, imagem e poder**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.
- MOREL, Marco. **O período das Regências (1831-1840)**. Descobrindo o Brasil. RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MOTA, André. **Quem é bom já nasce feito**. Sanitarismo no Brasil. Rio de Janeiro: D&PM, 2003.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Submissão e resistência: a mulher na luta contra a escravidão**. SP: Contexto, 1988. (xerox)
- NICOLAU, Jairo. **História do voto no Brasil**. Coleção Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- PAES, Maria Helena Simões. **A Década de 60**. rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Ática, 1993.
- PEREGALLI, Enrique. **Escravidão no Brasil**. Col História Popular. 3ª edição, SP: Global, 1997.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 2º ed. SP: Contexto, 2006.
- REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil de Varnhagem a FHC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.
- REIS, José Carlos & GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade Por um fio**. História dos Quilombos no Brasil. SP: CIA das Letras, 2005.
- REIS, Daniel Aarão & Sá, Jair Ferreira. (ORG) **Imagens da Revolução**. Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-71. RJ: Marco Zero, 1985.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. SP: Cia das Letras, 1995.
- RUSSELL-WOOD, A. J. R. **Escravos e libertos no Brasil colonial**. RJ: Civilização Brasileira, 2005.
- SALGADO, Plínio. **O que é o Integralismo**. Obras completas. Vol 9. São Paulo: Editora das Américas.
- SEVCENKO, Nicolau (org). **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol 3. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- SILVA, Antônio Ozai. **História das tendências no Brasil**. Origens, cisões e propostas. São Paulo: Dag Gráfica Editorial.
- SILVA, Maria Breatriz Nizza da. **Ser Nobre na Colônia**. SP: UNESP, 2005.
- SOUZA, Laura de Mello e.(org) **História da vida Privada no Brasil**. Vol 1. Cotidiano e vida privada na América portuguesa. SP: Cia das Letras, 2004.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a castelo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida Privada no Brasil**. Contrastes da intimidade contemporânea. Vol 4. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- _____. **O Sol do Brasil**. Nicolas-Antoine Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d.João. SP: Cia das Letras, 2008.
- STÉDILE, João Pedro (org). **A reforma agrária e a luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- TAUILE, José Ricardo. **Para (re)construir o Brasil contemporâneo**. Trabalho, tecnologia e acumulação. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**. Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. SP: Cia das Letras, 1999. (xeróx)
- _____. **Traição**. Um jesuíta a serviço do Brasil holandês processado pela Inquisição. SP: Cia das Letras, 2008.

Vainfas & Feltler & Lage (ORG). **A inquisição em xeque**. Temas, controvérsias e estudos de caso. RJ: UERJ, CNPq, FAPERJ, 2006.

VESPÚCIO, Américo. **Novo Mundo**. As cartas que batizaram a América. (notas e comentários Bueno) SP: Planeta, 2003.

ZIRALDO. **1964-84**: 20 anos de prontidão. Rio de Janeiro: Record, 1984. (charges)

CANUDOS: Imagens de guerra. IN: Museu da República. RJ: Lacerda & L Editores, 2007.

ATAS DO CONSELHO DE ESTADO – SENADO FEDERAL - VOL I

ATAS DO CONSELHO DE ESTADO – SENADO FEDERAL – VOL III

História do Brasil IV

4 créditos

Ementa: Política, Cultura e Sociedade no período Pós-1930. Populismo, Nacionalismo e Política Desenvolvimentista; O Estado e o Mundo do Trabalho; Ditadura, Redemocratização e Partidarismo; Movimentos indígena e negro; Estado, Sociedade e políticas de igualdade racial; movimentos sociais camponeses e indígenas; A luta pela terra e os conflitos no campo.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de et alii. **Dicionário histórico, biográfico brasileiro pós 1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV/CPDOC, 2001, 5v.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1985. ANTUNES, Priscila Carlos. SNI & ABIN: **Uma leitura da atuação dos serviços secretos brasileiros ao longo do século XX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa, Estado autoritário (1968-1978)**. Bauru: Educ, 1999.

ARAUJO, Maria Paula N. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

ARMANDO FILHO. O Integralismo. São Paulo: Editora do Brasil, 1999.

AUGRAS, Monique. **O Brasil do Samba-Enredo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BENÍCIO, Manuel. **O Rei dos Jagunços**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda. Razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Ed. UNESP, 1995

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FEREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 4 Vols.

História do Ceará I

4 créditos

Ementa: Estudo dos povos Indígenas; Ocupação do território da capitania do Ceará. A resistência indígena e o processo de aldeamento. A Economia Pastoril e as Vilas coloniais no Ceará. As origens do trabalho livre e a presença escrava na capitania e província do Ceará. A hegemonia político-econômica de Fortaleza. Família, cultura, poder e violência no sertão e na cidade. Historiografia do Ceará colonial e provincial. Análise de fontes documentais.

Bibliografia

GOMES. José Eudes Arrais Barroso. 'Vagabundos e ladrões, assassinos e facinorosos: violência, crime e impunidade na capitania do Ceará (século XVIII). In. Arquivo Público do Ceará. **Documentos Revista do Arquivo Público do Ceará**./ Arquivo Público do Ceará, v 1, n.4, semestral, Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005.

- LEMENHE, Auxiliadora. A Economia Pastoril e as Vilas coloniais no Ceará; "Economia Agrícola e a emergência da Vila de Fortaleza". In. **As razões de uma cidade: Fortaleza em questão**. Fortaleza: Stylos, 1991.
- PINHEIRO, Francisco José. Mundos em Confronto: povos nativos e europeus na disputa pelo território. In. **Uma nova História do Ceará**. Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves ... [et al] 3. ed. rev. e atual. Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2004.
- PINHEIRO, Francisco José. O trabalho escravo na capitania do Ceará; Um perfil da população cearense no final do século XVIII e início do XIX. In. PINHEIRO, Francisco José. **Notas sobre a formação social do Ceará (1680-1820)**. Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008.
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. Vaqueiros, Agricultores, Artesãos: origens do trabalho livre no Ceará colonial. In. **Revista de Ciências Sociais**. V. 20/21 Nº ½. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1989/1890.
- SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. A transformação das aldeias jesuíticas em vilas pombalinas. In. SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de índios no Ceará Grande: Dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino**. Campinas, SP: Pontes Editores. 2005.
- SILVA, Marilda Santana da. Por uma nova forma de escrever e ensinar sobre as práticas políticas e administrativas do Ceará no período colonial. In. RAMOS, Francisco Régis Lopes; LUCAS, Meize Regina de Lucena (org.). **Tempo no Plural: memória e diversidade cultural**. Programa de Pós-Graduação em História da UFC. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2008.
- VIEIRA JR. Antonio Otaviano. A casa e o uso social do espaço: Representações do cotidiano familiar. In. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.
- VIEIRA JR. Antonio Otaviano. A estrutura material dos domicílios. In. **Entre paredes e bacamartes: história da família no sertão (1780-1850)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.
- VIEIRA JÚNIOR. Nas margens do casamento: sedução masculina e conflitos amorosos em Fortaleza (1799-1820). In. **Gênero**. Simone de Souza; Frederico de Castro Neves (Org.). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- VIEIRA JUNIOR. Antonio Otaviano. Apresentando a Família a partir da violência: tramas, tensões e cotidiano no Ceará (1780-1850). In. Arquivo Público do Ceará. **Documentos Revista do Arquivo Público do Ceará**./Arquivo Público do Ceará, v 1, n.4, semestral, Fortaleza: Arquivo Público do Ceará, 2005.
- VIEIRA JUNIOR. Antonio Otaviano. Navegando entre o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa e a capitania do Ceará Grande. In. In. Trajetos. **Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará**. v. 4, n. 8 (dez. 2006). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2006.
- MARTINS, José de Souza. **O poder do atraso**. São Paulo: HUCITEC, 1994,
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). **A Invenção do Trabalho**. São Paulo, Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco**. 1930/1964. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- _____. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- WEFFORT, Francisco Correia. **O Populismo na Política Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

História do Ceará II

4 créditos

Ementa: Cultura e Sociedade nos séculos XIX e XX; A política oligárquica; Instituições Sociais e o Movimento Operário; Religião e Religiosidade; Experiência Social e Cidadania; Revisão Historiográfica e análise documental.

Bibliografia

- CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. Os Trilhos do Progresso: episódios das lutas operárias na construção da Estrada de Ferro de Baturité (1872-1926). In. **Trajetos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v. 1, n. 2 (jun. 2002). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002.
- CARDOSO, Gleudson Passos. **Padaria Espiritual: Biscoito Fino e Travoso**. Fortaleza, Museu do Ceará, 2002.
- CHAVES, José Olivenor Souza. 'Metrópole da Fome': a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879. In. **Seca**. Simone de Souza; Frederico de Castro Neves (organizadores). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- FUNES, Eurípedes Antônio. Negros no Ceará. In. **Uma nova História do Ceará**. Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves. [et al] 3. ed. rev. e atual. Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2004.
- GONÇALVES, Adelaide. Papel educativo: imprensa e instrução para os trabalhadores no Ceará (1874-1920). In. **Trajetos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v. 5, n. 9/10 (dez. 2007). – Fortaleza: departamento de História da UFC, 2007.
- GUEDES, Mardônio. **Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930 – 1940)**. In. **Gênero**. Simone de Souza; Frederico de Castro Neves (organizadores). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- MOTA JUCÁ, Gisafran Nazareno. Fortaleza: cultura e lazer (1945-1960). In. **Uma nova História do Ceará**. Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves... [et al] 3. ed. rev. e atual. Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2004.
- PONTE, Sebastião Rogério de Barros da. A Belle Époque em Fortaleza: remodelação e controle In. **Uma nova História do Ceará**. Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves ... [et al] 3. ed. rev. e atual. Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2004.
- RAMOS, Francisco Régis Lopes. Juazeiro e Caldeirão: espaços de sagrado e profano. In. **Uma nova História do Ceará**. Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves ... [et al] 3. ed. rev. e atual. Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2004.
- REIS, Edilberto Cavalcante. Levantai-vos Soldados de Cristo: a Igreja Católica no Ceará e a eleição para a constituinte de 1891. In. **Trajetos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. v. 5, n. 9/10 (dez. 2007). Fortaleza: departamento de História da UFC, 2007.
- SOUZA, Noélia Alves de. Embriaguez e desordem: alcoolismo e masculinidade em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX. In. **Gênero**. Simone de Souza; Frederico de Castro Neves (organizadores). Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.
- SOUZA, Simone. Da 'Revolução de 1930 ao Estado Novo. In. **Uma nova História do Ceará**. Organização, Simone de Souza; Adelaide Gonçalves ... [et al] 3. ed. rev. e atual. Fortaleza Edições Demócrito Rocha, 2004.
- SOUZA, Robério Américo. **Evangélicos numa cidade católica: a ação de missionários protestantes em Fortaleza (1882-1915)**. In. **Trajetos**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. – v. 4, n. 8 (dez. 2006). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002.

3.5.1.3 História Geral

História Antiga I

4 créditos

Ementa: O homem/mulher ágrafos: origens, estágio evolutivo, dados paleantropológicos; Correntes migratórias de ocupação das Américas; Fundamentos historiográficos contemporâneos no estudo da antiguidade oriental; Sociedades das civilizações do Oriente Médio. Período: da história ágrafa ao Séc XII antes da era comum.

Bibliografia

- BAINES, John e MÁLEK, Jaromir. **O Mundo egípcio: Deuses, Templos e Faraós**. Vol. 1. Madri, Edições Del Prado, 1996.
- BAINES, John e MÁLEK, Jaromir. **O Mundo egípcio: Deuses, Templos e Faraós**. Vol. 2. Madri, Edições Del Prado, 1996.
- BURNS, Edward Mcnall. **História da Civilização Ocidental**. Vol 1. São Paulo. Globo, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **O Egito Antigo**. São Paulo, Brasiliense, s/d. (Coleção Tudo é História).
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **A Cidade-estado Antiga**. São Paulo, Ática, 1987. (Série Princípios).
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Sociedades do Antigo Oriente Próximo**. São Paulo, Ática, 1988. (Série Princípios).
- FINLEY, Moses. **Aspectos da Antiguidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- FINLEY, Moses. **História Antiga**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- HISTÓRIA EM REVISTA. **A aurora da humanidade**. Rio de Janeiro, Abril Livros, 1994.
- HISTÓRIA EM REVISTA. **A era dos reis divinos 3000-1500 a.C.** Rio de Janeiro, Abril Livros, 1991.
- HISTÓRIA EM REVISTA. **Maré bárbaras 1500-600 a. C.** Rio de Janeiro, Abril Livros, 1991.
- MONTAGU, Ashley. **Introdução à Antropologia**. São Paulo, Cultrix, 1978.
- PINSKY, Jaime (Org.). **Modos de produção na antiguidade**. São Paulo, Global, 1984.
- ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente**. Vol.1. Madri, Edições del Prado, 1997.
- ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente**. Vol.2. Madri, Edições del Prado, 1997.

História Antiga II

4 créditos

Ementa: Fundamentos historiográficos contemporâneos no estudo da Antiguidade clássica; A cultura Creto-micênica; Princípios, dinâmicas e práticas políticas em Atenas e Esparta; Religião e cultura na Grécia; Legado histórico da civilização grega; Trabalho e escravidão na antiguidade clássica; A época helenística; Organização social e cidadania na República e Império romanos; Legado histórico da civilização romana; Passagens da antiguidade clássica à Idade Média. Período: séc. xii antes da era comum ao séc. v da era comum.

BIBLIOGRAFIA

- BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **A Cidade-estado Antiga**. São Paulo, Ática, 1987. (Série Princípios).
- CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto II: os domínios do homem**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FINLEY, Moses. **Política no Mundo Antigo**. Lisboa, Edições 70, 1997.
- FINLEY, Moses. **Aspectos da Antiguidade**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- FINLEY, Moses. **História Antiga**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

- FLORENZANO, Maria Beatriz. **O Mundo Antigo: economia e sociedade**. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- GIARDINA, Andrea (org.). **O Homem Romano**. Lisboa, Editorial Presença, 1992.
- GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana**. Lisboa, Edições 70, 1993.
- GRIMAL, Pierre. **A Vida em Roma na Antiguidade**. Portugal, Publicações Europa-América, s/d.
- LÉVÊQUE, Pierre. **O Mundo Helenístico**. Lisboa, Edições 70, 1990.
- MAFFRE, Jean-Jacques. **A Vida na Grécia Clássica**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1989.
- MAUSSÉ, Claude. **As Instituições Gregas**. Lisboa, Edições 70, 1985.
- MENDES, Norma Musco. **Roma Republicana**. São Paulo, Ática, 1988.
- MOSSÉ, Claude. **Atenas: A História de uma democracia**. Brasília, UNB, 1995.
- NAQUET, Pierre Vidal. **A Democratização Grega: ensaios de historiografia antiga e moderna**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1993.
- VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- VERNANT, Jean Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo, Papirus, 1992.
- VERNANT, Jean Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. São Paulo, Bertrand, 1992.
- VERNANT, Jean Pierre. **O Homem Grego**. Lisboa, Editorial Presença, 1994.
- VEYNE, Paul (org.). **Acreditaram os deuses nos seus mitos?** Lisboa, Edições 70, 1987.
- VEYNE, Paul. **História da Vida Privada: do império romano ao ano mil**. São Paulo, Cia das Letras, 1990.
- VEYNE, Paul. **A Sociedade Romana**. Lisboa, Edições 70, 1993.

História Medieval

4 créditos

Ementa: Fundamentos historiográficos no estudo da Idade Média; O sistema feudal. As sociedades do Oriente; Revolução feudal do século X; Religião e Cultura no mundo medieval; Formação dos Estados Monárquicos modernos; Ressurgimento do comércio no século XI; As Crises dos séculos XIV e XV. Período: séc. v da era comum ao séc. XIV

Bibliografia

- ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BAKHTIN, Mikail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BARK, W. Carol. **Origens da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- BERLIOZ, Jacques. **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa: Terramar, 1996.
- BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1987.
- BLOCH, R. Howard. **Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- BRAET, Herman e VERBEKE, Werner. **A Morte na Idade Média**. São Paulo, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1996.
- BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- _____. **Senhores e Camponeses**. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- _____. **Idade Média, Idade dos Homens**. São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- _____. **A Europa na Idade Média**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- FRANCO JR. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- GIARDINA, Andrea (org.). **O Homem Romano**. Lisboa, Editorial Presença, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa, Estampa, 1983.
- _____. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa, Gradiva, 1984.

_____. **O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa, Gradiva, 1992.

_____. **O Homem Medieval**. Lisboa, Presença, 1993.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

VEYNE, Paul. **História da Vida Privada**: do império romano ao ano mil. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

História Moderna

4 créditos

Ementa: Humanismo e o retorno aos clássicos greco-romanos. Arte e ciência no “Renascimento”; Mercantilismo e colonialismo nos séculos XV-XVIII; O *Mesmo* e o *Outro* na colonização das Américas; Historiografia e “natureza” do Estado Absolutista; Reforma e Contra-reforma. Período: séc. XV ao séc. XVII

Bibliografia

BARSTOW, Anne. **Chacina de Feiticeiras**: uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1995.

BRAUDEL, Fernand. **Gramática das Civilizações**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BROW, Judith. **Atos Impuros**: a vida de uma freira lésbica na Itália da renascença. São Paulo, Brasiliense, 1987.

BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã**. São Paulo, Brasiliense, 1990.

BURKE, Peter. **A Fabricação do Rei**. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

FALCON, Francisco. **Mercantilismo e Transição**. São Paulo, Brasiliense, 1987. (Coleção

DAVIS, Natalie Zemon. **Histórias do Perdão e seus narradores no século XVI**. São Paulo, Cia das Letras, 2001.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de Corte**. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, Editora Unesp, 1993.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo, EDUSP, 1991.

JANINE RIBEIRO, Renato. **A Etiqueta no Antigo Regime**. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Coleção Tudo é História).

KRAMER, Heinrich. **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1991.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **Montaillou**: Cátaros e Católicos numa aldeia occitana (1294-1324). São Paulo, Cia das Letras, 2002.

LADURIE, Emmanuel Le Roy. **O Carnaval de Romanos**: da candelária à quarta-feira de cinzas (1579-1580). São Paulo, Cia das Letras, 2002.

LE GOFF, Jacques. **Os Intelectuais na Idade Média**. Lisboa, Gradiva, 1984.

LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

MANDROU, Robert. **Magistrados e Feiticeiros na França do século XVII**. São Paulo, Perspectiva, 1979.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **O Nascimento da Bruxaria**. São Paulo, Imaginário, 1995.

RANDELL, Keith. **Lutero e a Reforma Alemã**. São Paulo, Ática, 1995. (Série Princípios).

RIBEIRO, Renato Janine. **A Etiqueta no Antigo Regime**. São Paulo, Brasiliense, s/d. (Coleção Tudo é História).

SEVCENKO, Nicolau. **O Renascimento**. São Paulo, Atual, 1994.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum**. São Paulo, Cia das Letras, s/d.

THOMPSON, E.P. **Senhores e Caçadores**: a origem da lei negra. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos?** São Paulo, Martins Fontes, 1988.

História Contemporânea I

4 créditos

Ementa: Revoluções burguesas; Filosofia Iluminista; "Revisionismo" historiográfico da Revolução Francesa; Capitalismo industrial; Experiências da resistência operária; Cultura, ciência e sociedade no século XIX. Período: séc. XVII e XIX.

Bibliografia

- BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. 5ª edição, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar** – A aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BLANNING, T. C. W. **Aristocratas versus burgueses?** A Revolução burguesa. São Paulo, Editora Ática, 1991 (Série Princípios).
- BRESCHIANI, Maria Stella M. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982 (Coleção Tudo é História).
- BRION, Marcel. **Viena no tempo de Mozart e Schubert**. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- CANÊDO, Letícia B. **A revolução industrial**. 13ª Edição, São Paulo, 1994 (Discutindo a História).
- DE DECCA, Edgar. **O nascimento das fábricas**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987. (Coleção Tudo é História).
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir** – história da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1987.
- HOBSBAWN, Eric J. **A era do capital (1848-1875)**. 10ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2004.
- HOBSBAWN, Eric J. **Mundos do Trabalho** – novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- HOBSBAWN, Eric J. **A era das revoluções (1789-1848)**. 17ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2003.
- HOBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914**. RJ, Paz e Terra, 1988.
- MARQUES, Adhemar, BEIRUTTI, Flávio e FARIA. **História contemporânea através de textos**. São Paulo, Contexto, 1999 (Textos e Documentos).
- MICHELET, J. **História da Revolução Francesa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história** – operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 (Oficinas da História).
- PERROT, M. "Maneiras de morar". In Perrot, Michelle (org.). **História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. SP, Companhia das Letras, pp. 307/323, 1991.
- PERROT, M. (Org.) **História da vida privada**. São Paulo: Schwarcz, 1991. v.4: "Da Revolução Francesa à Primeira Guerra".
- RUDÉ, George. **A multidão na história: estudos dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- RUDÉ, George. **Ideologia e protesto popular**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SINGER, Paul. **A formação da classe operária**. 10ª edição. São Paulo, Editora Atual, 1994 (Discutindo a História).
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

História Contemporânea II**4 créditos**

Ementa: Império Germânico e o Império Turco-otomano; Imperialismo no século XIX e XX e a Primeira Guerra Mundial; As Revoluções Russas; Crise capitalista de 1929 e o Estado de bem-estar social; Colapso das democracias liberais e a ascensão dos Estados Totalitários; Segunda Guerra Mundial: motivações e dinâmica. Período: séc XIX a II guerra mundial).

Bibliografia

- ALMEIDA, A. M. **Revolução e guerra civil espanhola**. São Paulo, Editora brasiliense, 1981.
- ARENDT, Hannah, **O sistema totalitário**. Publicações Dom Quixote, 1978.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História Contemporânea**. 5ª edição, Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar** – A aventura da modernidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BRUIT, Héctor H. **O Imperialismo**. 12ª edição. São Paulo: Editora Atual, 1994. (Discutindo a História).
- CANÊDO, Letícia B. **A descolonização da África e da Ásia**. São Paulo, Editora Atual, 1994 (Discutindo a História).
- FARIA, Ricardo de Moura. **As Revoluções do século XX**. São Paulo, Contexto, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir** – história da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes, 1987.
- HOBSBAWN, Eric J. **Mundos do Trabalho** – novos estudos sobre a história operária. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.
- HOBSBAWN, Eric J. **A era dos impérios: 1875-1914**. RJ, Paz e Terra, 1988.
- HOBSBAWN, E. J. **A era dos extremos**. História breve do século XX, 1914-1991. Lisboa: Presença, 1996.
- LEFOR, Claude. **A invenção democrática** – os limites do totalitarismo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- LENHARO, Alcir. Nazismo: **“O Triunfo da Vontade”**. 3ª edição, São Paulo, Editora Ática, 1991. (Série Princípios).
- MARQUES, Adhemar, BEIRUTTI, Flávio e FARIA. **História contemporânea através de textos**. São Paulo, Contexto, 1999 (Textos e Documentos).
- MAYER, Arno. **A força da tradição: a persistência do Antigo Regime - 1848/1914**. SP, Companhia das Letras, 1987.
- MICELI, Paulo. **As revoluções burguesas**. 10ª edição, São Paulo, Editora Atual, 1994 (Discutindo a História).
- ORTIZ, R. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PEDRO, Antônio. **A segunda guerra mundial**. São Paulo, Editora Atual, 1994 (Discutindo a História).
- PERROT, M. *Maneiras de morar*. In Perrot, Michelle (org.). **História da vida privada 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. SP, Companhia das Letras, pp. 307/323, 1991.
- PERROT, M. (Org.) **História da vida privada**. São Paulo: Schwarcz, 1991. v.4: “Da Revolução Francesa à Primeira Guerra”.
- RÉMOND, René. **Introdução à História do Nosso Tempo**. Do Antigo Regime aos nossos dias. Lisboa: Gradiva, 1994.

História Contemporânea III**4 créditos**

Ementa: Experiências socialistas no século XX; Social-democracia e stalinismo; Descolonização na África e Ásia; Arte e cultura no pós-guerra; Crise capitalista dos anos 70; Estado, sociedade e trabalho pós-1970; O colapso do socialismo no Leste europeu e na

URSS; Estado Nacional e nacionalismo no século XX; Oriente e Orientalismo no século XX; A questão dos Bálcãs e as guerras imperiais na década de 90; A nova dinâmica Mundial no pós-guerra fria. Período: do pós-1945 ao tempo presente.

Bibliografia

- AKCELRUD, Isaac. **O Oriente Médio**: origem histórica dos conflitos: imperialismo e petróleo: judeus, árabes, curdos e persas. 4 ed. São Paulo: Atual; Campinas, Editora da UNICAMP, 1986. (Coleção Discutindo a História).
- BEZERRA, Holien Gonçalves. **A Revolução Chinesa**. São Paulo: Atual; Campinas, Editora da UNICAMP, 1984. (Coleção Discutindo a História).
- CANEDO, Letícia Bicalho. **A descolonização da África e da Ásia**. 3 ed. São Paulo: Atual; Campinas, Editora da UNICAMP, 1986. (Coleção Discutindo a História).
- HAESBAERT, Rogério. **China: entre o Oriente e o Ocidente**. São Paulo: Ática, 1994.
- HISTÓRIA E CRISE CONTEMPORÂNEA. **Diversos autores**. Departamento de História da FFLCH – USP: Edições Pulsar, 1994. (Coleção Tempo de História).
- HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. - São Paulo: Cia. das Letras, 1995. (Capítulos 8,9, 10,11,12,13,14,15,16).
- _____. **Sobre História**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia das Letras, 1998. (capítulos 3 e 18)
- HOUTART, François & AMIN, Samir. **Mundialização das resistências**: o estado das lutas 2003. São Paulo: Cortez, 2003. (Partes II e IV).
- PORTELI, Alessandro. A Bomba de Turim: Formação da Memória no Pós-Guerra. In **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral, v.9, n.1, jan-jun.2006. – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral
- REZENDE ILHO, Cyro de Barros. **História Econômica Geral**. 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Coleção Manuais Contexto). Cap. 9 – A Alternativa ao Capitalismo, pp. 241-301

História Da América I

4 créditos

Ementa: Povos pré-coloniais das Américas; Invenção da América; Impérios coloniais do século XV ao XVIII; Trabalho escravo e sistema colonial na América espanhola e inglesa; Cultura e Resistência social nas Américas; Inquisições na América Espanhola; Independência das Treze Colônias e da América espanhola; Formação dos Estados Nacionais nas Américas.

Bibliografia

- BARBEIRO Heródoto. **História da América**. São Paulo, Moderno, 1980.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo, Edusp, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **O trabalho na América Latina Colonial**. São Paulo: Ática, 1995.
- CASANOVA, Pablo González. **História contemporânea da América Latina**. Imperialismo e libertação. São Paulo, Vértice, 1987.
- SANTIAGO, Theoa (Org.) **América colonial**. São Paulo, Icade, 1988.
- NEIBURG, Federico. **Os intelectuais e a invenção do peronismo**. São Paulo, Edusp, 1997.
- ROUQUIÉ, Alain. **O Estado militar na América Latina**. São Paulo, Alfa-Omega, 1984.
- ROUQUIÉ, Alain. **O Extremo-Ocidente**. Uma introdução à América Latina. São Paulo, Edusp, 1991.
- SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimientos e colonização**. São Paulo. Ática, 1987.
- SCHILLING, Voltaire. **As etapas da dominação**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1988.

História da América II**4 créditos**

Ementa: Expansionismo e Imperialismo na América latina (séculos XIX-XX); A Revolução Mexicana; O Populismo e nacional-desenvolvimentismo latino-americano; Lutas revolucionárias na América Latina; Autoritarismo e sociedade na América latina; América Latina e políticas neoliberais; Movimentos resistência na América Latina. Período: séc. XIX ao tempo

Bibliografia

- BARBEIRO Heródoto. **História da América**. São Paulo, Moderna, 1980.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo, Edusp, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **O trabalho na América Latina Colonial**. São Paulo: Ática, 1995.
- CASANOVA, Pablo González. **História contemporânea da América Latina**. Imperialismo e libertação. São Paulo, Vértice, 1987.
- SANTIAGO, Thea (Org.) **América colonial**. São Paulo, Icare, 1988.
- NEIBURG, Federico. **Os intelectuais e a invenção do peronismo**. São Paulo, Edusp, 1997.
- ROUQUIÉ, Alain. **O Estado militar na América Latina**. São Paulo, Alfa-Omega, 1984.
- ROUQUIÉ, Alain. **O Extremo-Occidente**. Uma introdução à América Latina. São Paulo, Edusp, 1991.
- SILVA, Janice Theodoro da. **Descobrimientos e colonização**. São Paulo. Ática, 1987.
- SCHILLING, Voltaire. **As etapas da dominação**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1988.

História da África**4 créditos**

Ementa: Introdução ao estudo da África pré-colonial; a diversidade étnica; a expansão islâmica; os principais reinos da África ocidental na véspera e durante a expansão marítima europeia; a inserção africana no mercado mundial do século XVI; os séculos do tráfico negreiro; o imperialismo e a partilhada África no século XIX.

Bibliografia

- ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O trato dos viventes**. Formação do Brasil no Atlântico sul, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- BARRY, Boubacar **Senegâmbia: o desafio da história regional**, Rio de Janeiro, UCAM (Universidade Cândido Mendes), CEAA (Centro de Estudos Afro-Asiáticos) e Amsterdam, SEPHIS (South-South Exchange Programme for Research on the History of Development), 2000.
- BLACKBURN, Robin. **A construção do escravismo no Novo Mundo**. Do barroco ao moderno, 1492-1800. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro, Record, 2003.
- COELHO, Virgílio **Em busca de Kábàà**: uma tentativa de explicação da estrutura político-administrativa do "Reino do Ndongo", em Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, pp 443-477.
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. **A descoberta da África**. Lugar da História. Lisboa: Edições 70, 2004.
- CURTIN, Philip D. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuição à história em geral, em História Geral da África I. **Metodologia e Pré-História da África**, coordenação Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Editora Ática/UNESCO, 1980, pp 73-89.
- DAVIS, David Brion. **O problema da escravidão na cultura ocidental**. Tradução de Wanda Caldeira Brant. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DIAS, Jill R. O Kabuku Kambilu (c.1850-1900): uma identidade política ambígua, em **Actas do Seminário Encontro de Povos e Culturas em Angola**. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp 13-53.

FAGE, J. D. **História da África**. Lisboa: Edições 70, 1997.

_____. **A evolução da historiografia da África**, História Geral da África I. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980, coordenador do volume Joseph Ki-Zerbo, pp.43-59.

FERREIRA, Roquinaldo. **Dinâmica do comércio intracolônial**: geribitas, panos asiáticos e guerras no tráfico angolano de escravos (século XVIII), em O antigo regime nos trópicos. A dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII), organizadores João Fragoso, Maria Fernanda Bicalho e Maria de Fátima Gouvêa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, Cap 11, pp 339-378.

HAMPATÉ BÂ, Hamadou. **A tradição viva**, em História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Organizado por Joseph Ki-Zerbo. São Paulo, Ed. Ática/UNESCO, 1980.

HAVIK, Philip J. **Comerciantes e concubinas**: sócios estratégicos no comércio atlântico na costa da Guiné, A dimensão atlântica da África, II Reunião Internacional de História da África, São Paulo, CEA-USP/SDG-Marinha/CAPEs, 1997, pp 161-179.

HEINTZE, Beatrix. **Angola nas garras do tráfico de escravos**: as guerras do Ndongo (1611-1630), em Revista Internacional de Estudos Africanos, n.1, janeiro/junho 1984, pp.11-59.

_____. O contrato de vassalagem afro-português em Angola no século XVII, em Angola nos séculos XVI e XVII. **Estudo sobre fontes, métodos e história**. Tradução de Marina Santos. Luanda, Kilombelombe, 2007, pp.387-436.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África negra I**. Publicações Europa-América, s/d.

LAW, Robin. **A carreira de Francisco Félix de Souza na África Ocidental (1800-1849)**, em Topoi 2, março de 2001, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro: 7Letras, pp.9-39.

LOPES, Carlos Kabunké. **Espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-colônias**. Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África**. Uma história e suas transformações, tradução Regina Bhering e Luiz Guilherme Chaves. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

M'BOKOLO, Elikia. **África negra**. História e civilizações. Salvador/São Paulo: EDUFBA/Casa das Áfricas, 2009.

MEILLASSOUX, Claude **Antropologia da escravidão**. O ventre de ferro e dinheiro. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

MILLER, Joseph C. **Poder político e parentesco**. Os antigos estados mbundu em Angola. Tradução Maria da Conceição Neto. Luanda, Arquivo Histórico Nacional / Ministério da Cultura, 1995.

_____. **África central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850, em Diáspora negra no Brasil**, org. Linda M. Heywood, São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MONTEIRO e ROCHA, Fernando Amaro e Teresa Vasquez. **A Guiné do século XVII ao século XIX**. O testemunho dos manuscritos. Lisboa, Prefácio, 2004.

NEWITT, Malyn. **História de Moçambique**. Sintra: Publicações Europa-América, 1997.

PARREIRA, Adriano. **Economia e sociedade em Angola na época da rainha Jinga, século XVII**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

RYDER, Allan Frederick Charles. **Do rio Volta aos Camarões**, em História Geral da África IV. A África do século XII ao XVI. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980, coordenador do volume D.T. Niane, pp.353-384.

SILVA, Alberto da Costa e. **A manilha e o libambo**. A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

_____. **Um rio chamado atlântico**. A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira / Ed. UFRJ, 2003.

_____. **Francisco Félix de Souza**, mercador de escravos. Rio de Janeiro, Nova Fronteira: EdUERJ, 2004.

_____. Os primeiros anos de Francisco Félix de Souza na costa dos escravos, em África 22-23, **Revista do Centro de Estudos Africanos**, USP, São Paulo, 1999/2000/2001, pp.9-23.

SOUMONNI, Elisée. **Daomé e o mundo atlântico**. Rio de Janeiro, UCAM (Universidade Cândido Mendes), CEAA (Centro de Estudos Afro-Asiáticos) e Amsterdam, SEPHIS (South-South Exchange Programme for Research on the History of Development), 2001.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**. História da festa de coroação de rei congo, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

_____. Catolicismo e comércio na região do Congo e de Angola, séculos XVI e XVII, em **Nas rotas do império**, organizadores: João Fragoso, Manolo Florentino e outros. Ilha de Vitória, EDUFES, 2006, pp.279-297.

_____. **África e Brasil africano**. São Paulo, Ática, 2ª edição, 2008.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico, 1400-1800**, Tradução Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro, Editora Campus: Elsevier, 2004.

VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Marina de Mello e. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. **Tempo. Revista do Departamento de História da UFF**, Rio de Janeiro: 7Letras, v.3, n.6, p.95-118, dez. 1998. (disponível on line)

VENÂNCIO, José Carlos. **A economia de Luanda e hinterland no século XVIII**. Um estudo de sociologia histórica. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

3.5.1.4 Disciplinas Pedagógicas

Organização e Legislação da Educação Brasileira 4 créditos

Ementa: A organização da Educação Nacional: fins, diretrizes, estrutura e funcionamento. A estrutura didática e disciplinar do ensino fundamental e médio, da educação de jovens e adultos, da educação profissional, educação à distância, formação de professores, financiamentos.

Bibliografia

BRASIL, **Constituição da República do** (versão atualizada em educação); SÃO PAULO, Constituição do Estado de; BRASIL, Lei 8.069/90- Estatuto da Criança e do Adolescente; BRASIL, Lei 9.394/96. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (versão atualizada); BRASIL, Lei 9.424/96- Estabelece a criação do Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério-FUNDEF

BORGES, Z. P., **Tempo de escolarização ofertado no ensino fundamental no Brasil**, texto de apoio, digitado, 2008.

BOTH, I.J. **Municipalização da educação**, Campinas, SP, Papirus, 1997.

BOTH, Ivo J. **Municipalização da educação: uma contribuição para um novo paradigma de gestão do ensino fundamental**, Campinas, SP, Papirus, 1997.

BRZEZINSKI, I. (org). **LDB interpretada: diversos olhares se entrecruzam**, São Paulo-SP, 2003;

- CALLEGARI, C. , CALLEGARI, N. **Ensino fundamental: a municipalização induzida**, São Paulo, Senac, 1997.
- CAMPOS, M.R. de e CARVALHO, M.A. de, **A Educação nas Constituições Brasileiras. Campinas**, Pontes, 1991.
- CASTRO, M. L. O. de. **A educação na Constituição de 1988 e a LDB**, Brasília, DF, André Quicé, 1988.
- COSTA, V.C.C. (org). **Descentralização da Educação: Novas formas de coordenação e financiamento**, FUNDAP, Cortez, São Paulo, 1999;
- CUNHA, L. A. **Educação, estado e democracia no Brasil**, Cortez/ Autores Associados, São Paulo, 1991.
- CUNHA, L.A. **Educação, Estado e Democracia no Brasil**, S.P., Cortez Ed., R.J., Ed. UFF, Brasília, FLACSO do Brasil, 1991.
- DE TOMASI, L.; WARDE, M.J.; HADDAD S. A. (orgs). **O Banco Mundial e as políticas educacionais**, São Paulo, Cortez, 1996;
- DEMO, P. **A nova LDB: ranços e avanços**, Campinas, SP, Papirus, 1997.
- DEMO, Pedro,- **A nova LDB: ranços e avanços**, Campinas, sp, Papirus, 1997.
- DIAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é participação**, Editora Brasiliense, São Paulo, 1994.
- DRAIBE, S.- **As políticas sociais e o neoliberalismo**- Revista USP, 05/1998, São Paulo, SP;
- DROR, Yehezkel, A capacidade de governar: Informe ao Clube de Roma, trad. de Carolina de Andrade, São Paulo, FUNDAP, 1999.

Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem 4 créditos

Ementa: Visão antropológica, histórica e social da adolescência, considerando a constituição do adolescente como sujeito psíquico. Concepções básicas sobre o desenvolvimento e aprendizagem do ser humano, conceito e características da adolescência. Desenvolvimento sócio – afetivo e cognitivo. Crises na adolescência. Fatores psicológicos no processo ensino/aprendizagem: percepção, atenção, motivação, memória e inteligência. Distúrbios na aprendizagem. Avaliação da Aprendizagem.

Bibliografia

- ABERASTURY, A., KNOBEL, M. **A Adolescência Normal**. Um enfoque psicanalítico. Tradução: Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, 4ª ed.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias** - Uma introdução ao estudo de Psicologia. Cap.14, 16 e 22. São Paulo, Saraiva, 2003, 13ª ed.
- Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. **O adolescente e a modernidade**. Rio de Janeiro; Companhia de Freud, 2000.
- CARRETERO, M.; CÁSCON, J. L. Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem na Adolescência. In. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. COLL, C., PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (org). Tradução: Francisco Franke Settineri e Marcos A G Domingues. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. v.1 Cap. 20, 21, 22, 23,
- PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo, Harbra, 2005.
- ROSA, Elza Zanerrato. Da Rua para a Cidadania: a construção de sentidos na construção da travessia IN OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo, Cortez, 2003.
- TEIXEIRA, Lumena Celi. **Sentido subjetivo da Exploração Sexual para uma Adolescente Prostituída** IN OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo, Cortez, 2003.
- ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Record, 2004. 14ª ed.

Linguagem Brasileira de Sinais - LIBRAS**4 créditos**

Ementa: Aspectos históricos e conceituais da cultura surda e filosofia do bilinguismo. Fundamentos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Aquisição e desenvolvimento de habilidades básicas expressivas e receptivas em LIBRAS.

Bibliografia

- BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- CASTRO JUNIOR, Gláucio de. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico**. Dissertação de Mestrado, Brasília: UnB, 2011.
- COUTINHO, Denise. **LIBRAS e Língua Portuguesa: semelhanças e diferenças**. João Pessoa: Arpoador, 2000.
- FELIPE, Tânia A. **Libras em Contexto**. Brasília: MEC/SEESP, 7ª edição, 2007.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC/SEESP, 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: MEC, 2005.
- QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SACKS, Oliver W. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**, Porto Alegre: Mediação, 1998.
- STRNADOVÁ, Vera. **Como é Ser Surdo**. Petrópolis, RJ: Babel Editora, 2000.

Introdução à educação a distância e informática**4 créditos**

Ementa: A realidade da educação na sociedade da informação, educação e recursos tecnológicos, educação a distância, educação virtual e ambientes virtuais de aprendizagem. O ensino e a aprendizagem na modalidade EAD. A estrutura da Rede em EAD e as ferramentas de utilização através da tecnologia da informação. A orientação em EAD: utilização e produção de materiais didáticos. Noções básicas de informática, nas suas dimensões instrumental e educativa, procurando familiarizar o aluno com as ferramentas tecnológicas e informacionais que ele vai utilizar ao longo do curso. Essa parte da disciplina apresenta e procura suscitar reflexões sobre internet, aplicativos, ferramentas síncronas e assíncronas, ambientes virtuais de aprendizagem, etc.

Bibliografia

- VIDAL, Eloisa Maia; MAIA, José Everardo Bessa. **Introdução à Educação a Distância**. Fortaleza: RDS, 2010.
- LOBO NETO, Francisco José da Silveira. **Educação a distância: referências e trajetórias**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, Brasília: Plano Editora, 2001.
- MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. **A Nova mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.
- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. São Paulo: Papirus, 2003.
- LITWIN, Edith (Og.). **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TEDESCO, Juan Carlos. (org) **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez, 2004.

3.5.1.5 História e Ensino

Didática do ensino de História

4 créditos

Ementa: Educação, Didática Geral e Ensino de História. Didática do ensino de História: arte e técnica. O conhecimento histórico e os procedimentos didáticos do ensino de história. Pressupostos da constituição da Didática do Ensino de História. Proposições sócio-históricas e pedagógicas do Ensino de História. Histórico das finalidades formativas do ensino de história. Parâmetros teórico-metodológicos e pedagógicos da organização curricular de História. A didática na formação do profissional de história.

Bibliografia

- BRASIL, Secretaria da Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais/História**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CUNHA, Maria Isabel da. "A Relação Professor-Aluno". In.: **Repensando a Didática**. Coordenadora Ilma Passos A. Veiga. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.
- HUFFAMANN, Jussara. "As Charadas da Avaliação". In.: **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Jussara Ma. Lerch Hoffmann. Porto Alegre: editora Mediação, 1993. 20ª. ed. Revista, 2003.
- BESSA., João Ricardo "História Ensinada x História Real: onde fica o aluno nessa história?" In.: **Para Além dos Conteúdos no Ensino de História**. Organizador Nicholas Davies. Rio de Janeiro: access, 2001.
- KARNAL, Leandro. "Dez mandamentos do professor". In.: **Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas. História**. Ano: I – nó. 03 – Julho de 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática: teoria da instrução e do ensino. In.: **Didática**. José Carlos Libâneo. São Paulo: Cortez, 1994.
- PILETTI, Claudino. Planejamento de Ensino. In.: **Didática Geral**. Claudino Piletti. 11ª. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- SILVA, Marcos A da. O Prazer em História. In.: **História: o prazer em ensino e pesquisa**. Marcos A da Silva. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: uma retrospectiva histórica. In.: **Repensando a Didática**. Coordenadora Ilma Passos A. Veiga. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 199
- WASSERMAN, Claudia. O Livro Didático: aspectos teórico-metodológicos relevantes na a sua produção. In.: **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Organizado por César Augusto Barcellos Guazzelli et alli. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2000.

Metodologia do ensino de História

04 créditos

Ementa: Ensino de História como objeto de pesquisa. Historiografia e Ensino de História. A formação do professor de história. Propostas Curriculares da Educação Básica. As diferentes linguagens como recursos e objetos da História. Planejamento de Ensino.

Bibliografia

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Procedimentos Metodológicos no Ensino de História. In: **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Competências e Habilidades. In.: **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- DELGADO, Andréa Ferreira. Por que Pesquisar-Ensinar História Sob a Perspectiva das Relações e Gênero? In.: **Revista do Laboratório de Ensino de História**. História e Ensino. Vol. 1 – Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 1995.

- FERREIRA, Carlos Augusto Lima. As Novas Tecnologias no Ensino de História: o estado da arte. In.: **Ensino de História** – reflexões e novas perspectivas. Carlos Augusto L. Ferreira (coord.) Salvador: Quarteto, 2004.
- FONSECA, Selva Guimarães. A Incorporação de Diferentes Fontes e Linguagens no Ensino de História. In.: **Didática e Prática de Ensino**. Selva Guimarães Fonseca. São Paulo: Papirus, 1993.
- KARNAL, Leandro (org.). ABERASTURY, A., KNOBEL, M. **A Adolescência Normal. Um enfoque psicanalítico**. Tradução: Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, 4ª ed.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias** - Uma introdução ao estudo de Psicologia. Cap.14, 16 e 22. São Paulo, Saraiva, 2003, 13ª ed.
- Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. **O adolescente e a modernidade**. Rio de Janeiro; Companhia de Freud, 2000.
- CARRETERO, M.; CÁSCON, J. L. Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem na Adolescência. In. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. COLL, C., PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (org). Tradução: Francisco Franke Settineri e Marcos A G Domingues. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. v.1 Cap. 20, 21, 22, 23,
- PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo, Harbra, 2005.
- ROSA, Elza Zanerrato. Da Rua para a Cidadania: a construção de sentidos na construção da travessia In OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo, Cortez, 2003.
- TEIXEIRA, Lumena Celi. Sentido subjetivo da Exploração Sexual para uma Adolescente Prostituída OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo, Cortez, 2003.
- ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Record, 2004. 14ª ed. In.: História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2003.
- MAGALHÃES, Marcelo de Souza. História e Cidadania: por quê ensinar história hoje?. In.: SOIHET, Rachel e ABREU, Martha. (orgs.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- PAIVA, Eduardo França. ABERASTURY, A., KNOBEL, M. **A Adolescência Normal. Um enfoque psicanalítico**. Tradução: Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985, 4ª ed.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias** - Uma introdução ao estudo de Psicologia. Cap.14, 16 e 22. São Paulo, Saraiva, 2003, 13ª ed.
- Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões. **O adolescente e a modernidade**. Rio de Janeiro; Companhia de Freud, 2000.
- CARRETERO, M.; CÁSCON, J. L. Desenvolvimento Cognitivo e Aprendizagem na Adolescência. In. **Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva**. COLL, C., PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (org). Tradução: Francisco Franke Settineri e Marcos A G Domingues. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995. v.1 Cap. 20, 21, 22, 23,
- PEREIRA, A. C. A. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo, Harbra, 2005.
- ROSA, Elza Zanerrato. Da Rua para a Cidadania: a construção de sentidos na construção da travessia In OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo, Cortez, 2003.
- TEIXEIRA, Lumena Celi. Sentido subjetivo da Exploração Sexual para uma Adolescente Prostituída In OZELLA, Sergio. **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo, Cortez, 2003.
- ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro, Record, 2004. 14ª ed.. In.: História e Imagens. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Poética Material. In.: **A Danação do Objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. O Saber e o Fazer Históricos em Sala de Aula. In: **Ensinar História**. Ma. Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli. São Paulo: Scipione, 2004.

Oficina de História do Ceará

4 créditos

Ementa: Levantamento bibliográfico e historiográfico sobre História do Ceará. Levantamento e análise de Documentos sobre História do Ceará. Levantamento, análise e produção de material didático referente a História do Ceará. A “história local” nos PCN de História.

Bibliografia

A bibliografia básica da disciplina consiste da bibliografia das disciplinas de História do Ceará I e II

ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.

AUDIGIER, F.; CRÉMIEUX, C.; TUTIAUX-GUILLON, N. La place des savoirs scientifiques dans les didactiques de l'histoire et de la géographie. **Revue Française de Pédagogie**, Paris, v. 106, p. 11-23, jan./mar. 1994.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGMANN, K. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n.19, p. 29-42, set. 1989/ fev. 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 002**, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2004

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 009**, de 8 de maio de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/00901formprof.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES 13**, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de História. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/resolucao/1302Historia.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 492**, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/49201FHGSCCLBAM.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, 1990. p. 177-229.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KUENZER, A. Z. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. In: **REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED)**, 25. Disponível

em: <http://www.anped.org.br/25/sessoes/especiais/acaciazeneidakuenzer.doc>. Acesso em: 9 maio 2003.

MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução: Décio Pignatari. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

PENTEADO, H. D. Professores-autores, sujeitos da escola. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 4., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: CSP, 2002. 1 CD-ROM.

RÜSEN, J. **Razão histórica**. Brasília: UNB, 2001.

SALIBA, E. T. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 117-127.

SILVA, M. A. da. A vida e o cemitério dos vivos. In: _____. (Org.). **Repensando a história**. São Paulo: Marco Zero, s.d.

Oficina de História do Brasil

4 créditos

Ementa: Levantamento bibliográfico e historiográfico sobre o Brasil. Levantamento e análise de Documentos de História do Brasil. Levantamento, análise e produção de material didático referente à História do Brasil. A História do Brasil nos PCN's de História.

Bibliografia Básica

A bibliografia básica da disciplina consiste da bibliografia das disciplinas de História do Brasil I, II e III

ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994.

AUDIGIER, F.; CRÉMIEUX, C.; TUTIAUX-GUILLON, N. La place des savoirs scientifi ques dans les didatiques de l'histoire et de la geographie. **Revue Française de Pédagogie**, Paris, v. 106, p. 11-23, jan./mar. 1994.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGMANN, K. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n.19, p. 29-42, set. 1989/ fev. 1990

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 002**, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2004

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 009**, de 8 de maio de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/00901formprof.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES 13**, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de História. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/resolucao/1302Historia.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 492**, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/49201FHGSCCLBAM.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, 1990. p. 177-229.

- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- KUENZER, A. Z. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. In: **REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED)**, 25. Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/sessoes/especiais/acaciazeneidakuenzer.doc>. Acesso em: 9 maio 2003.
- MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução: Décio Pignatari. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.
- PENTEADO, H. D. Professores-autores, sujeitos da escola. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 4., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: CSP, 2002. 1 CD-ROM.
- RÜSEN, J. **Razão histórica**. Brasília: UNB, 2001.
- SALIBA, E. T. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 117-127.
- SILVA, M. A. da. A vida e o cemitério dos vivos. In: _____. (Org.). **Repensando a história**. São Paulo: Marco Zero, s.d.

Oficina de História Geral II

4 créditos

Ementa: Levantamento bibliográfico e historiográfico sobre História Antiga e Medieval. Levantamento e análise de Documentos sobre História Antiga e Medieval. Levantamento, análise e produção de material didático referente à História Antiga e Medieval. A História Geral nos PCN's de História.

Bibliografia

A bibliografia básica da disciplina consiste da bibliografia das disciplinas de História Antiga I e II e História Medieval

- ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994.
- AUDIGIER, F.; CRÉMIEUX, C.; TUTIAUX-GUILLON, N. La place des savoirs scientifiques dans les didactiques de l'histoire et de la géographie. **Revue Française de Pédagogie**, Paris, v. 106, p. 11-23, jan./mar. 1994.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGMANN, K. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n.19, p. 29-42, set. 1989/ fev. 1990
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 002**, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2004
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 009**, de 8 de maio de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/00901formprof.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.
- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES 13**, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de História. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/resolucao/1302Historia.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

- _____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 492**, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/49201FHGSCCLBAM.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.
- CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, 1990. p. 177-229.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- KUENZER, A. Z. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. In: **REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED)**, 25. Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/sessoesespeciais/acaciazeneidakuenzer.doc>. Acesso em: 9 maio 2003.
- MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução: Décio Pignatari. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.
- PENTEADO, H. D. Professores-autores, sujeitos da escola. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 4., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: CSP, 2002. 1 CD-ROM.
- RÜSEN, J. **Razão histórica**. Brasília: UNB, 2001.
- SALIBA, E. T. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 117-127.
- SILVA, M. A. da. A vida e o cemitério dos vivos. In: _____. (Org.). **Repensando a história**. São Paulo: Marco Zero, s.d.

Oficina de História Geral II

4 créditos

Pré-requisito: Metodologia do Ensino de História e História Contemporânea II

Ementa: Levantamento bibliográfico e historiográfico sobre a História Moderna e Contemporânea. Levantamento e análise de Documentos sobre História Moderna e Contemporânea. Levantamento, análise e produção de material didático referente à História Moderna e Contemporânea.

Bibliografia

A bibliografia básica da disciplina consiste da bibliografia das disciplinas de História Moderna e Contemporânea I e II

ALMEIDA, M. J. de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.

AUDIGIER, F.; CRÉMIEUX, C.; TUTIAUX-GUILLON, N. La place des savoirs scientifiques dans les didactiques de l'histoire et de la géographie. **Revue Française de Pédagogie**, Paris, v. 106, p. 11-23, jan./mar. 1994.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGMANN, K. A história na reflexão didática. **Revista Brasileira de História**, v. 9, n.19, p. 29-42, set. 1989/ fev. 1990

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 002**, de 19 de fevereiro de 2002. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da educação básica em nível superior. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CP022002.pdf>. Acesso em: 6 dez. 2004

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP 009**, de 8 de maio de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/00901formprof.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES 13**, de 13 de março de 2002. Estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de História. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/resolucao/1302Historia.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CES 492**, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/sesu/ftp/pareceres/49201FHGSCCLBAM.doc>. Acesso em: 10 jul. 2004.

CHERVEL, A. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, 1990. p. 177-229.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

KUENZER, A. Z. Conhecimento e competências no trabalho e na escola. In: **REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPED)**, 25. Disponível em: <http://www.anped.org.br/25/sexoesespeciais/acaciazeneidakuenzer.doc>. Acesso em: 9 maio 2003.

MACLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução: Décio Pignatari. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1979.

PENTEADO, H. D. Professores-autores, sujeitos da escola. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 4., 2002, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: CSP, 2002. 1 CD-ROM.

RÜSEN, J. **Razão histórica**. Brasília: UNB, 2001.

SALIBA, E. T. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo das imagens. In: BITTENCOURT, C. (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997. p. 117-127.

SILVA, M. A. da. A vida e o cemitério dos vivos. In: _____. (Org.). **Repensando a história**. São Paulo: Marco Zero, s.d.

3.5.1.6 Estágio Supervisionado Curricular

Estágio Curricular Supervisionado I: Ensino Fundamental

6 créditos

Ementa: Fundamentos dos saberes da docência: acadêmico, escolar e da experiência. A função do Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental no processo de formação docente do historiador-educador. Elaboração e execução de planejamento didático-pedagógico, análise e acompanhamento do Projeto Político Pedagógico da escola e as múltiplas relações e práticas para a sua implementação: o currículo, o livro didático, as novas tecnologias. Elaboração e apresentação de relatório.

Bibliografia

APIAH, Kwame Anthony. Identidades africanas. in **Na casa de meu pai**. RJ: Contraponto, 1997, p. 241 – 251.

APPLE, Michel W. **Educação e poder**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

- ALMEIDA, Maria Celestino de. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.
- BARBUY, Heloisa. **Entendendo a sociedade através dos objetos**. Museu Paulista: Novas leituras. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1995, p. 17 - 23.
- BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.
- _____. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- _____. Identidade nacional e ensino de História do Brasil. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. O percurso acidentado do ensino de História da América. In: IOKOI, Zilda M.G. (org.). **Educação na América Latina**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; SP: EDUSP, 1996.
- _____. Produção didática de História: trajetórias de pesquisas. **Revista de História**, São Paulo, n. 164, p. 487-516, jan./jun. 2011.
- BLANCH, Joan Pagès & FERNÁNDEZ, Antoni Santisteban. La enseñanza y el aprendizaje del tiempo histórico en la educación primaria. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 281-309, set.-dez. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- BRASIL. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - História - 5a. a 8a. séries**. Brasília: SEF/MEC, 1998.
- BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. 5ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- _____. História e Ciências Sociais. A longa duração. **Revista de História**, n. 62, vol. XXX, abril-junho 1965, p. 261 - 294.
- CAIMI, Flávia Eloisa. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. Dossiê Ensino de História. **Revista Tempo**, no. 21. Niterói, RJ, 2007, p. 17 – 32.
- CARRETERO, Mario e outros. **Ensino da História e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CHAUVEAU, Agnès. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre o campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.
- CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tabula rasa do passado?** São Paulo: Ática, 1995.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. 2004.
- CURY, Marília Xavier. Educação em museus, cultura e comunicação. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Organização de Ana Maria de Oliveira Cunha... (et al]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 357 – 369..
- DOSSE, François. **História e Ciências Sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Visitas a museus e o ensino de história. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Organização de Ana Maria de Oliveira Cunha... (et al]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 466 - 484.
- _____. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 531-545, set./dez. 2004.
- FERRO, Marc. **A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: IBRASA, 1983.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia - O cotidiano do professor**. 5a. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro e passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. RJ: Contraponto, Ed. PUC Rio, 2006.
- LAVILLE, Christian. Em educação histórica, a memória não vale a razão! **Educação em Revista**. Junho de 2005, n. 41, Belo Horizonte, Revista do PPGE, FAE/UFMG, p. 13 – 39.
- _____. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de **Revista Brasileira de História**, vol História.. 19, n. 38, São Paulo, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.
- LOPES, José Manuel; CÉU DE MELO, Maria do. A fotografia: o que ela me (não) diz! - ou como dar lugar a diferentes vozes Babilônia. **Revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução**, Núm. 6-7, 2009, pp. 109- 126. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=56112331011>
- MANIQUE, António Pedro & PROENÇA, Maria Cândida. **Didáctica da História** - Património e História Local. Lisboa: Texto Editora, 1994.
- MARGAIRAZ, Dominique. **A utilização de documentos na aprendizagem de História e de Geografia**. Tradução e adaptação por Circe F. Bittencourt. Paris: INRP, 1989.
- MARTINS, Ismênia de Lima. História, Memória e a escola. In: MONTEIRO, Ana Maria, GASPARELLO, Arlette Medeiros, e MAGALHÃES, Marcelo de Souza. **Ensino de História – Sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Pintura histórica: documento histórico? In: **Museu Paulista: Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992, p. 22- 24.
- MOREIRA, Vânia M. Losada. Usos do passado: a questão quilombola entre a história, a memória e a política. In: SOIHET, Rachel, ALMEIDA, Maria Regina Celestino de, AZEVEDO, Cecília, e GONTIJO, Rebeca. **Mitos, projetos e práticas políticas – Memória e historiografia**. RJ: Civilização Brasileira, 2009, p. 231 – 248.
- MUNAKATA, Kazumi. História que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto / Universidade São Francisco, 1998.
- _____. Indagações sobre a História ensinada. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos e outros. **Questões da teoria e metodologia da História**. Porto Alegre:Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 303 - 313.
- NOVAES, Adauto. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PEREIRA, Junia Sales. Arbítrio e sensibilidade na aprendizagem histórica atravessada pelos museus. In: **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Organização de Ana Maria de Oliveira Cunha... (et al]. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 509 - 528.
- _____ & CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Sentidos dos tempos na relação museu/escola. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 30, n. 82, p. 383-396, set.- dez. 2010 - Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- PIAGET, Jean. **A noção de tempo na criança**. Rio de Janeiro: Record, s/d.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. Projeto de História 14. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. Fev. 1997, p. 7 – 24.
- _____. O que faz a história oral diferente. Projeto de História 14. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. Fev. 1997, p. 25 – 39.
- ROCHA, Antônio Penalves. **O filme: um recurso didático no ensino de história?** FDE. Coletânea Lições com cinema. SP: FDE, 1993, pp. 69 - 86.
- SALIBA, Elias Thomé. As imagens canônicas e o ensino de história. **III Encontro Perspectiva do ensino de História**. Curitiba: Aos Quatro ventos, 1999, p. 434 – 452.

- SAMAIN, Etienne (org.). **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II: caderno de orientação didática de História. SP: SME/DOT, 2006.
- SIMAN, Lana Mara de Castro. Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino e aprendizagem da História. **Caderno CEDES**, Campinas, vol.25, n. 67, p. 338-36, set./dez. 2005.
- SOIHET, Rachel, ALMEIDA, Maria Regina Celestino de, AZEVEDO, Cecília, e GONTIJO, Rebeca. **Mitos, projetos e práticas políticas** – Memória e historiografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SOFFIATI, Arthur. A ausência da natureza nos livros didáticos de História. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9, no. 19, p. 43-56, set. 89/fev.90.
- THOMÁS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). SP: Companhia das Letras, 1988.
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum** – Estudos sobre a cultura popular tradicional. SP: Companhia das Letras, 1998.
- VESENTINI, Carlos Alberto. História e Ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes. In **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, p.163-175.
- VYGOTSKY, L.S.. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- ZABALA, Antoni. As seqüências didáticas e as seqüências de conteúdo. In: **A prática educativa** - Como ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. Os enfoques didáticos. In: COLL, César, MARTÍN, Elena... (org.). **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Ática, 1996, p. 153 – 196

Estágio Curricular Supervisionado II: ação educativa patrimonial e ensino na escola de educação básica **6 créditos**

Ementa: O ensino de história a partir dos objetos da Cultura Material. Objetos e Lugares de Memória (Museus, arquivos, centros de documentação e de cultura, Monumentos, Praças etc), como espaços de ensino de história. Educação Patrimonial na esfera da história local. Elaboração e execução de Projeto de Ensino de História para o Ensino Fundamental.

Bibliografia

- ARANTES, Antônio Augusto.(org). **Produzindo o passado: Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEZERRA DE MENEZES, Ulpiano T. **Do Teatro da Memória ao Laboratório da História: A exposição museológica e o conhecimento histórico**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. V. 2, 1994, p. 63 a 69.
- _____. **Museu e Sociedade/Museu e Público: propostas sem ilusões**. Mimeo. s/d.
- _____. **Os ‘usos culturais’ da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais**. In YÁZIGI, Eduardo, CARLOS, Ana Fani; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da (org.) Turismo: Espaço, Paisagem e Cultura. São paulo: Hucitec, 1999.
- _____. **O fogão da Societé Anonyme du Gaz**. Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária. Projeto História, São Paulo, n. 21, nov. 2000.
- BURKE, Peter. **Cultura Material Através de Imagens**. In.: Testemunha Ocular: história e imagem. Peter Burke; tradução Vera Maria Xavier; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2004.
- CHAGAS, Mário de Sousa. **Museu: coisa velha, coisa antiga**.. Rio de Janeiro: UNIRIO, 1987.

- CUNHA, Maria Isabel da. **A Relação Professor-Aluno**. In.: Repensando a Didática. Coordenadora Ilma Passos A. Veiga. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1991.
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Educação Patrimonial e Cidadania: Uma Proposta Alternativa Para o Ensino de História**. In.: Revista Brasileira de História. São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol. 13, no. 25/26, setembro 1992/agosto 1993.
- FERNANDES, José Ricardo O. **Repensando o Patrimônio Cultural**. Fortaleza: NUDOC/UFC, 1991. mimeo.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Como nos Tornamos Professores de História: a formação inicial e continuada**. In.: Didática e Prática de Ensino. Selva Guimarães Fonseca. São Paulo: Papirus, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- SÃO PAULO (SMC). **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.
- FERNANDES, José Ricardo O. **“Educação Patrimonial e Cidadania: uma proposta alternativa para o ensino da História.”** Revista Brasileira de História. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, set92/ago93, V. 13, nº 25/26.
- FERNANDES, José Ricardo O. **“Memória e Ensino de História.”** In: BITTENCOURT, Circe (org.) O saber histórico na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1997.
- GIRAUDY, D., BOUILHET, H. **O Museu e a Vida**.(SL): MINC/SPHAN Pró Memória, 1990.
- GODOY, Mª do Carmo. **“Patrimônio Cultural: conceituação e subsídios para uma política.”** In: História e Historiografia em Minas Gerais. Belo Horizonte: ANPUH/MG, 1985.
- HORTA, Mª de Lourdes P. et. alli. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: EdUNICAMP, 1996.
- LE MOS, Carlos A.C. **O Que é Patrimônio Histórico**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos).
- MONTEIRO, Ana Maria. **Os professores de História: ainda são necessários?** . In.: Revista Nossa História. Editora: Vera Cruz. Ano I No. 05. Março de 2004.
- MOUTINHO, Mário C. **Museus e Sociedade**. Lisboa: Museu Etnológico Monte Redondo.. Cadernos do Patrimônio, 1989. V. 5.
- RAMOS, Fco. Régis Lopes. **Museu, ensino de história e sociedade de consumo**. In.: Trajetos. Revista do Programa de Pós-Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. V.1, n1 (nov.2001). Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2001.
- _____. **A danação do Objeto: O museu no ensino de história**. Chapecó. Santa Catarina: Argon, 2004.
- _____. **Museu Ensino de História e Sociedade de Consumo**. V. II. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2004.
- RIBEIRO, Marcus Venicio. **Não basta ensinar História**. In.: Revista Nossa História.

Estágio Curricular Supervisionado III: Ensino Médio 6 créditos

Ementa: A juventude, a educação, a História e o mundo. A importância do Estágio Supervisionado no Ensino Médio no processo de formação docente do historiador-educador. Elaboração e execução de planejamento didático-pedagógico, análise e acompanhamento do Projeto Político Pedagógico da escola e as múltiplas relações e práticas para a sua implementação: o currículo, o livro didático, as novas tecnologias. Elaboração e apresentação de relatório.

Bibliografia

- CARDOSO, Ciro F. MAUAD, Ana M. história e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema. In: CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.
- LIMA, Maria do Socorro Lucena. Conversando sobre a práxis docente. In **A hora da Prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente/** Maria do Socorro Lucena Lima. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. PP. 35-39.
- _____. & GARCIA, Zuleide Ferraz. O professor e o trabalho coletivo. In **A hora da Prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e a ação docente/** Maria do Socorro Lucena Lima. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. PP. 40-45.
- NUNES, Silma do Carmo. Categorias Conceituais que fundamentam as concepções de mundo presentes no Ensino de História. In **Concepções de Mundo no Ensino da História/** Silma do Carmo Nunes – Campinas, SP: Papirus, 1996 – (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico). pp. 27-46.
- _____. Concepções de mundo na produção historiográfica. In **Concepções de Mundo no Ensino da História/** Silma do Carmo Nunes – Campinas, SP: Papirus, 1996 – (Coleção Magistério Formação e Trabalho Pedagógico). pp. 109-114.

Estágio Curricular Supervisionado IV – ensino, pesquisa e extensão na escola de educação básica **6 créditos**

Ementa: Atividade docente: articulação pesquisa e ensino. Articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva na realização dos saberes: historiográfico, pedagógico e da experiência na docência do ensino médio. Elaboração e execução de Projeto de Ensino para escola de Ensino Médio.

3.5.1.7 Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – Memorial de Formação Docente

Trabalho de Conclusão de Curso I **1 crédito**

Ementa: Articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva na realização dos saberes: historiográfico, pedagógico e da experiência docente. Levantamento e organização do material para elaboração do Memorial de Formação Docente.

Bibliografia

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BRANDÃO, Vera Maria Antonieta T. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.
- IZQUIERDO, Ivan. **Questões sobre memória**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social** (Revista de Sociologia da USP). Volume 10, n. 1, Departamento de Sociologia, FFLCH-USP, São Paulo, maio de 1998, p. 1-8.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. Vozes, palavras, textos: as narrativas autobiográficas na formação de professoras-alfabetizadoras. **Tese de Doutorado**. Universidade de São

Paulo. Faculdade de Educação, 2002.

PONZIO, Augusto. **Procurando uma palavra outra**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PRADO, Guilherme do Val Toledo & SOLIGO, Rosaura. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo & SOLIGO, Rosaura. **Porque escrever é fazer história**. São Paulo, Graf. FE, 2005. p. 47-62

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2010.

Trabalho de Conclusão de Curso II

1 crédito

Ementa: Articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva na realização dos saberes: historiográfico, pedagógico e da experiência docente. Levantamento e organização do material para elaboração do Memorial de Formação Docente.

Bibliografia

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial S.A., 1988.

FISCHER, Beatriz T. Dault. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005.

KREUTZ, Lúcio. Etnia e educação: perspectivas para uma análise histórica. In: SOUZA, Cyntia Pereira de; CATANI, Denise Bárbara. **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

MORAES, Cineri Fachin. De professora a pedagoga: marcas de uma trajetória. In: MORAES, Cineri Fachin. Narrativas da formação acadêmica: quando as alunas são professoras. 2009. 106f. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2009.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru/São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.

NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

_____. António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Portugal: Dom Quixote, 1993.

_____. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História & História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PRESTES, Gelça Regina Lusa; RELA, Eliana; ERBS, Rita Tatiana. **Proposta de construção de uma narrativa autobiográfica de vida e formação**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/NEAD, 2007.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Memoriais autobiográficos, profissionalização docente e identidade: histórias de vida e formação na pós-graduação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

Trabalho de Conclusão de Curso III**2 créditos**

Ementa: Articulação entre a formação teórica e a prática pedagógica reflexiva na realização dos saberes: historiográfico, pedagógico e da experiência docente. Elaboração e apresentação do Memorial de Formação Docente.

Bibliografia

- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial S.A., 1988.
- FISCHER, Beatriz T. Dault. **Professoras: histórias e discursos de um passado presente**. Pelotas: Seiva, 2005.
- KREUTZ, Lúcio. **Etnia e educação: perspectivas para uma análise histórica**. In: SOUZA, Cyntia Pereira de; CATANI, Denise Bárbara. **Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.
- MORAES, Cineri Fachin. De professora a pedagoga: marcas de uma trajetória. In: MORAES, Cineri Fachin. **Narrativas da formação acadêmica: quando as alunas são professoras**. 2009. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2009.
- MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, Bauru/São Paulo, v. 9, n. 2, p. 191-210, 2003.
- NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- _____. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Portugal: Dom Quixote, 1993.
- _____. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
- PESAVENTO, Sandra Jatahi. **História & História Cultural**. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PRESTES, Gelça Regina Lusa; RELA, Eliana; ERBS, Rita Tatiana. **Proposta de construção de uma narrativa autobiográfica de vida e formação**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/NEAD, 2007.
- SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. Memoriais autobiográficos, profissionalização docente e identidade: histórias de vida e formação na pós-graduação. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Org.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

3.5.2 Disciplinas Optativas**Introdução a Antropologia****04 créditos**

Ementa: A natureza do pensamento antropológico. A cultura como objeto da antropologia: evolucionismo e relativismo cultural; o conceito de cultura para os antropólogos. A etnografia. Diálogos entre a História e a Antropologia Cultural.

Bibliografia

- COSTA, A contribuição da antropologia aos estudos da sociedade. In: Sociologia. **Introdução à ciência da sociedade**. 3ª edição. São Paulo: Moderna, 2005. p. 136-148
- Williams, Raymond. Cultura. In: **Palavras-Chave** – um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. (p.117-124)

- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru-SP: EDUSC, 1999. (capítulos 1 e 2);
- COSTA, Sociologia Alemã: a contribuição de Max Weber. In: Sociologia. **Introdução à ciência da sociedade**. 3ª edição. São Paulo: Moderna, 2005. (p. 94-103).
- GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989. (p. 278-321).
- OLIVEIRA, Roberto C. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2º edição. São Paulo. Editora Unesp. 2000. (p. 17 – 35).
- LAPLANTINE, F. **A Descrição Etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.(p. 13-58)
- ZALUAR, Alba. O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. In: **A Máquina e a Revolta**. São Paulo: brasiliense, 1985. (p.9 - 32)
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989. (p. 143- 179).

Introdução a Geografia

4 créditos

Ementa: A formação do pensamento geográfico. A sistematização da Geografia como ciência. As correntes do pensamento Geográfico: a Geografia Tradicional, a Geografia Pragmática, a Geografia Crítica e o horizonte Humanista. Os conceitos na evolução do pensamento Geográfico. Diálogos entre História e Geografia. Ecologia: campo e cidade.

Bibliografia

- ANDRADE, M.C. **Caminhos e Descaminhos da Geografia**. Série Educando, Papirus Editora, Campinas, SP, 1989.
- ANDRADE, M.C. **Geografia** - Ciência da Sociedade - Uma Introdução à Análise do Pensamento Geográfico. Editora Atlas, SP, 1987.
- ANDRADE, M.C. **Uma Geografia para o Século XXI**. Ed. Papirus, Campinas, 1994.
- CHISHOLM, M. **Geografia Humana: Evolução ou Revolução?** Interciência, RJ, 1979.
- CHRISTOFOLETTI, A. (organizador) **Perspectivas da Geografia**. DIFEL, 1982.
- CLAVAL, P. **La Pensée Géographique (Introduction à son Histoire)**, Publications de La Sorbonne, S.E.D.E.S., Paris, 1972.
- DOLFUS, O. **A Análise Geográfica**. Dif. Européia do Livro, SP, 1973.
- EDIÇÕES DA AGB. **Reflexões sobre a Geografia**. Col. Geografia Ontem e Hoje, AGB, SP, 80.
- FERREIRA, C.C. e SIMÕES, N.N. **A Evolução do Pensamento Geográfico**. Editora Gradiva, SP, 1986.
- GEORGE, P. **Os Métodos da Geografia**. Dif. Européia do Livro, SP, 1972.
- GREGORY, K.J. **A Natureza da Geografia Física**. Editora Bertrand Brasil S.A., RJ, 85.
- HARTSHORNE, R. **Questões sobre a Natureza da Geografia**. Textos Básicos do IPGH, RJ, 69.
- JOHNSTON, R.J. **Geografia e Geógrafos**. DIFEL, SP, 1986.
- JUNIOR, C.P. **Teoria Marxista do Conhecimento e Método Dialético Materialista**. Seleção de Textos no 6, AGB, SP, 1979.
- JUNIOR, J.R. **O que é Positivismo**. Col. Primeiros Passos, no 72, Editora Brasiliense, 1982.
- KONDER, L. **O que é Dialética**. Col. Primeiros Passos, no 23, Editora Brasiliense, 83.
- LACOSTE, Y. **A Geografia Serve, Antes de Mais, Para Fazer a Guerra**. Ed. Papirus, Campinas, 1988.

História dos povos nativos do Brasil**4 créditos**

Ementa: A partir de uma abordagem interdisciplinar, o que se pretende neste curso é discutir uma bibliografia variada sobre temas ligados à história de populações nativas no Brasil e nas Américas. O objetivo maior é aprofundar problemas conceituais e metodológicos apresentados pelo estudo de populações nativas a partir de registros históricos, sejam textuais, visuais ou orais.

Bibliografia

ARAÚJO, Ana Valéria et al. **Povos indígenas e a Lei dos “Branços”**: o direito à diferença. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada: LACED/Museu Nacional, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação, **Referencial nacional para as escolas indígenas**. 2. ed. Brasília-DF: MEC/SECAD, 2005.

_____, Ministério da Educação. **Parâmetros em ação** - Educação Escolar Indígena: Brasília-DF: MEC/SEF, 2002.

COELHO, Elizabete Maria Bezerra (Org.). **Estado multicultural e políticas indigenistas**. São Luis-MA: EDUFMA, CNPq, 2008.

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história**: o povo tenetehara em busca da liberdade. Petrópolis- RJ: Vozes, 2002.

GRUPIONE, Luis Doniset Benzi (Org). **Educação escolar indígena**. As Leis e a Educação Escolar Indígena. 2. ed. Brasília-DF: MEC/SECAD, 2005.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de Hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada: LACED/Museu Nacional, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A presença indígena na formação do Brasil**: Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada: LACED/Museu Nacional, 2006.

SILVA, Aracy Lopes da e FERREIRA. M.K.L.(orgs.) **Antropologia, história e educação**: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001.

_____, Aracy Lopes da. **Índios**. São Paulo-SP: Ática, 1988.

3.6 Quadro de disciplinas: concomitância, consecutividade e carga horária de estudo semanal

IES: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE

Curso: Curso de Graduação em História Licenciatura a Distância

Nome do(a) Módulo / Disciplina	1º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Introdução á Educação a Distância e Informática	68h	7	7	20	7	7	12	8													
Introdução aos Estudos Históricos	68h							7	9	7	15	15	7	8							
Introdução a Filosofia	68h															7	18	15	20	8	
Introdução à Sociologia	68h				15	15	7	7	12	12											
Disciplina Optativa I	68h										7	7	15	15	12	12					
Total/ horas	340h	07	07	20	22	22	19	15	19	21	7	22	22	22	23	12	19	18	15	20	8

Nome do(a) Módulo / Disciplina	2º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
História Antiga I	68h	15	15	7	7	12	12														
História do Brasil I	68h														7	7	7	22	18	7	
História do Ceará I	68h											12	15	15	7	12	7				
História da América I	68h		7	15	15	7	12	12													
Teoria e Metodologia da História I	68h							7	9	7	15	15	7	8							
Total/ horas	340h	15	22	22	22	19	24	19	9	7	15	15	19	23	15	14	19	14	22	18	7

Nome do(a) Módulo / Disciplina	3º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
História Antiga II	68h							7	9	7	15	15	7	8							
História do Brasil II	68h												12	15	15	7	12	7			
Organização e Legislação Brasileira	68h		7	15	15	7	12	12													
Didática do Ensino de História	68h	15	15	7	7	12	12														
Teoria e Metodologia da História II	68h															7	7	7	22	18	7
Total/ horas	340h	15	22	22	22	19	24	19	9	7	15	15	19	23	15	14	19	14	22	18	7

Nome do(a) Módulo / Disciplina	4º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
História Medieval	68h						7	9	7	15	15	7	8								
Metodologia do Ensino de História	68h											12	15	15	7	12	7				
Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem	68h		7	15	15	7	12	12													
História do Brasil III	68h	15	15	7	7	12	12														
História do Ceará II	68h														7	7	7	22	18	7	
Total/ horas	340h	15	22	22	22	19	24	19	9	7	15	15	19	23	15	14	19	14	22	18	7

Nome do(a) Módulo / Disciplina	5º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
História Moderna	68h	7	9	7	15	15	7	8													
Oficina de Ensino de História Geral I	68h	15	15	12	7	7	12														
Estágio Curricular Supervisionado I – Ensino fundamental	68h							7	9	7	15	15	7	8							
Metodologia da Pesquisa Histórica	68h									7	9	7	15	15	7	8					
História do Brasil IV	68h															15	15	22	7	9	
Total/ horas	340h	22	24	19	22	22	19	15	9	14	24	22	22	23	7	8	15	15	22	7	9

Nome do Módulo / Disciplina	6º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
História contemporânea	68h	15	15	12	7	7	12														
Estágio Curricular Supervisionado II	102h		10	12	15	15	12	10	10	10	8										
História da América II	68h							15	15	12	7	10	9								
História da África	68h											7	9	15	15	15	7				
Oficina de Ensino de História do Ceará	68h													7	7	7	10	15	15	7	
Trabalho de Conclusão do Curso I - Memorial de Formação docente	17h																			7	10
Total/ horas	391h	15	25	24	22	22	24	25	25	22	22	17	18	22	22	22	17	15	15	14	10

Nome do (a) Módulo / Disciplina	7º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
História Contemporânea	68h	15	9	7	15	7	7	8													
Linguagem Brasileira de Sinais – LIBRAS	68h							12	12	10	15	10	9								
Estágio Curricular Supervisionado III – Ensino Médio	102h								11	12	9	15	15	15	15	15	15	10			
Oficina de Ensino de História	68h															7	7	9	15	15	15
Disciplina Optativa II	68h	8	12	15	10	10	13														
Trabalho de Conclusão do Curso II	17h																			7	10
Total/ horas	391h	23	21	22	25	24	20	20	23	24	22	25	22	22	20	22	22	19	15	22	25

Nome do(a) Módulo / Disciplina	8º Semestre																				
	Carga horária total	Mês 1				Mês 2				Mês 3				Mês 4				Mês 5			
		Semana				Semana				Semana				Semana				Semana			
		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
Estágio Curricular Supervisionado IV	102h	12	7	12	7	12	12	7	10	9	6	8									
Historia Contemporanea III	68h	10	12	10	15	10	11														
Historiografia Brasileira	68h							12	12	10	15	10	9								
Oficina de Ensino de História Geral II	68h												12	12	10	15	10	9			
Disciplina Optativa III	68h													12	12	10	15	10	9		
Trabalho de Conclusão do Curso III	34h																		10	12	12
Total/ horas	408h	22	22	22	22	22	23	19	22	19	21	18	23	24	22	25	25	19	19	12	12

4. Corpo Funcional

4.1. Corpo docente

O Curso de História da FAFIDAM possui 11 professores efetivos e 02 substitutos, conforme se observa na tabela a seguir:

Professor	Titulação	Vínculo Institucional	Regime de Trabalho
Antônio Vítor	Graduado	Efetivo-Assistente G	40 h/a
José Maria Nunes Guerreiro	Mestre	Efetivo Adjunto J	40 h/a
Maria das Dores Mendes Segundo	Doutora	Efetiva Adjunto L	40 h/a Regime Integral
Vera da Costa Silva e Lima	Mestre	Efetiva Assistente E	40 h/a Dedicação Exclusiva
José Olivenor Souza Chaves	Doutor	Efetivo Adjunto K	40 h/a Dedicação Exclusiva
Francisco Antonio da Silva	Mestre	Efetivo Assistente E	40 h/a Dedicação Exclusiva
João Rameres Régis	Doutor	Efetivo Adjunto I	40 h/a Dedicação Exclusiva
Lúcia Helena de Brito	Doutora	Efetiva Adjunto M	40 h/a Dedicação Exclusiva
Silvana de Sousa Pinho	Mestre	Efetiva Assistente E	40 h/a Dedicação Exclusiva
Ivaneide Barbosa Ulisses	Mestre	Efetiva Assistente E	40 h/a Dedicação Exclusiva
Gustavo Adolfo D'Almeida Lobo	Mestre	Assistente D	40 h/a Dedicação Exclusiva
Maria Lucélia de Andrade	Mestre	Substituta	40 h/a
Mônica Emanuela Nunes Maia	Mestre	Substituta	40 /a

4.1.1 Coordenador do Curso

Prof. Ms Francisco Antônio da Silva - 40h/DE

4.1.2 Secretária

Maria de Fátima Assis Pitombeira – Secretária

4.2 Linhas de pesquisa

O Curso de História da FAFIDAM/UECE possui pesquisas nas seguintes áreas de estudo, de acordo com as atividades desenvolvidas pelo seu quadro docente:

1. Cultura e sociedade
2. Ensino de História
3. História Demográfica
4. História e Política
5. Relações de Gênero.

4.3 Produção científica

4.3.1 Produção Docente

A produção acadêmica dos professores do curso de História da FAFIDAM foi selecionada de acordo com os registros da *Plataforma Lattes* de cada docente, considerando os últimos cinco anos. Uma vez que no processo de Reconhecimento deste Curso consta um volume específico composto dos currículos integrais (*Lattes*) do quadro docente, listamos a seguir as atividades relacionadas a **publicações, projetos de pesquisa, resumos publicados em anais de congressos**. Optamos por seguir a ordem alfabética na disposição dos professores e suas respectivas produções.

Prof. Ms. Francisco Antonio da Silva

Publicações:

SILVA, F. Antônio. A Filosofia Prática Aristotélica: a relação entre práxis e ética. Boletim de Boletim de Discussão e Divulgação de Teorias Políticas e Sociais Alternativas. Aracati-Ce Ano I - NºI, Nov./2003, Aracati/CE, p. 02 – 02, 15 nov. 2003

SILVA, F. A.. A Ética Interpessoal Moderna. Ação Política - Boletim de Discussão e Divulgação de Teorias Políticas e Sociais Alternativas. Aracati-Ce Ano I - Nº I, Nov./2003, Aracati/CE, p. 03.

SILVA, F. A. Eticidade Alternativa: Utopia ou Delírio Jurássico?. Boletim de Discussão e Divulgação de Teorias Políticas e Sociais Alternativas. Aracati-Ce Ano I - Nº I, Nov./2003, Aracati/CE, p. 4.

SILVA, F. A. Homens e Bactérias ou Para Além dos Homens-Bactéria. Ponto de Mutação - Libelo da desconstrução, ano I, n. 1, nov./06, Aracati/CE, p. 01

SILVA, F. A. Para Além do Bem e do Mal. Ponto de Mutação Libelo da Desconstrução, ano I, n. 1, nov./06, Aracati/CE, p. 04.

SILVA, F. A. .O Mito da Democracia Racial. Ponto de Mutação Libelo da Desconstrução, ano I, n. 1, nov./06, Aracati/CE, p. 02.

SILVA, F. A. A Ética Interpessoal Moderna. Ponto de Mutação Libelo da Desconstrução, ano I, n. 1, nov./06, Aracati/CE, p. 03.

Projetos de Pesquisa:

Memórias da Luta pela Terra no Assentamento Bela Vista, município de Jaguaruana-Ceará

O projeto tem como propósito reconstituir a trajetória da luta pela terra dos assentados do Assentamento Bela Vista, no município de Jaguaruana Ceará, tentando compreender a dinâmica e modo de vida da comunidade e as possibilidades e expectativas criadas pela posse da terra e a compreensão que eles têm desta nova realidade. Está em andamento.

Resumos publicados em anais de congressos:

SILVA, F. A. A "FAMÍLIA JAGUARIBE": GÊNESE E INSTITUIÇÃO DE UMA FACÇÃO POLÍTICA. In: XIII Semana Universitária da UECE, 2008, Fortaleza. ANAIS XIII ENCONTRO DE PESQUISADORES, 2008.

SILVA, F. A. . Facção, Relações Pessoais e Liderança Política: o poder local no Município de Jaguaruana CE. In: XII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE, 2007, FORTALEZA. ANAIS XIII ENCONTRO DE PESQUISADORES, 2007.

SILVA, F. A. . Poder e tradição no Município de Jaguaruana - Ceará. In: X Congresso Brasileiro de Sociologia - Sociedade e Cidadania: Novas Utopias, 2001, Fortaleza. Programa e Resumos do X Congresso Brasileiro de Sociologia - Sociedade e Cidadania: Novas Utopias. Fortaleza : Sociedade Brasileira de Sociologia, 2001. v. 1. p. 225-226.

SILVA, F. A. . As Relações entre o Simbólico e o Político no Município de Jaguaruana-Ceará. In: III Semana Universitária da UECE - VII Semana de Iniciação Científica, 1998, Fortaleza. Anais do VII Encontro de Iniciação Científica da UECE, 9 a 13/Novembro/1998. Fortaleza : UECE, 1998. v. 1. p. 408

SILVA, F. A. . Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: projeto político-pedagógico para educação básica do campo. In: III Semana Universitária da UECE - VII Encontro de Iniciação Científica, 1998, Fortaleza. Anais do VII Encontro de Iniciação Científica da UECE. Fortaleza : UECE, 1998. v. 1. p. 450.

SILVA, F. A. . Chico Jaguaribe: o pai dos pobres (1964-1980). Resultados Preliminares. In: VI Encontro de Iniciação Científica da UECE, de 03 a 07 de novembro de 1997 - II Semana Universitária da UECE, 1997, Fortaleza. Anais do VI Encontro de Iniciação Científica da UECE. Fortaleza : UECE, 1997. v. 1. p. 364.

SILVA, F. A. . Chico Jaguaribe, o pai dos pobres . In: I Semana Universitária da UECE/V Encontro de Iniciação Científica da UECE, 1996, Fortaleza. I Semana Universitária da UECE - Anais do V Encontro de Iniciação Científica. Fortaleza : UECE, 1996. v. 1. p. 382.

Prof Ms Francisco Francijesi Firmino

Projetos de Pesquisa:

Grupo de Estudos em Teoria da História.

O grupo de estudos em Teoria da História tem dupla finalidade: primeira, colaborar com estudos orientados para alunos que tenham a pretensão de se inscrever nos mestrados de História, no Ceará, e, segundo, oferecer para a graduação de história discussões e bibliografia sobre a relação entre história e as temáticas que permeiam essa disciplina nos debates posteriores à década de 1960. Com isso, este grupo de estudos será dividido em dois subgrupos, de acordo com o objetivo que cada aluno tiver no momento que escolheu participar, se o estudo das bibliografias para o mestrado, ou a maior aquisição de conhecimentos em teorias da história. Espera-se, assim, incentivar a frequência dos estudantes de história nas pós-graduações, aumentando a possibilidade de ingresso em um programa de Mestrado, e fomentar as discussões sobre teoria e metodologia da história, o que também contribuiria na realização de projetos de pesquisa e dos trabalhos monográficos.

Situação: Em andamento;

2010 – 2011- Inventário de Documentação do Forum da Comarca de Limoeiro do Norte -Ce, Des. Antônio Carlos Costa e Silva.

Descrição: Este é um trabalho de preservação de documentos históricos. Nele, são fotografados e transcritos os inventários de bens arquivados no século XIX do referido Fórum. *Situação:* em andamento;

Trabalhos completos publicados em anais de congressos:

FIRMINO, Francisco Francijési . História e Melancolia: a crise da identidade cearense em José Alcides Pinto (1960-1970). In: XXV Simpósio Nacional de História - História e Ética, 2009, Fortaleza-CE. Simpósio Nacional de História. Fortaleza-Ce : Editora, 2009.

FIRMINO, Francisco Francijési . Narrativas do espaço e de si: o Ceará na Trilogia da Maldição, de José Alcides Pinto.. In: XXIV Simpósio Nacional de História - História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 2007, São Leopoldo - RS. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

FIRMINO, Francisco Francijési . As Inversões do Mito: o Ceará entre Iracema e o Garanhão Luso. In: II Encontro de História do Litoral Piauiense, 2007, Parnaíba-PI. Territórios Multidisciplinares da Pesquisa em História, 2007.

FIRMINO, Francisco Francijési . O Ceará da Infância: uma análise da construção do sertão cearense na Trilogia da Maldição de José Alcides Pinto. In: Os Sertões, 2006, Recife-PE. Espaços, tempos, movimentos, 2006.

FIRMINO, Francisco Francijési . Entre Sodoma, Gomorra e a Alucinação: a invenção do espaço cearense na Trilogia da Maldição de José Alcides Pinto. In: II Encontro Regional da Anpuh- RN/ VI Semana de Estudos Históricos do CERES, 2006, Caicó-RN. História, Historiografia e Ensino, 2006.

Resumos publicados em anais de congressos:

FIRMINO, Francisco Francijési . História e Melancolia: a crise da identidade cearense em José Alcides Pinto (1960-1970). In: XXV Simpósio Nacional de História - História e Ética, 2009, Fortaleza-CE. História e Ética: Simpósios Temáticos e Resumos do XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza-Ce : Editora, 2009. v. Único.

FIRMINO, Francisco Francijési . Narrativas do espaço e de si: o Ceará na Trilogia da Maldição de José Alcides Pinto.. In: XXIV Simpósio Nacional de História, 2007, São Leopoldo - RS. História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamento, 2007.

FIRMINO, Francisco Francijési . As Inversões do Mito: o Ceará entre Iracema e o Garanhão Luso. In: II Encontro de História da Litoral Piauiense, 2007, Parnaíba-PI. Territórios Multidisciplinares da Pesquisa Histórica, 2007

FIRMINO, Francisco Francijési . Entre Sodoma, Gomorra e Alucinação: a invenção do espaço cearense na Trilogia da Maldição de José Alcides Pinto. In: II Encontro Regional da Anpuh - RN História, historiografia e ensino, 2006, Caicó-Rn. Anais do II Encontro Regional da Anpuh - Rio Grande do Norte. Natal- RN : Ed. UFRN, 2006. v. 1

Prof. Ms. Gustavo Adolfo D'Alemeida Lobo

Resumos publicados em anais de congressos

LOBO, Gustavo A. D. . As visões da imprensa escrita sobre o Caldeirão. In: III Encontro de Pesquisadores e VI Encontro de Iniciação científica da UECE, 1997, Fortaleza. ANAIS DO III ENCONTRO DE PESQUISADORES. Fortaleza : EdUECE, 1997. v. 2. p. 239-239.

Profa. Ms. Ivaneide Barbosa Ulisses

Publicações:

ULISSES, I. B. Caretas em evidência: participação das crianças na Festa do município de Jardim-Ceará. Memória e Patrimônio Imaterial do ceará II, Propostas Alternativas, p. 17 - 23, 20 maio 2005.

Projetos de Pesquisa

Grupo de Estudo Interdisciplinar em Pierre Bourdieu;

Função no Grupo: Coordenadora; Situação: Em desenvolvimento;

Projeto de Inventário das Romarias de Juazeiro do Norte

Projeto apresentado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e aprovado para obtenção de custeio de pesquisa e catalogação de patrimônio imaterial concernente às festas religiosas em Juazeiro do Norte - CE. Em particular as romarias N.S Das Dores, N. S. das Candeias e Romaria de Finados. O projeto está em andamento e tem como integrantes os professores Lúcia Helena de Brito e Francisco Francijési Firmino; Possui uma bolsa de IC/UECE.

Resumos publicados em anais de congressos:

ULISSES, I. B. Fonte Oral: possibilidade uma história do queijo em Jaguaribe - Ceará. 2009. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

ULISSES, I. B. "O Dito e o não dito": A violência ritualizada nas brincadeiras de Caretas no Cariri cearense.. 2006. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

ULISSES, I. B. O riso dos Caretas de Jardim. 2001. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

Prof. Dr. João Rameres Regis

Publicações:

CARVALHO, S. M. G. (org.) ; BRITO, L. H. ; REGIS, J. R. . Mais um passo na educação do campo: escolarização do II segmento de trabalhadores rurais em áreas de assentamento da Reforma Agrária no Estado do Ceará. Fortaleza - CE: EdUECE, 2010 (Material Didático).

OLIVEIRA, A. L. ; REGIS, J. R. ; SIQUEIRA, S. M. A. ; MELO, A. A. M. C. ; SILVA, M. S. ; NOGUEIRA, A. G. R. . História e Ética: iniciação científica do Simpósio Nacional de História. Fortaleza - CE: Imprensa Universitária, 2009

NASCIMENTO, Francisco Alcides ; JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota ; NEVES, Berenice Abreu de Castro ; MELO, V. M. S. ; CORTEZ, L. G. ; REGIS, J. R. ; RAMALHO, Elba Braga ; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa ; RICARTE, Alyine Virino ; MACIEL, V. R. ; NASCIMENTO, Francisco G. Cavalcante ; OLIVEIRA, J. A. V. ; SOUSA, S. P. ; SALES, T. B; BARROS, L. X. ; SANTOS, Cícero Joaquim dos ; FERREIRA, L. M. . O Integralismo em Limoeiro: memórias de sonho e de frustração. In: JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. (Org.). Memórias entrecruzadas: experiências de pesquisa. Fortaleza - CE: EdUECE, 2009, v. , p.

Projetos de Pesquisa:

O Historiador e a Pesquisa em Arquivo

Função: Coordenador / Tutor do Programa de Educação Tutorial – PET. Esta atividade realizada no ano de 2010 e executada por uma equipe compostas de 06 alunos bolsistas do grupo PET trata-se de um projeto de pesquisa coletiva desenvolvido no acervo do Fórum da Justiça Comum, na Comarca de Limoeiro do Norte. Cada bolsista e ou aluno dedicarão cerca de oito (08) horas semanais na sistematização do referido acervo. A iniciativa de desenvolvermos um trabalho de pesquisa no fórum de Limoeiro do Norte resulta da necessidade de fazermos um levantamento dessa documentação histórica e por consideramos de grande valia para as pesquisas futuras dos petianos e dos alunos da graduação do curso de história da FAFIDAM, possibilitando-os a vivência do ofício do historiador e do fazer histórico e historiográfico. Ao final, objetiva-se elaborar um catálogo do acervo em questão que deverá se publicado. Foi concluída;

A História Revelada através da Arquitetura Regional

Esta atividade será desempenhada por 06 bolsistas do Grupo PET, ao longo do ano de 2010, e tem como pretensão construir um mapeamento dos patrimônios edificados das áreas urbanas e rurais (igrejas, capelas, casas, sobrados, casarões, chafarizes, casas de aviamentos de farinha, prensas de cera de carnaúba, casa de câmara e cadeia...), localizados nos municípios de Limoeiro do Norte e Morada Nova. Objetiva, ainda, compreender a formação histórica dos municípios visitados. Essa atividade tem como meta final produzir um material impresso com vistas a utilização nas escolas públicas dos municípios envolvidos.

Situação: Concluído;

Prof. Esp. José Maria Nunes Guerreiro

Publicações:

GUERREIRO, J. M. N. Ciclo Econômico da Carnaúba. In: Assis Araripe; César Borges; José Luiz Luzon. (Org.). Planificação Territorial e Desenvolvimento Regional. Fortaleza: EdiUECE, 2004, v. , p. 221-233

Prof. Dr. José Olivenor Souza Chaves

Publicações:

CHAVES, J. Olivenor S. (Org.). Muito Além do Saber e do Ensinar: teoria e prática no ensino de História no Vale do Jaguaribe. 1. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. 111 p

CHAVES, J. Olivenor S. (Org.); SILVA, Gláubia C. Arruda (Org.); Andrade, M. Lucélia de (Org.) . Catálogo de Fontes Históricas: Registros Paroquiais da Batismo, Casamento e Óbito: Documentos para a História do Vale do Jaguaribe. 1º. ed. Fortaleza: EdUECE, 2010. v. 100. 530 p.

CHAVES, J. Olivenor S. Vale do Jaguaribe: Autos do Passado. 1º. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. v. Único. 320 p.

CHAVES, J. Olivenor S. . Muito Além do Saber e do Ensinar: teoria e Prática no ensino de história no Vale do Jaguaribe. 1º. ed. Fortaleza: , 2010. v. Único. 170 p.

CHAVES, J. Olivenor S. . O Sertão Estilhaçado: historiografia e imaginário. In: ROSAS, Suzana Cavani; BRANDÃO, Tanya M. Pires. (Org.). Os Sertões: Espaços, Tempos, Movimentos. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010, v. , p.

SILVA, Gláubia C. Arruda; CHAVES, J. Olivenor S. Um Tributo de Dor: a Epidemia de Malária no Baixo Jaguaribe-CE (1937-1942). O Público e o Privado (UECE) ^{JCR}, v. 13, p. 107-121, 2009.

CHAVES, J. Olivenor S. Notícias do Vento: a relação homem e natureza nos sertões do Baixo Jaguaribe - CE. In: Gerson Augusto de Oliveira Júnior e Marco Aurélio Ferreira da Silva. (Org.). As Vozes do Tempo: a polifonia das fontes históricas. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007, v. 1.

CHAVES, J. Olivenor S; SILVA, Gláubia C. Arruda . Atravessando a Chapada do Apodi, o gambiae invadiu os sertões do Baixo Jaguaribe-CE (1937-1940). In: Almir Leal de Oliveira; Ivone Cordeiro Barbosa; Georgina da Silva Gadelha. (Org.). Ceará: Ciência, Saúde & Tecnologia (1850-1950). 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2007, v. 1, p. 77-94.

CHAVES, J. Olivenor S. MetrÓpole da Fome: a cidade de Fortaleza na seca de 1877-1879. In: Simone de Souza; Frederico de Castro Neves. (Org.). Seca. 1 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, v. , p. 49-74.

CHAVES, J. Olivenor S Olhares Perdidos Refazendo Histórias:Lembranças de velhos Camponeses. Propostas Alternativas, Fortaleza-CE, v. 06, p. 22 - 27, 01 jun. 1999.

CHAVES, J. Olivenor S. Narrando a arte de lembrar e lembrando na arte de narrar... Histórias sobre a epidemia de malária (1937-1938) . Revista do Imopec.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos:

CHAVES, J. Olivenor S. Narrando a Arte de Lembra e Lembrando na Arte de Narrar: Histórias sobre a Malaria no Baixo Jaguaribe Ceará. In: Segundo Encontro de História Oral do Nordeste, 2000, Salvador-BA. Do oral ao escrito: 500 anos de História do Brasil. Salvador-BA : Editora UNEB, 2000. v. 01. p. 266-278.

Resumos publicados em anais de congressos:

CHAVES, J. Olivenor S.. O Historiador e os Registros Paroquiais. In: Seminário Cultura e Cidade, 2005, Fortaleza. Caderno de Resumos, 2005.

CHAVES, J. Olivenor S. Secas, Trabalho e festas: memória e história de velhos sertanejos do Baixo Jaguaribe-CE. In: XX Simpósio Nacional de História, 1999, Florianópolis-SC. História: Fronteiras. Florianópolis-SC: Imprensa Universitaria da Universidade Federal de Santa Catarina, 1999. v. 01. p. 305

Projetos de Pesquisa:

Uma Cidade na Ribeira do Jaguaribe: cartografia histórica de Limoeiro do Norte

O projeto visa estabelecer níveis de compreensão acerca dos processos históricos que contribuíram para o desenvolvimento econômico e social da cidade de Limoeiro do Norte. Para isto, temos por propósito analisar as transformações que foram se operando a partir do final do século XIX, período que marca a constituição da vila de Limoeiro, no ano de 1873, e da cidade no ano de 1897. Portanto, tomando como referência um variado acervo de fundos documentais, de natureza oficial, temos por propósito analisar a efetivação das políticas públicas voltadas para diferentes aspectos do cotidiano da população citadina, instituídas ao longo do século XX pelo poder legislativo e executivo municipal, as quais, de maneira diversa, resultaram na mudança de hábitos e costumes. A pesquisa buscará, portanto, abordar questões relativas à saúde, a educação, a cultura, a segurança e a disciplinarização das práticas urbanas, visando, justamente, construir uma cartografia da cidade que possa contemplar as múltiplas percepções que os poderes públicos tinham da cidade em diferentes contextos históricos.. *Situação*: Em andamento; *Natureza*: Pesquisa com bolsa IC/FUNCAP.

Interpretando a cidade pelas frestas do poder: São Bernardo das Russas nas atas da Câmara Municipal (1891-1930).

Com este projeto de pesquisa, tenho por objetivo dar continuidade ao trabalho de pesquisa e catalogação dos fundos de documentação histórica existentes na região do Baixo Jaguaribe, privilegiando, desta vez, o arquivo da Câmara Municipal de Russas, no período de 1891 a 1930. No referido arquivo, através das atas das sessões ordinárias e extraordinárias, percorreremos os caminhos do poder público e da vida política de São Bernardo das Russas. *Situação em andamento*

Profa. Dra. Lúcia Helena de Brito

Publicações:

- BRITO, L. Helena de. As Culturas Populares e suas Faces: um patrimônio em movimento. In: Rodrigues, Kadma M. (org) Práticas de Cultura: contribuição franco-brasileira para uma sociologia da arte e das políticas de cultura. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011.
- CARVALHO, Sandra. M. G. e BRITO, L. Helena. (orgs) Mais um passo na educação do campo: escolarização do II segmento de trabalhadores rurais em áreas de assentamento da Reforma Agrária no Estado do Ceará. Fortaleza - CE: EdUECE, 2010 (Material Didático)
- BRITO, L. H.; BRITO, Célia Maria Machado de; CARVALHO, S. M. G. ; MARINHO, Cristiane Maria . Fundamentos Sociológicos da Educação. Sociedade e Educação: uma incursão nos clássicos da sociologia. FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E SOCIOLOGICOS DA EDUCAÇÃO. 1 ed. Fortaleza: RDS, 2009, v. único, p. 07-66
- BRITO, L. H.. Cultura e Trabalho na modernidade: o lugar das tradições. In: Maria Neyára de Oliveira Araújo; Léa Carvalho Rodrigues. (Org.). Transformações no Mundo do Trabalho. Realidades e Utopias. 1º ed. Fortaleza-Ceará: Edições UFC, 2005, v. 6, p. 239-253
- BRITO, L. H.. As Bandas Cabaçais no contexto da Cultura Popular Cearense. Raízes (Fortaleza), Fortaleza, p. 5-6, 2004

Trabalhos completos publicados em anais de congressos:

- BRITO, L. H.. Práticas Culturais Populares - Experiências de Educação e Cidadania. In: Conferência Internacional Educação, Globalização e Cidadania - Novas perspectivas da Sociologia da Educação, 2008, João Pessoa. Conferência Internacional Educação, Globalização e Cidadania. João Pessoa - PB: Universidade Federal da Paraíba / International Sociological Association, 2008. v. 1.
- BRITO, L. H.. Práticas de Cultura Popular: a tradição como forma de sociabilidade. In: Reunião Equatorial de Antropologia e X Reunião de Antropólogos Norte e Nordeste, 2007, Aracaju / SE. América Equatorial na Contemporaneidade. Aracaju-SE: Universidade Federal de Sergipe, 2007. v. 1.
- BRITO, L. H.. Cultura popular sertaneja: o espetáculo da tradição. In: VIII Reunião da Associação de Antropólogos do Norte e Nordeste - ABANNE, 2003, São Luís - Maranhão. VIII ABANNE - CCH/UFMA- Campus do Bacanga- São Luís. São Luís - Maranhão: UFMA, 2003. v. 1.
- BRITO, L. H.. Política e Cultura: dimensões de uma nova sociabilidade Hanna Arendt. In: IV Congresso e IV Mostra de Ciências Humanas, Letras e Artes, 1999, Viçosa / MG. CD-ROM - IV Congresso e IV Mostra de Ciências Humanas, Letras e Artes. Viçosa / MG: Universidade Federal de Viçosa - MG, 1999.

Resumos publicados em anais de congressos:

- BRITO, L. Helena de. Memória de Mestres: testemunho de tradições e sociabilidades. II Colóquio Internacional de Culturas Africanas: Griots, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011. Natal-RN.
- BRITO, L. Helena de. . Práticas de cultura popular: a tradição como mediação de sociabilidade. In: Reunião Equatorial de Antropologia - X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste, 2007, Aracaju. América Equatorial - Cultura na Contemporaneidade. Aracaju : Universidade Federal de Aracaju / ABA, 2007. v. 01. p. 250-250.
- BRITO, L. Helena de . Culturas Populares - simbologias de novas práticas de sociabilidade no campo. In: VII Congresso Latino Americano de Sociología Rural, 2006, Quito.

Projetos de Pesquisa:

Identificação do Inventário Nacional de Referências Culturais dos Espaços de Romaria em Juazeiro do Norte, CE

Descrição: Projeto de inventário possui 3 etapas: - Romarias de N S das Candeias (fevereiro) (já realizada) Romaria da N S Das Dores (setembro) Romaria dos Finados (novembro).

Situação: em andamento. Integrantes professores Ivaneide Barbosa Ulisses, Francisco Francijési Firmino e Danilo Almeida Patrício. Financiamento do IPHAN.

O Ensino de Sociologia nos cursos de licenciatura: desafios do processo de apropriação e produção do conhecimento na formação do aluno leitor crítico reflexivo

Este projeto tem por objetivo analisar os conteúdos trabalhados na disciplina de Sociologia, destinados a compreender e explicar a realidade social, e sua relação com a realidade sócio históricas dos alunos. A nossa intenção é analisar em que medida a apreensão do conhecimento sociológico pelos alunos é capaz de subsidiar a formulação do pensamento crítico a partir da apropriação das categorias sociológicas e da produção do conhecimento.

O projeto está em andamento e possui bolsas IC/UECE e IC/FUNACAP.

Diversidade Cultural e Sustentabilidade: um estudo sobre a política de valorização das culturas populares do Estado do Ceará.

Este projeto analisou as condições sociais dos mestres da cultura popular e suas expressões culturais em Limoeiro do Norte, tendo como foco as políticas públicas de cultura do estado do Ceará. Foi concluído.

Profa. Dra. Maria das Dores Mendes Segundo

Publicações:

RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D.; JIMENEZ, S. V. . Educação para Todos e Reprodução do Capital. Trabalho Necessário, v. ano 7, p. 1-24, 2009.

JIMENEZ, S. V.; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. . Marxismo, Educação e Luta de Classes: registro de uma experiência interinstitucional no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. Educação em Debate (CESA/UFC), v. 1, p. 49-67, 2008.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J. . Recomendações e advertências do Banco Mundial para a Educação Municipal Brasileira: notas críticas. Vida e Educação (Fortaleza), v. 1, p. 18-20, 2006

JIMENEZ, S. V.; MENDES SEGUNDO, M. D. Erradicar a pobreza e reproduzir o capital: notas críticas sobre as diretrizes para a educação do novo milênio. Cadernos de Educação (UFPel), v. 28, p. 119-137, 2007.

RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. . Análise da crise estrutural do capital à luz de Isván Mészáros. Educação em Debate (CESA/UFC), v. 1, p. 43-47, 2004.

MENDES SEGUNDO, M. D. Educação para todos: uma política dos organismos internacionais. In: Susana Jimenez, Rômulo Soares, Maurilene do Carmo, Cristiane Porfírio. (Org.). Contra o Pragmatismo e a favor da filosofia da Práxis: uma coletânea de estudos classistas. 1 ed. Fortaleza: Editora UECE, 2007, v. 326, p. 135-154.

MENDES SEGUNDO, M. D. O Banco Mundial no comando da Educação nos Países Periféricos. In: Claudia Gonçalves de Lima, Francisca Maurilene do Carmo, Jackline Rabelo

e Sandra Cordeiro Felismino. (Org.). Trabalho, Educação e a Crítica Marxista. 1 ed. Fortaleza: Editora da UFC, 2006, v. 1, p. 217-233.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. Marx e o fetichismo da mercadoria: notas a respeito do primeiro capítulo do livro d' O Capital. In: Suzana Vasconcelos Jumenez; Jackline Rabelo. (Org.). Trabalho, Educação e Lutas de Classes: a pesquisa em defesa da História. 01 ed. Fortaleza: Brasil Tropical, 2003, v. 01, p. 31-46.

MENDES SEGUNDO, M. D. FUNDEF: significado e implicações na política educacional brasileira. In: Ana Maria Dorta de Menezes; Fabio Fonseca Figueiredo. (Org.). Trabalho, Sociabilidade e Educação: uma critica à ordem do capital. 01 ed. Fortaleza: Editora UFC, 2003, v. 01, p. 275-290.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos:

SANTOS, D.; MENDES SEGUNDO, M. D.; JIMENEZ, S. V. Ideário Educacional competente no contexto da crise estrutural do capital. Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES, v. 17, p. 9-37, 2011.

SILVA, R.R da; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. . A concepção onto-marxista do ser social: elementos de compreensão. Revista Eletrônica Arma da Crítica, v. 2, p. 48-61, 2010

RABELO, J.; MENDES SEGUNDO, M. D.; BARROSO, Maria Cleide da Silva. Os Paradigmas Educacionais dominantes na agenda dos organismos internacionais: uma análise à luz da crítica marxista. Revista Eletronica Arma da Crítica, v. 1, p. 78-94, 2009.

RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D.; JIMENEZ, S. V. . Educação para Todos e Reprodução do Capital. Trabalho Necessário, v. ano 7, p. 1-24, 2009.

JIMENEZ, S. V.; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . Marxismo, Educação e Luta de Classes: registro de uma experiência interinstitucional no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC. Educação em Debate (CESA/UFC), v. 1, p. 49-67, 2008.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J.; RIBEIRO, L. F. T. A Problemática da Valorização dos Profissionais da Educação: investigando o Fundef e Fundeb. In: 19º EPENN- Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2009, João Pessoa. 19º EPENN- Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social. João Pessoa- Pb : UFPb, 2009. v. 1. p. 1-14.

RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D.; FRERES, H. de A. As Conferências Internacionais de Educação e os Rebatimentos na Formação de Professores. In: 19º EPENN- Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2009, João Pessoa. 19º EPENN- Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social. João Pessoa- Pb : UFPb, 2009. v. 1. p. 1-15.

HOLANDA, Francisca Helena; CHAGAS, E. F; MENDES SEGUNDO, M. D. PRESSUPOSTOS ACERCA DA RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO CAMPO DA FORMAÇÃO A PARTIR DA CENTRALIDADE DO TRABALHO: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES.. In: IV EBEM- Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, 2009, São José do Rio Preto. IV EBEM- Socialismo e Educação na America Latina. São José do Rio Preto- SP: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-15

FRERES, H ; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . EMPREENDEDORISMO: O QUINTO PILAR DA EDUCAÇÃO PARA O SÉCULO XXI. In: IV EBEM- Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, 2009, São José do Rio Preto- SP. IV EBEM- Socialismo e

Educação na América Latina. São José do Rio Preto- SP: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-16.

BARROSO, Maria Cleide da Silva ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . O EXAME CRÍTICO DO CONSTRUTIVISMO E SUA RELAÇÃO COM A FORMAÇÃO DE PROFESSORES: À LUZ DA ONTOLOGIA MARXIANA. In: IV EBEM- Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, 2009, São José do Rio Preto- SP. IV EBEM- Socialismo e Educação na América Latina. São José do Rio Preto- SP: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-17.

COSTA, E. da ; MENDES SEGUNDO, M. D. . NOTAS CRÍTICAS SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO BRASIL. In: IV EBEM- Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, 2009, São José do Rio Preto- SP. IV EBEM- Socialismo e Educação na América Latina. São José do Rio Preto- SP: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-14

FRERES, H; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. EDUCAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E EMPREGABILIDADE: RECEITUÁRIO EMPRESARIAL PARA A EDUCAÇÃO NO BRASIL. In: IV EBEM- Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, 2009, São José do Rio Preto- SP. IV EBEM- Socialismo e Educação na América Latina. São José do Rio Preto- SP: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-15

CHAVES, E.R.M.; MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J.; CARMO, Francisca Maurilene do. O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL E A COMPOSIÇÃO DO CUSTO ALUNO QUALIDADE INICIAL NO CONTEXTO DAS DETERMINAÇÕES DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA TODOS'. In: IX ENICT- Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica, 2009, Fortaleza- Ceará. 100 IFCE- IX ENICIT- Encontro de Iniciação Científica e Tecnol. Fortaleza - Ceará: IFCE, 2009. v. 1. p. 1-6.

ARAUJO FILHO, A. J. A ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. ; CARMO, Francisca Maurilene do. PLANO DE AÇÃO PARA SATISFAZER AS NECESSIDADES BÁSICAS DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE CRÍTICA. In: IX ENICT- Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica, 2009, Fortaleza- Ceará. 100 IFCE- IX ENICIT- Encontro de Iniciação Científica e Tecnol. Fortaleza - Ceará: IFCE, 2009. v. 1. p. 1-6.

CARMO, Francisca Maurilene do; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. . SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: RETOMANDO OS ELEMENTOS HISTÓRICOS. In: IX CIHELA - IX Congresso ibero-americano de história da educação latino-americana, 2009, Rio de Janeiro. IX CIHELA - IX Congresso ibero-americano de história da educação latino-americana Educação, Autonomia e Identidades na América Latina. Rio de Janeiro : Quartet Editora & Comunicação, 2009. v. 1. p. 1-9

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. ; LEITÃO, V.A . Os antecedentes históricos do movimento de Educação para Todos: primeiras aproximações. In: Universidad 2008 - 6to Congreso Internacional de Educación Superior, 2008, La Habana. Universidad 2008 "La universalización de la universidad por un mundo mejor". Habana - Cuba: Universidades de la República de Cuba, 2008. v. 1. p. 1-15.

CARMO, Francisca Maurilene do; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. A relação trabalho e educação e o ensino profissional no Brasil: retomando os elementos onto-históricos. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação - SBHE, 2008, Aracaju- Sergipe. O Ensino e a Pesquisa em História da Educação. Aracaju- Sergipe : Universidade Tiradentes, 2008. v. 1. p. 1-15.

CARMO, Francisca Maurilene do; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2008, Aracaju- Sergipe. O ENSINO E A

PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Aracaju- Sergipe: Universidade Tiradentes, 2008. v. 1. p. 1-15.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J. O Papel do Banco Mundial na resstruturação do Capital: estratégias e inserção na política educacional brasileira. In: 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2007, Maceió- Alagoas. 18º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste. Maceió- Alagoas : UFAL, 2007. v. 1. p. 1-1000.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J.; SANTOS, J.B . O papel do Professor no Alcance da Educação para Todos: um estudo preliminar. In: li Encontro Regional Trabalho, Educação e Formação Humana, 2007, Fortaleza. II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação Humana. Fortaleza - Ceará : Ed. UECE, 2007. v. 1. p. 1-10.

MENDES SEGUNDO, M. D. O Fundo Público e a Reforma do Estado Brasileiro: a problemática da educação superior. In: V Encuentro Nacional y II latinoamericano: La universidad como objeto de investigación, 2007, Tandil - Argentina. V Encuentro Nacional y II Latinoamericano: la universidad como objeto de investigación. Tandil - Argentina: Faculdade de Ciencias Humanas- Universidade Nacional Del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2007. v. 1. p. 1-15.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J. O papel do Banco Mundial na reestruturação do capital: estratégias e inserção na política educacional brasileira. In: 18 EPENN- Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2007, Maceió. 18] EPENN. Maceió: Edufal, 2007. v. 1.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J. As diretrizes da Política de Educação para Todos: rastreando princípios e concepções. In: II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação Humana, 2007, Fortaleza. II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação Humana. Fortaleza : Eduece, 2007. v. 1. p. 1-1

MENDES SEGUNDO, M. D. ; CABÓ, L.J.F . A função social da educação na Declaração de Jomtien: um estudo preliminar. In: II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação Humana, 2007, Fortaleza. II Encontro Regional Trabalho, Educação e Formação Humana, 2007. v. 1.

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. O Paradigma do Aprender a aprender na agenda dos organismos internacionais: um balanço crítico da formação docente. In: II Encontro Brasileiro de Educação e Marxismo, 2006, Curitiba. Marxismo: Concepção e Método. Curitiba - PR : UFPR, 2006. v. 1. p. 1-16

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. A Formação Docente na agenda da educação para todos: subordinação das estratégias operadas pelo capital. In: Encontro Regional sobre Formação e Práticas Docentes, 2005, Fortaleza. EFPD2005. Fortaleza: UECE, 2005. v. 1. p. 1-1..

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . A avaliação do Banco Mundial sobre a educação municipal no Brasil: incursões críticas. In: II Congresso Internacional em Avaliação Educacional, 2005, Fortaleza. Avaliar é preciso, conhecer é necessário. Fortaleza: UFC, 2005. v. 1. p. 1-1.

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. J. A pedagogia das competências nas declarações de Educação para Todos: a escola a serviço da reprodução do capital. In: II Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Impasses, Tendências e Perspectivas, 2005, João Pessoa - Pb. II Colóqui Internacional de Políticas e Práticas Curriculares: Impasses, Tendências e Perspectivas. João Pessoa - Paraiba : UFPB, 2005. v. 1. p. 1-1.

Resumos expandidos publicados em anais de congressos:

FRERES, H ; JIMENEZ, S. V. ; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . A Educação e o Rejuvenescimento da Teoria do Capital Human: rebatimentos da crise estrutural do capital. In: III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana, 2009, Marília- SP. III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana- Seminário Internacional. Marília- São Paulo : Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-8.

SILVA, R.R da; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . As Diretrizes Educacionais no Contexto da Crise Estrutural do capital: um estudo preliminar. In: III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana, 2009, Marília- SP. III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana- Seminário Internacional. Marília- São Paulo : Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-7.

XAVIER NETO, A. N. ; CHAVES, E.R.M. ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . RELATÓRIO DE MONITORAMENTO DE EDUCAÇÃO PARA TODOS (EPT) BRASIL 2008: ANÁLISE NA PERSPECTIVA MARXIANA.. In: III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana, 2009, Marília- SP. III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana- Seminário Internacional. Marília- São Paulo : Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-6

SOUSA, N ; MONTEIRO, D.S ; SOUSA, T.dos S ; LIMA, C.M.A ; LIMA, S.M ; JIMENEZ, S. V. ; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. . NOTAS SOBRE O PROJETO DE PESQUISA O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PARA TODOS E A CRÍTICA MARXISTA. In: III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana, 2009, Marília- SP. III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana- Seminário Internacional. Marília- São Paulo: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-7.

BARRETO, M.C.; CARMO, Francisca Maurilene do; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . O CONSTRUTIVISMO E AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR. In: III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana, 2009, Marília- SP. III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana- Seminário Internacional. Marília- São Paulo: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-7.

HOLANDA, Francisca Helena ; CHAGAS, E.F ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . TRABALHO E EDUCAÇÃO: APROXIMAÇÕES À LUZ DA ONTOLOGIA MARXIANA.. In: III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana, 2009, Marília- SP. III Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Gyorgy Lukács e a emancipação humana- Seminário Internacional. Marília- São Paulo: Oficina Universitária, 2009. v. 1. p. 1-7.

CHAVES, A.P.; LIMA, M.M.dos S. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR DO CURSO DE HISTÓRIA: A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL. In: I SEMANA DE ENSINO DE HISTÓRIA DA UERN, 2009, Mossoró- RN.: EERN, 2009. v. 1. p. 1-13.

CABÓ, L.J.F; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J.; SANTOS, J.B . Notas críticas sobre a crise estrutural do capital e a estratégia de Educação para Todos. In: IV ENNOEPE - Encontro Norte-Nordeste de Estudantes de Pedagogia, 2008, João Pessoa PB. IV ENNOEPE - Encontro Norte-Nordeste de Estudantes de Pedagogia. João Pessoa - Paraíba : UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB, 2008. v. 1

FRERES, H ; RABELO, J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . A Função da Educação nas Conferências Ibero-Americanas para a Educação, a Ciência e a Cultura. In: II Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Seminário Internacional Marxismo e Movimentos Sociais na Virada do Milênio, 2008, Marília. II Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Seminário Internacional Marxismo e Movimentos Sociais na Virada do Milênio. Marília - São Paulo: Oficina Universitária, 2008. v. 1. p. 1-1

MENDES SEGUNDO, M. D.; RABELO, J. ; XAVIER NETO, A. N. ; SANTOS, J.B . O papel da educação mundial na agenda dos organismos internacionais: um estudo à luz da crítica marxista. In: II Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo- Marxismo e Movimentos Sociais na Virada do Milênio, 2008, Marília. Marxismo e Movimentos Sociais na Virada do Milênio - II Seminário Científico: Teoria Política do Socialismo. Marília - São Paulo: Oficina Universitária, 2008. v. 1. p. 1-1.

Resumos publicados em anais de congressos

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. ; RIBEIRO, L. F. T. . A Problemática da Valorização dos Profissionais da Educação: investigando o Fundef e Fundeb. In: 19º EPENN- Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2009, João Pessoa. 19º EPENN- Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social. João Pessoa- Pb : UFPb, 2009. v. 1. p. 1-1

RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D.; FRERES, H. de A. As Conferências Internacionais de Educação e os Rebatimentos na Formação de Professores. In: 19º EPENN- Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2009, João Pessoa- Pb. 19º EPENN- Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social. João Pessoa- Pb : UFPb, 2009. v. 1. p. 1-1.

FRERES, H. de A.; JIMENEZ, S. V.; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. . A EDUCAÇÃO E O REJUVENESCIMENTO DA TEORIA DO CAPITAL HUMANO: UMA ANÁLISE À LUZ DA CRÍTICA MARXISTA. In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, 2009, Fortaleza- Ceará. Encontros Universitários - II ENCONTRO DE PESQUISA. Fortaleza - Ceará : UFC, 2009. v. 1. p. 1-1

CHAVES, E.R.M. ; ARAUJO FILHO, A.J.A ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. ; SANTOS, J.B . A CATEGORIA DESIGUALDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: ANÁLISE CRÍTICA DO RELATÓRIO DE MONITORAMENTO DE EPT- BRASIL 2008. In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, 2009, Fortaleza- Ceará. Encontros Universitários - XXVIII Encontro de Iniciação Científica. Fortaleza - Ceará: UFC, 2009. v. 1. p. 1-1.

SILVA, R.R da ; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PARA TODOS E A POLÍTICA DE FORMAÇÃO DOCENTE NO CONTEXTO DE CRISE DO CAPITAL. In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, 2009, Fortaleza. Encontros Universitários - II ENCONTRO DE PESQUISA. Fortaleza - Ceará: UFC, 2009. v. 1. p. 1-1.

HOLANDA, Francisca Helena ; CHAGAS, E.F ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J A CATEGORIA APRENDIZAGEM NO PROJETO DE EDUCAÇÃO PARA TODOS: UM ESTUDO CRÍTICO. In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, 2009, Fortaleza- Ceará. Encontros Universitários - II ENCONTRO DE PESQUISA, 2009. v. 1. p. 1.

SANTOS, J.B; MUNIZ, A.F. ; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; CARMO, Francisca Maurilene do. O MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO PARA TODOS E A PROBLEMÁTICA DA FORMAÇÃO DOCENTE: UM ESTUDO À LUZ DA CRÍTICA

MARXISTA. In: ENCONTROS UNIVERSITÁRIOS DA UFC, 2009, Fortaleza- Ceará. Encontros Universitários - XXVIII Encontro de Iniciação Científica, 2009. v. 1. p. 1-1

PAIVA, A.N ; SOUSA, V.L de ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . OS FUNDAMENTOS DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA TODOS E A POLÍTICA DE FINANCIAMENTO DO ENSINO BÁSICO NO BRASIL: ENSAIOS PRELIMINARES. In: XIV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE: UNIVERSIDADE, ESTADO E SOCIEDADE, 2009, Fortaleza- Ceará. XIV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE: UNIVERSIDADE, ESTADO E SOCIEDADE. Fortaleza - Ceará : UECE, 2009. v. 1. p. 1-1

CHAVES, E.R.M. ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . A METODOLOGIA DO CUSTO ALUNO QUALIDADE INICIAL - (CAQI) DO ENSINO BÁSICO: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA MARXIANA. In: XIV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE: UNIVERSIDADE, ESTADO E SOCIEDADE, 2009, Fortaleza- Ceará. XIV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE: UNIVERSIDADE, ESTADO E SOCIEDADE. Fortaleza - Ceará : UECE, 2009. v. 1. p. 1.

ARAUJO FILHO, A. J. A ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; CARMO, Francisca Maurilene do ; RABELO, J. J. . O PLANO DE AÇÃO PARA SATISFAZER AS NECESSIDADES BÁSICAS DE APRENDIZAGEM - NEBAS E SUAS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA: UM ESTUDO CRÍTICO. In: XIV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE: UNIVERSIDADE, ESTADO E SOCIEDADE, 2009. XIV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE: UNIVERSIDADE, ESTADO E SOCIEDADE. Fortaleza - Ceará : UECE, 2009. v. 1. p. 1-1.

CARMO, Francisca Maurilene do; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL: RETOMANDO OS ELEMENTOS HISTÓRICOS. In: IX CIEHA - IX Congresso ibero-americano de história da educação latino-americana, 2009, Rio de Janeiro. IX CIEHA - IX Congresso ibero-americano de história da educação latino-americana Educação, Autonomia e Identidades na América Latina. Rio de Janeiro : Quartet Editora & Comunicação, 2009. v. 1. p. 1-1

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. ; LEITÃO, V.A . Os antecedentes históricos do movimento de Educação para Todos: primeiras aproximações. In: Universidad 2008 - 6to Congreso Internacional de Educación Superior, 2008, Habana. Universidad 2008 "La universalización de la universidad por un mundo mejor". Habana -Cuba : Universidades de la República de Cuba, 2008. v. 1. p. 1-1.

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. ; RIBEIRO, L, T, F . As políticas de financiamento da educação básica e a problemática da valorização dos profissionais da educação: investigando o Fundef e Fundeb. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL Educando o Cidadão Global Globalização, Educação e Novos Modos de Governança, 2008, Lisboa - Portugal. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL Educando o Cidadão Global Globalização, Educação e Novos Modos de Governança. Lisboa - Portugal : Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2008. v. 1. p. 1-1.

RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. ; JIMENEZ, S. V. . O ideário (anti) pedagógico do aprender a aprender: concepções e práticas educativas a serviço do capital. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL Educando o Cidadão Global Globalização, Educação e Novos Modos de Governança, 2008, Lisboa. O ideário (anti) pedagógico do aprender a aprender : concepções e práticas educativas a serviço do capital. Lisboa - Portugal: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2008. v. 1. p. 1.

XAVIER NETO, A. N.; MENDES SEGUNDO, M. D. Concepções e metas da Declaração do Milênio: uma crítica à luz da perspectiva marxiana. In: XIII Semana Universitária da UECE -

XVII Encontro de Iniciação Científica da UECE, 2008, Fortaleza. Ciência, Tecnologia e Sociedade. Fortaleza : UECE, 2008. v. 1. p. 1-1.

CHAVES, E.R.M.; MENDES SEGUNDO, M. D. O Programa de Educação Para Todos (EPT) e a política de financiamento do ensino básico no Brasil: primeiras aproximações. In: XIII Semana Universitária da UECE, 2008, Fortaleza - Ceará. Ciência, Tecnologia e Sociedade. Fortaleza - Ceará : UECE, 2008. v. 1. p. 1-1.

XAVIER NETO, A. N.; CHAVES, E. R. M.; CABÓ, L. J. F ; FREIRE, L. R ; LIMA, N. L. G. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . Esboço analítico das principais categorias da economia política à partir da Crítica Marxista. In: XIII Semana Universitária da UECE, 2008, Fortaleza - Ceará. Ciência, Tecnologia e Sociedade. Fortaleza- Ceará : UECE, 2008. v. 1. p. 1-1

BARROSO, Maria Cleide da Silva; MENDES SEGUNDO, M. D; RABELO, J. J. O Construtivismo e seus desdobramentos no processo formativo do pedagogo. In: XIII Semana Universitária da UECE, 2008, Fortaleza. Ciência, Tecnologia e Sociedade. Fortaleza - Ceará : UECE, 2008. v. 1. p. 1-1

BARROSO, Maria Cleide da Silva; MENDES SEGUNDO, M. D ; RABELO, J. J. ; HOLANDA, Francisca Helena. A gênese da escola de Frankfurt no cenário marxista: primeira aproximações. In: XIII Semana Universitária da UECE- XIV Encontro de Pesquisadores da UECE, 2008, Fortaleza- Ceará. Ciência, Tecnologia e Sociedade. Fortaleza: UECE, 2008. v. 1. p. 1-1.

HOLANDA, Francisca Helena; MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. ; CHAGAS, E.F . Centralidade do trabalho como protoforma da atividade humana: uma crítica aos paradigmas presentes no campo da formação dos trabalhadores. In: XIII Semana Universitária da UECE, 2008, Fortaleza- Ceará. Ciência, tecnologia e Sociedade. Fortaleza- Ceará : UECE, 2008. v. 1. p. 1-1.

CARMO, Francisca Maurilene do ; RABELO, J. J. ; MENDES SEGUNDO, M. D. . A relação trabalho e educação e o ensino profissional no Brasil: retomando os elementos onto-históricos. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2008, Fortaleza. O ENSINO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Aracaju- Sergipe : Universidade Tiradentes, 2008. v. 1. p. 359-359

FRERES, H; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2008, Aracaju. O ENSINO E A PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Aracaju - Sergipe: Universidade Tiradentes, 2008. v. 1. p. 395-395.

MENDES SEGUNDO, M. D. O Fundo Público e a Reforma do Estado Brasileiro: a problemática da educação superior. In: V Encuentro Nacional y II latinoamericano: La universidad como objeto de investigación, 2007, Tandil- Argentina. V Encuentro Nacional y II Latinoamericano: la universidad como objeto de investigación. Tandil - Argentina: Facultad de Ciencias Humanas- Universidad Nacional Del Centro de la provincia de Buenos Aires, 2007. v. 1. p. 113-113.

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . As diretrizes da Política de Educação para Todos: rastreando princípios e concepções. In: II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação Humana, 2007, Fortaleza. II Encontro Regional Trabalho, Educação e Formação Humana. Fortaleza: EdUECE, 2007. v. 1. p. 79-80.

MENDES SEGUNDO, M. D. ; CABÓ, L.J.F . A função social da educação na Declaração de Jomtien: um estudo preliminar. In: II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação

Humana, 2007, Fortaleza. II Encontro Regional Trabalho Educação e Formação Humana. Fortaleza: EdUECE, 2007. v. 1. p. 80-80

MENDES SEGUNDO, M. D. ; RABELO, J. J. . O PAPEL DO BANCO MUNDIAL NA REESTRUTURAÇÃO DO CAPITAL: ESTRATÉGIAS E INSERÇÃO NA POLÍTICA EDUCACIONAL BRASILEIRA. In: 18 EPENN- Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2007, Maceió. 18º EPENN- Política de ciência e tecnologia e formação do pesquisador em educação. Maceió- Alagoas: Ufal, 2007. v. 1. p. 1-1

Projetos de Pesquisa:

Trabalho e formação docente

Objetivos: Análise crítica e contextualizada dos fenômenos sócio-pedagógicos, a partir da reafirmação da centralidade do trabalho, ao mesmo tempo em que põe em cheque os chamados novos paradigmas epistemológicos afinados com a dita sociedade do conhecimento. Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Luta de Classes Lider: Maria Susana Vasconcelos Jimenez

Ontologia, método e a perspectiva da emancipação

Objetivos: Tomando por base a ontologia marxiana/lukacsiana, busca elucidar os fundamentos do método; as relações ser-consciência/objetividade-subjetividade; a problemática da ideologia, da estética e da cultura; o problema do Estado; e, por fim, os elementos constituintes da teoria da transição ao socialismo em Mészáros. Contrapõe, ademais, a relação educação-emancipação nos termos da "crítica radical" e na perspectiva da "ontologia do ser social".

O Movimento de Educação para Todos e a Crítica Marxista

Objetivos: Nas últimas duas décadas, a "Educação para Todos" vem norteando os destinos educacionais do mundo dito globalizado, balizando o conjunto de reformas implementadas na educação brasileira, sob auspícios do Banco Mundial com uma direta vinculação da educação com o projeto atual de gestão do capital; A linha objetiva realizar estudos acerca do referido paradigma, em termos de seus fundamentos histórico-filosóficos e suas implicações na política educacional brasileira à luz da ontologia marxiana

Trabalho, formação docente e crise do capital

Objetivos: Demarcando o lugar do complexo educacional na sociedade contemporânea, a partir da noção de crise estrutural do capital formulada por István Mészáros, o tratamento da docência é aqui articulado ao contexto das relações entre trabalho e educação, o que permite examinar a formação e a prática do professor do ponto de vista de seus desdobramentos em convergência com os interesses do mercado à luz da crítica marxista.

Grupo de Pesquisa Ontologia Marxiana e Educação (Lider)

O Grupo toma por base a ontologia marxiana/lukacsiana, tratando a educação em sua dimensão onto-histórica e articulando a política educacional vigente à crise estrutural do capital, nos termos postos por István Mészáros. Aponta, nesse sentido, para a superação do capital, examinando, nesse sentido, os elementos constituintes da teoria da transição ao socialismo. A este grupo vinculam-se duas linhas de pesquisa intimamente articuladas, a primeira, tratando dos fundamentos e implicações do Movimento de Educação para Todos; e a segunda, tomando a problemática da formação docente na perspectiva da crítica

marxista aos paradigmas da pós-modernidade. O Grupo vem despertando o interesse de um número significativo de estudantes de cursos diversos da UFC e da UECE (História, Filosofia e Serviço Social, por exemplo), evidentemente, com predominância para o Curso de Pedagogia, em tomar parte, na condição de bolsistas de iniciação científica, nas atividades investigativas, como nos grupos de estudo realizados nesse espaço. O Grupo conta, por fim, com um projeto de pesquisa devidamente cadastrado junto à UFC e à UECE, com o qual colaboram bolsistas de iniciação científica, mestrandos e doutorandos. O Grupo de Pesquisa Ontologia Marxiana e Educação vincula-se à Linha Marxismo, Educação e Luta de Classes do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC e mantém intercâmbio direto e orgânico com o Grupo de Pesquisas Trabalho, Educação e Luta de Classes, do Centro de Educação da UECE/Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário/ IMO, também vinculado ao Mestrado Acadêmico em Educação da mesma Universidade, cadastrado, desde o ano de 1999, junto à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UECE e ao CNPq. Caráter interinstitucional.

Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Ontologia Marxiana (Pesquisador)

Objetivos: O surgimento de novos processos produtivos instaurados no mundo do trabalho, acompanhado da crise do capitalismo moderno, têm provocado mudanças na relação entre trabalho e educação. As pesquisas desenvolvidas pelo grupo voltam-se para a análise da manifestação deste fenômeno no campo da educação, na perspectiva de sinalizar novas alternativas para a educação. O referencial teórico-metodológico adotado é a ontologia marxiana, a partir dos estudos de Marx e Lukács e seus comentadores.

Profa. Ms. Maria Lucélia de Andrade

Artigos completos publicados em periódicos

ANDRADE, M. Lucelia . Nuanças de um Ritual de Fé: As Procissões Católicas em Limoeiro do Norte-Ce. *Propostas Alternativas*, v. 14, p. 22, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia . Por trás de uma fita colorida, o valor de cada um: as irmandades leigo-religiosas de Limoeiro do Norte-Ce. *Moanga* (Fortaleza), v. 1, p. 38, 2006.

Livros publicados/organizados ou edições

CHAVES, J. O. S. (Org.) ; Silva, Glaúbia Cristiane Arruda (Org.) ; ANDRADE, M. Lucelia (Org.) . *Catálogo de fontes históricas: registros paroquiais de batismo, casamento e óbito: documentos para a história do Vale do Jaguaribe*. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2010. v. 1. 480 p.

Capítulos de livros publicados

ANDRADE, M. Lucelia . "Vinde a mim filhas diletas, que vos ensinarei o temor de Deus": A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro (1915-1945). In: José Olivenor Souza Chaves. (Org.). *Vale do Jaguaribe: Autos do Passado*. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2010, v. 1, p. 125-140.

ANDRADE, M. Lucelia. Combater o mal por escrito: jornal O Nordeste e a prescrição da leitura feminina. In: Francisco Regis Lopes Ramos; Meize Regina de Lucena Lucas. (Org.). *Tempo no Plural*. 1 ed. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2008, v. 1, p. 109-132.

ANDRADE, M. Lucelia . Nuanças de um ritual de fé: As procissões católicas em Limoeiro do Norte - CE. In: José Olivenor Souza Chaves. (Org.). Vale do Jaguaribe: Histórias e culturas. Fortaleza: LUXPRINT OFF SET, 2008, v. 1, p. 147-166.

ANDRADE, M. Lucelia ; ROLIM, T. T. L. . Ouvir Histórias para Compreender a História: A história oral na sala de aula. In: Almir Leal de Oliveira; Ivone Cordeiro Barbosa; Georgina da Silva Gadelha. (Org.). Linguagens & Saberes - Diálogos no ensino de História. 1 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2007, v. 01, p. 97-112.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos

ANDRADE, M. Lucelia . SIMPLES NA MALÍCIA E PRUDENTES NAS BOAS OBRAS : A PIA UNIÃO DAS FILHAS DE MARIA EM LIMOEIRO CE (1915-1945). In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, FORTALEZA. ANAIS DO XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - HISTÓRIA E ÉTICA. FORTALEZA : ANPUH, 2009.

ANDRADE, M. Lucelia . O Privilégio de ser Filha de Maria : A Irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-CE. In: IV Semana de Humanidades: Arte, Cultura e Educação na Contemporaneidade, 2007, Fortaleza-CE. Anais do Encontro, 2007.

ANDRADE, M. Lucelia . O encanto da Fita Azul: Memórias trajadas das Filhas de Maria. In: IV Simpósio Nacional Estado e Poder: Intelectuais, 2007, São Luís-MA. Anais do Encontro, 2007.

ANDRADE, M. Lucelia . Vitrine das Virtudes: A Irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-Ce (1915-1945). In: X Encontro Estadual de História - ANPUH-Ceará, 2006, Fortaleza. Anais Eletrônicos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia . Leituras de Mulheres: A Irmandade das Filhas de Maria e suas Práticas de Leitura. In: II Encontro Cultura, Modernidade & Memória, 2006, Recife. Anais Eletrônicos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia . Um grupo de distintas leitoras: A irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro-Ce. In: Os sertões: espaços, tempos, movimentos, 2006, Recife. Anais Eletrônicos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia . Vitrine das Virtudes: A Irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-CE (1915-1945). In: X Encontro Estadual de História/ANPUH-CE: História: Experiências e Saberes, 2006, Fortaleza-CE. Caderno de Resumos - X Encontro Estadual de História do Ceará. Fortaleza-CE, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia . Vitrine das Virtudes: A Irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-CE (1915-1945). In: X Encontro Estadual de História/ANPUH-CE: História: Experiências e Saberes, 2006, Fortaleza-CE. Caderno de Resumos - X Encontro Estadual de História do Ceará. Fortaleza-CE, 2006.

Resumos publicados em anais de congressos

ANDRADE, M. Lucelia. "Filhas de Eva como Anjos sobre a Terra". A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE (1915-1945). In: XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - HISTÓRIA E ÉTICA, 2009, FORTALEZA-CE. HISTÓRIA E ÉTICA: SIMPÓSIOS TEMÁTICOS E RESUMOS DO XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. FORTALEZA : EDITORA, 2009. p. 152-152.

ANDRADE, M. Lucelia. "Filhas de Eva como anjos sobre a terra". A pia união das Filhas de Maria em Limoeiro-CE. In: VI Seminário de Pesquisa do Departamento de História da UFC, 2008, Fortaleza. História, Ciência e Saúde - Caderno de Resumos. Fortaleza : Imprensa Universitária - UFC, 2008. v. 1. p. 83-83.

ANDRADE, M. Lucelia. Puras em tudo e em todo lugar A Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro-CE. In: V Semana de História: História e Identidades: Ensino e Pesquisa no Ceará, 2007, Sobral-CE. Caderno de Resumos, 2007.

ANDRADE, M. Lucelia. O Privilégio de ser Filha de Maria : A Irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-CE. In: IV Semana de Humanidades: Arte, Cultura e Educação na Contemporaneidade, 2007, Fortaleza-CE. Caderno de Resumos, 2007.

ANDRADE, M. Lucelia. Memórias de mulheres: a Pia União das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-CE. In: IV Simposio Nacional Estado e Poder: Intelectuais, 2007, São Luís- MA. Caderno de Resumos, 2007.

ANDRADE, M. Lucelia. Ler para obedecer e para resistir: A irmandade das Filhas de Maria e suas práticas de leitura. In: V Seminário de Pesquisa do Departamento de História da UFC: Literatura e Sociedade, 2007, Fortaleza-CE. Caderno de Resumos, 2007.

ANDRADE, M. Lucelia. Vitrine das Virtudes: A Irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-CE (1915-1945). In: X Encontro Estadual de História - ANPUH-Ce, 2006, Fortaleza. Anais Eletrônicos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia. Leituras de Mulheres: A irmandade das Filhas de Maria e suas práticas de Leitura. In: II Encontro Cultura, Modernidade & Memória, 2006, Recife. Caderno de Resumos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia. Um grupo de distintas leitoras: a irmandade das Filhas de Maria e suas práticas de leitura. In: VI Encontro estadual de História - ANPUH-PE, 2006, Recife. Caderno de Resumos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia. Um grupo de Distintas Leitoras: A irmandade das Filhas de Maria em Limoeiro do Norte-Ce. In: Os sertões: espaços, tempos, movimentos, 2006, Recife. Caderno de Resumos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia. A irmandade das Filhas de Maria e suas Práticas de Leitura (Limoeiro-Ce 1930-1945). In: XIV Semana de História da URCA e II Forum Estadual de Arquivos, 2006, Crato. Caderno de Resumos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia. Como Anjos sobre a Terra: a irmandade das Filhas de Maria - Limoeiro do Norte-Ce (1915-1945). In: IV Seminario de Pesquisa escritas da História, 2006, Fortaleza. Caderno de Resumos, 2006.

ANDRADE, M. Lucelia. Nuanças de um ritual de Fé: as Procissões Católicas em Limoeiro do Norte. In: I Encontro de Educação, Ciência e Tecnologia do Vale do Jaguaribe, 2004, Limoeiro do Norte. Caderno de Resumos, 2004.

ANDRADE, M. Lucelia. Rezando Projetando e festejando: uma cidade em procissão. In: IX Semana Universitária - UECE, 2004, Fortaleza. Caderno de Resumos, 2004.

ANDRADE, M. Lucelia. Nuanças de um ritual de Fé: as Procissões Católicas em Limoeiro do Norte. In: I Encontro de Educação, Ciências e Tecnologia do Vale do Jaguaribe, 2004, Limoeiro do Norte. Caderno de Resumos, 2004.

ANDRADE, M. Lucelia. Performances da Fé: As Procissões Católicas em Limoeiro do Norte. In: I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História e III Seminário de Pesquisa da Graduação em História, 2003, Limoeiro do Norte. Caderno de Resumos, 2003.

ANDRADE, M. Lucelia. Nuanças de um ritual de fé: um estudo sobre as procissões católicas em Limoeiro do Norte. In: VIII Semana Universitária - UECE, 2003, Fortaleza. Caderno de Resumos, 2003.

ANDRADE, M. Lucelia. Performances da Fé: As Procissões Católicas em Limoeiro do Norte. In: I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação / III Seminário de Pesquisa da Graduação, 2003, Limoeiro do Norte. Caderno de Resumos, 2003.

ANDRADE, M. Lucelia. As Procissões em Limoeiro do Norte. In: VIII Encontro Estadual de História - ANPUH-CE, 2002, Limoeiro do Norte. VIII Encontro Estadual de História - ANPUH-CE - Caderno de Resumos, 2002.

Profa. Ms. Mônica Emanuela Nunes Maia

Livros publicados/organizados ou edições

SOUSA, José Josberto Montenegro; MAIA, M. E. N. Ceará: conhecer e fazer história. 1. ed. Curitiba: Base, 2008. 112 p.

Capítulos de livros publicados

MAIA, M. E. N. Camponeses pobres entre as caatingas e os rios: fronteiras de terra e poder. In: José Olivenor Souza Chaves. (Org.). Vale do Jaguaribe: histórias e culturas. 1 ed. Fortaleza: LUXPRINT OFF SET, 2008, v. 243, p. 61-72.

Resumos publicados em anais de congressos

MAIA, M. E. N. "A necessidade e o Chicote": Seca e saque em Limoeiro do Norte - CE (1950. In: IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 2004, SOBRAL - CE. A PRODUÇÃO HISTORIOGRAFICA E O ENSINO DE HISTÓRIA. FORTALEZA - CEARÁ : ANPUH - CEARÁ, 2004. v. 1.

MAIA, M. E. N. A necessidade e o chicote: seca e saque em Limoeiro do Norte. In: Simposio Nacional de História, 2003, João Pessoa. História, acontecimento e narrativa. SÃO PAULO : ANPUH, 2003. v. XXII. p. 5-320.

Profa. Ms. Silvana de souza pinho

Publicações:

PINHO, Silvana de Sousa. Rosário de Orelhas: memória mítica de Fideralina Augusta de Lima. Políticas Públicas e Sociedade, 2004.

PINHO, Silvana de Sousa; GADELHA, Francisco Agileu Lima. Construindo Matrizes Curriculares. In: Gregório Maranguape da Cunha; Meirecele Calíope Leitinho; Patrícia Helena Carvalho Holanda. (Org.). Construindo matrizes curriculares: problemas e perspectivas. Sobral: Edições UVA, 2006, v. 1, p.

PINHO, Silvana de Sousa. A Simbologia da Edificação da Escola Normal de Fortaleza, na década de 1920. In: Maria Juraci Maia Cavalcante. (Org.), 2004,

PINHO, Silvana de Sousa. O Movimento da Reforma Educacional de 1922 na Imprensa Cearense. In: Maria Juraci Maia Cavalcante. (Org.). História e Memória da Educação no Ceará. Fortaleza-Ceará: Imprensa Universitária, 2002, v , p. 109-122.

Trabalhos completos publicados em anais de congressos:

PINHO, Silvana de Sousa. Educação Feminina em Fortaleza no final do século XIX à luz do romance A Normalista de Adolfo Caminha. In: XV Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2002, São Luís do Maranhão. EPENN - 2001, 2001.

PINHO, Silvana de Sousa. A Orientação de Ensino em Rodolfo Teófilo. In: III Encontro Cearense de Historiadores da Educação, 2004, Sobral-Ceará. História da Educação: instituições, protagonistas e práticas, 2004. p. 42-42

PINHO, Silvana de Sousa. O Resgate da História dos Transportes no Ceará. In: VIII Encontro de Pesquisadores, 2002, Fortaleza-Ce, 2002

PINHO, Silvana de Sousa. Representações da Educação Feminina de Fortaleza, n'A Normalista de Adolfo Caminha. In: XXI Simpósio Nacional de História, 2001, Niterói. XXI Simpósio Nacional de História: A História no Novo Milênio: entre o individual e o coletivo. Niterói : ANPUH, 2001. p. 104-105

PINHO, Silvana de Sousa. A Reforma Educacional Cearense, de 1922, através da Imprensa. In: VII Encontro de Pesquisadores, 2001, Fortaleza-Ce, 2001.

PINHO, Silvana de Sousa. O Movimento Militar de 1964: a redenção anunciada pela imprensa de Fortaleza. In: VI Encontro de Pesquisadores, 2000, Fortaleza-Ce, 2000.

Profa. Ms. Vera da Costa e Silva Lima

Resumos publicados em anais de congressos:

Programa de Educação Tutorial - PET nas Escolas.Sexualidade e Padrões Sociais. 2005. (Oficina).

Encontro de Método e Pesquisa em Ciências Sociais. O Libelo de Repúdio: as representações de gênero nos divórcios e separações em Fortaleza (1990-1994). 2003. (Oficina).

IX Encontro de Monitoria da VIII Semana Universitária da UECE. Ciência e Consciência na Monitoria Acadêmica da UECE. 2003. (Encontro).

I Encontro com a Pesquisa da FAFIDAM-UECE. O Ensino e a Pesquisa em História: problemáticas e perspectivas. 2003. (Encontro).

4.3.2 Produção Discente

Marcleíde Cavalcante. A Imagem dos índios na Visão dos Professores de História. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Silvana de Sousa Pinho.

Márcia Freitas da Silva. Análise da Imagem do Negro no Livro Didático. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Silvana de Sousa Pinho.

Maria Lucimara de Brito Freitas. Uma percepção religiosa e econômica da festividade de Santa Luzia na comunidade Espinho- Limoeiro do Norte(Ce) de 1945-2006. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Ivaneide Barbosa Ulisses.

Francisco Hélder de Lima. Festa oito de dezembro - uma abordagem acerca da festa da padroeira da cidade de Palhano -Ce. através da memória e da fonte oral. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Ivaneide Barbosa Ulisses.

JOELMA FÉLIX DE LIMA. SAGRADOS PECADOS E VIRTUDES PROFANAS: AMBIGUIDADES BRASÍLICAS. os discursos sobre o sexo no Brasil, na historiografia e na poesia Alcidiana.. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/ FAFIDAM. Orientador: Ivaneide Barbosa Ulisses.

Antônio Adriano Silva de Almeida. A produção de balaies no Distrito de Uiraponga(TabuleiroCeará) : uma reflexão sobre trabalho e arte.. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Ivaneide Barbosa Ulisses.

Arlene Rodrigues Melo. Mensageiros da chuva. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará. Orientador: Ivaneide Barbosa Ulisses.

Fátima Emanuela da Silva. Seca de 1958, uma discussão historiográfica. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará. Orientador: Ivaneide Barbosa Ulisses.

Jucélio Regis da Costa. Grandes momentos de entusiasmo cívico e patriótico: a Marcha da Família Limoeirense com Deus pela Liberdade. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: João Rameres Regis.

Edneide Márcia Silva.. A Vila do Desejo: Limoeiro e a Implantação dos Códigos de Postura de 1873 e 1879. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Priscilia Maria de Souza Mendes. CONSTITUIÇÃO FAMILIAR EM SÃO BERNARDO DAS RUSSAS ENTRE A COR E A CONDIÇÃO 1777 A 1795. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Vera Lúcia do Nascimento Luz. Os casamentos católicos na Freguesia de Limoeiro na última década do século XIX. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Unicersidade Estadual do Ceará. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Marcelo Lucas Araújo. Entre História e Imaginário: a cultura do Repente em Russas-CE. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Francisco Leandro de Sousa Ribeiro. Abrindo as Covas por entre os Registros de Óbitos: as Secas de 1915, 1932 e 1958, no município de Russas. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Tatiane de Sousa Nunes. Rompendo Cancelas e Varando Porteiras à Caminho de São Paulo: memórias de ex-migrantes de Russas, das décadas de 1970 e 1980. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Fernanda Daniele da Costa. CASAMENTO CIVIL, SÉCULO XX REMODELAÇÃO DA FAMÍLIA RELIGIOSA PARA RELIGIOSA-CIVIL EM LIMOEIRO DO NORTE (1918 A 1927). 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Bruna Nobre de Andrade. Vaqueiros nos Laços da História de Morada Nova. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Rosileide Sousa Cruz. Tabuleiro dos Negros: das cheias barrentas do Jaguaribe à ench(G)ente branca que modifica o espaço. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Anny Chirley Silva Soares. Sonhando com a Liberdade: os escravos e as cartas de alforria na Vila do Espírito Santo de Morada Nova - CE (1875 a 1879). 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Osineily Maria Chaves Moreira. A Construção do Gênero na Perfumaria Masculina. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Tatiana Iça Rabelo de Freitas. A História de Morada Nova: um balanço historiográfico. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Elisgardenia de Oliveira Chaves. Seca, Doenças e Mortes: Os Assentos de Óbitos na Freguesia de Limoeiro do Norte-Ce (1876-1880). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Jane Eyre Oliveira Alexandre. Penerando lembranças na fornalha da memória: as casas de farinha da comunidade de Patinhos - Morada Nova - CE. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

José Wellington de Oliveira Machado. Começou a surgir como uma flor : O discurso das elites de Limoeiro do Norte e a invenção da Princesa do Vale (1930 a 1980). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Luzia Leila Vélez de Miranda. Entre Doenças e Mortes Prematuras: a infância em Limoeiro no período de 1890-1916. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Cláudia Maria de Sousa Ribeiro. Entre Ritos, Costumes e Valores: o casamento católico em Limoeiro 1900-1905. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Lindenberg Segundo de Freitas Barbosa. Livres e Escravos na Freguesia de Limoeiro (1862-1872). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, Ministério da Educação. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Osmildo Ferreira Estevam. A Igreja Matriz de Russas e sua Contribuição para a religiosidade popular russana (1888-1920). 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves

Natália Paula de Freitas. Os Assemtos de Casamento da antiga Freguesia de Limoeiro na década de 1870. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Aliane Carla Gadelha de Castro. Prefiro escrever errado para dizer coisas certas do que escrever certo para dizer coisas erradas: o sertão na poesia de Patativa do Assaré. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves

Leide Carla de Freitas Nunes. Lixão em Limoeiro do Norte. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Francimária Cesário de Oliveira. A HISTÓRIA DO ARTESANATO JAGUARIBANO: O FILÉ. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Raimunda Joceli Chaves Lopes. Mortalidade Infantil em Limoeiro durante a Seca de 1915. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos. Orientador: José Olivenor Souza Chaves.

Erivelton Freitas Lourenço. Memória e Patrimônio. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em Historia) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos / Universidade Estadual do Ceara. Orientador: Lúcia Helena de Brito.

Daniela Bento Alexandre. Políticas públicas para o Semi-Arido: a construção do discurso. Início: 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Historia) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos / Universidade Estadual do Ceara/FAFIDAM. (Orientador).

Sandra Waleska Lima Girão. Todo Sentimento: a construção do amor romântico nos sujeitos homem e mulher na música de Chico Buarque. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Vera da Costa e Silva Lima.

Andréa Samara da Silva. A Construção da Domesticidade nas Relações entre os Gêneros em Russas/Ce, no período de 1998 á 2003. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Vera da Costa e Silva Lima.

Maria Humberiana Rabelo. Separados pelo Casamento: análise nos Processos de Separação e Divórcio no Período de 1983 á 1987 em Morada Nova. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Vera da Costa e Silva Lima.

Helane Cristina Chaves Moura. Público e Privado: a discussão da feminilidade em Limoeiro do Norte na Década de 60. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará/FAFIDAM. Orientador: Vera da Costa e Silva Lima.

Lucioneide Honorato de Lima. Memorial de Formação e Prática Educativa. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Formação de Professores para o Ensino Fundamental) - Universidade Estadual do Ceará/CED/CECAD. Orientador: Francisco Antonio da Silva.

Mário Marcelo Alfredo Amorim. A música de protesto na voz de Chico Buarque e Geraldo Vandré. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos Uece Limoeiro do Norte. Orientador: Francisco Francijési Firmino.

Ana Claudia Anibal Ribeiro. "Jesus, Maria e José, minha alma vossa é!": Velórios e Enterros na comunidade de Jardim São José em Russas-Ce (1970-1990). 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos Uece Limoeiro do Norte, Programa de Educação Tutorial. Orientador: Francisco Francijési Firmino.

Carolina Muniz Barreto Ribeiro Exame Crítico das Avaliações do Ensino Médio no Brasil: O ENEM em Debate. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Curso de Historia) - Universidade Estadual do Ceará. Orientador: Maria das Dores Mendes Segundo.

4.4. Proposta de monitoria e iniciação científica

4.4.1 Monitoria

O Programa de Monitoria tem se configurado como uma oportunidade para os alunos na iniciação à experiência docente. No curso de História da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM , o exercício da monitoria acadêmica vem sendo praticado a cada ano, por entendermos que a formação pedagógica do aluno de graduação passa, também, pelo desenvolvimento de sua capacidade criativa, num processo de interlocução direta com o professor/orientador, no uso de diferentes metodologias, recursos e materiais didáticos. Nesse sentido, o colegiado do referido curso tem procurado habilitar os alunos que participam do Programa de Monitoria para atuar no ensino de História, através de um embasamento teórico-metodológico e historiográfico.

Ao solicitar vagas no Programa de Monitoria, os professores comprometem-se em elaborar um plano de trabalho de acordo com as orientações da Pro-Reitoria de Graduação, no qual são definidos os objetivos, as atividades específicas do treinamento do monitor,

metodologia e cronograma de acompanhamento através de reuniões e outras atividades. A monitoria acadêmica representa, pois, para o aluno de graduação, uma experiência de grande valor acadêmico, possibilitando ao bolsista formação pedagógica expressa no exercício prático da monitoria. Sistemáticamente o curso de História trabalha com duas e/ou três bolsas de monitoria, número destinado pela Prograd, com revezamento de professor orientador e disciplina, decidido em reunião do Colegiado do Curso.

4.4.2 Iniciação Científica

Quanto à Iniciação Científica, os professores do Curso de História têm sistematicamente concorrido com seus projetos de pesquisa aos Programas de Iniciação Científica da UECE (IC/UECE), da Funcap (IC/Funcap) e do CnPq (Editais para IC). A aquisição de bolsas de pesquisa por meio desses veículos referidos pode ser conferida nos Currículos Lattes da cada professor, que compõe o “Volume III - Curriculum vitæ dos professores curso” do processo de reconhecimento deste curso.

4.4.3 Programa de Educação Tutorial – PET DE HISTÓRIA

O Programa PET contribui para o desenvolvimento intelectual e pedagógico dos alunos bolsistas e, conseqüentemente, para a melhoria do ensino de graduação. Entre outras qualificações, o PET visa contribuir para a formação do aluno/bolsista, através da experiência prática tanto no grupo como em sala de aula, além da interlocução direta com o professor/tutor. A experiência prática constitui-se no treinamento pré-docente e nos trabalhos de iniciação científica. Desse modo, através da interlocução direta com os demais alunos da graduação, o PET tem incentivado as potencialidades criativas dos alunos através da própria produção intelectual do conjunto dos alunos.

4.4.4 Projetos de Extensão

Através do Programa de Educação Tutorial – PET, o curso de História da FAFIDAM desenvolve atividades de extensão na Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria de Lurdes de Oliveira, situada no Distrito de Flores, no município de Russas. As atividades têm priorizado o diálogo com os alunos da referida escola, através da apresentação de seminários temáticos e minicursos voltados para questões de natureza conceitual que envolve a produção do conhecimento histórico. Esta atividade de extensão tem possibilitado a construção de um vínculo entre os graduandos e os alunos do ensino fundamental e médio.

5. Estrutura Física e Equipamentos

5.1 Biblioteca

A FAFIDAM conta com uma biblioteca cujo acervo contabiliza cerca de 20.000 volumes para atender aos seguintes cursos de Licenciatura Plena: Biologia, Física, Química., Matemática, Geografia, História, Letras e Pedagogia. Deste acervo aproximadamente 3.000 volumes são destinados ao curso de História, cujos títulos serão arrolados no Volume IV deste projeto pedagógico: Acervo Bibliográfico, um dos requisitos para o processo de reconhecimento do Curso de História. Além do acervo de livros conta ainda com 42 (quarenta e dois) periódicos, entre revistas e publicações, 68 (sessenta e oito) monografias de especialização, 24 (vinte e quatro) dissertações de mestrado e 11 (onze) teses de doutorado.

A ampliação do acervo bibliotecário constitui-se um dos objetivos principais da comunidade acadêmica. A biblioteca da FAFIDAM possui área coberta de 140,71 m², totalmente climatizada, sala de leitura com capacidade para 54 usuários, com disponibilidade 05 computadores para utilização dos alunos, ligados em rede internet.

5.2. Laboratórios de ensino e pesquisa

A FAFIDAM possui os seguintes laboratórios de ensino e pesquisa, cada um contando com sala própria de funcionamento:

- Laboratório de Biologia
- Laboratório de Cartografia e Estudos Geográficos
- Laboratório de Estudos de Educação do Campo – Curso de Pedagogia
- Laboratório de Física
- Laboratório de Informática
- Laboratório de Línguas
- Laboratório de Multimídia
- Laboratório de Química
- Life – Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores

5.3. Recursos de apoio didático

Os cursos de graduação da Fafidam têm acesso ao Laboratório de Multimedia com DVDs, 01 Vídeo cassete, 01 notebook, 01 TV, 01 hometheater, 01 datashow. Assim, como um Laboratório de Informática com doze computadores conectados a rede mundial de

computadores. A sala do PET, climatizada e equipada com uma pequena biblioteca, dois computadores conectados à rede internet, mesa de estudos, onde os alunos se reúnem para as atividades específicas do curso.

A Fafidam conta com uma Filmadora e Máquina Fotográfica Digital, disponíveis para atividades de ensino e pesquisa, bem como Datashow, retroprojetores, TVs e DVDs disponíveis para utilização em sala de aula.

5.4 Infraestrutura

O Curso de História da FAFIDAM possui 04 (quatro) salas, duas com ventiladores e duas climatizadas, todas equipadas com quadro branco e carteiras adequadas ao número de alunos por turma.

Os professores da Fafidam dispõem de uma sala de convivência, climatizada, com armários individuais, uma geladeira, dois computadores ligados em rede internet, uma impressora, um estofado, cadeiras e mesa de reuniões. Além disso dispomos de uma sala destinada ao Trabalho Docente, climatizada, com 20 computadores ligados em rede internet e uma impressora.

A Sala das Coordenações é climatizada, atende a todos os cursos da Fafidam, onde estão armários e arquivos para documentações, um computador para cada Curso, para uso do trabalho dos respectivos coordenadores, mesa para reuniões e três birôs de trabalho dos funcionários de apoio à secretaria, e um ramal telefônico.

Assim, a FAFIDAM possui a seguinte estrutura:

- Almoxarifado;
- Arquivo acadêmico;
- Auditório com área: 389,50 m² e 350 poltronas, palco, camarim, 01 banheiro e sala de controle do equipamento de som e luzes e mesa de reuniões;
- 20 banheiros
- Cantina, equipada com mesas para acomodação dos alunos e dois bebedouros com água gelada;
- Depósito para arquivos morto e e material de secretaria;
- Gabinete do Diretor;
- Laboratório de Biologia;
- Laboratório de Cartografia e Estudos Geográficos;
- Laboratório de Estudos de Educação do Campo – Curso de Pedagogia;
- Laboratório de Física;
- Laboratório de Informática
- Laboratório de Línguas, com equipamentos específicos para tal;

- Laboratório de Multimídia;
- Laboratório de Química;
- Recepção/Protocolo;
- Salas de aula, no total de 14 salas, e ampliação de mais doze salas de aula em processo de construção, com finalização da obra prevista para março de 2011;
- Sala de Controle Acadêmico;
- Sala de Convivência dos Professores;
- Sala de Multimídia, climatizada, com os seguintes recursos: tv/datashow, tv/internet, tv/dvd/vídeo, datashow/internet, datashow/dvd/vídeo.
- Sala de Trabalho Docente;
- Sala do Movimento Estudantil que abriga todos os Centros Acadêmicos;
- Sala do Programa de Educação Tutorial – PET HISTÓRIA
- Sala para todas as coordenações dos cursos de graduação;
- Sala da Coordenação do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino
- Sala de Aula do Mestrado Acadêmico Intercampi

5.5. Estratégias de melhorias da qualidade do curso

O Colegiado do Curso de História compreende que a melhoria do ensino de graduação passa, necessariamente, pela qualificação de seu corpo docente. Com essa perspectiva, nos últimos anos, os professores têm buscado qualificar-se seja no nível de mestrado ou de doutorado. Por outro lado, a criação do Programa de Pós-Graduação em História da UECE possibilita, através de palestras, seminários, encontros temáticos, um diálogo entre a graduação e a pós-graduação, incentivando os alunos a prosseguirem seus estudos nos cursos de pós-graduação, como o mestrado e doutorado. Pretendemos, deste modo, formar o quadro docente para a demanda crescente da universidade brasileira e do Estado do Ceará, considerando o processo de interiorização que caracteriza as políticas públicas recentes para educação superior.

6. Documentos consultados

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96.

Resolução CNE/CP nº 1, de 18/02/2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica, em nível superior, Curso de Licenciatura, de graduação plena.

Parecer CNE/CES 492/2001 aprovado em 03/04/2001, que resulta na Resolução CNE/CES nº 13, de 13/03/2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares do Curso de História.

Resolução CNE/CP Nº 2, de 19/02/2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.

Decreto Nº 5.626, de 22/12/2005, que regulamenta a Lei nº 10436, de 24/04/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, da sua inclusão como disciplina curricular obrigatória nos cursos formação de professores para o magistério em nível médio e superior.

Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que torna obrigatório para a Educação Básica o ensino sobre “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” e a nova lei de regulamentação dos estágios, nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.

Resolução Nº 3241/CEPE/UECE, de 05/10/2009, que estabelece critérios e normas para institucionalização das Atividades Complementares dos Cursos de Graduação.

Anexos

**CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO
CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**

RESOLUÇÃO CNE/CES 13, DE 13 DE MARÇO DE 2002. (*)

Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de História.

O Presidente Câmara de Educação Superior, no uso de suas atribuições legais e tendo em vista o disposto na Lei 9.131, de 25 de novembro de 1995, e ainda o Parecer CNE/CES 492/2001, homologado pelo Senhor Ministro de Estado da Educação em 9 de julho de 2001, e o Parecer CNE/CES 1.363/2001, homologado em 25 de janeiro de 2002, resolve:

Art. 1º As Diretrizes Curriculares para os cursos de História, integrantes dos Pareceres CNE/CES 492/2001 e 1.363/2001, deverão orientar a formulação do projeto pedagógico do referido curso.

Art. 2º O projeto pedagógico de formação acadêmica e profissional a ser oferecido pelo curso de História deverá explicitar:

- a) o perfil dos formandos nas modalidades bacharelado e licenciatura;
- b) as competências e habilidades – gerais e específicas a serem desenvolvidas;
- c) as competências e habilidades específicas a serem desenvolvidas na licenciatura;
- d) a estrutura do curso, bem como os critérios para o estabelecimento de disciplinas obrigatórias e optativas do bacharelado e da licenciatura;
- e) os conteúdos curriculares básicos e conteúdos complementares;
- f) o formato dos estágios;
- g) as características das atividades complementares;
- h) as formas de avaliação.

Art. 3º A carga horária do curso de História, bacharelado, deverá obedecer ao disposto em Resolução própria que normatiza a oferta de cursos de bacharelado e a carga horária da licenciatura deverá cumprir o determinado pela Resolução CNE/CP 2/2002, integrante do Parecer CNE/CP 28/2001.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

ARTHUR ROQUETE DE MACEDO
Presidente da Câmara de Educação Superior

(*) CNE. Resolução CNE/CES 13/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 33.



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008.

Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

CAPÍTULO I
DA DEFINIÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E RELAÇÕES DE ESTÁGIO

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam freqüentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

Art. 2º O estágio poderá ser obrigatório ou não-obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não-obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

§ 3º As atividades de extensão, de monitorias e de iniciação científica na educação superior, desenvolvidas pelo estudante, somente poderão ser equiparadas ao estágio em caso de previsão no projeto pedagógico do curso.

Art. 3º O estágio, tanto na hipótese do § 1º do art. 2º desta Lei quanto na prevista no § 2º do mesmo dispositivo, não cria vínculo empregatício de qualquer natureza, observados os seguintes requisitos:

I – matrícula e freqüência regular do educando em curso de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e nos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos e atestados pela instituição de ensino;

II – celebração de termo de compromisso entre o educando, a parte concedente do estágio e a instituição de ensino;

III – compatibilidade entre as atividades desenvolvidas no estágio e aquelas previstas no termo de compromisso.

§ 1º O estágio, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento efetivo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da parte concedente, comprovado por vistos nos relatórios referidos no inciso IV do caput do art. 7º desta Lei e por menção de aprovação final.

§ 2º O descumprimento de qualquer dos incisos deste artigo ou de qualquer obrigação contida no termo de compromisso caracteriza vínculo de emprego do educando com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária.

Art. 4º A realização de estágios, nos termos desta Lei, aplica-se aos estudantes estrangeiros regularmente matriculados em cursos superiores no País, autorizados ou reconhecidos, observado o prazo do visto temporário de estudante, na forma da legislação aplicável.

Art. 5º As instituições de ensino e as partes cedentes de estágio podem, a seu critério, recorrer a serviços de agentes de integração públicos e privados, mediante condições acordadas em instrumento jurídico apropriado, devendo ser observada, no caso de contratação com recursos públicos, a legislação que estabelece as normas gerais de licitação.

§ 1º Cabe aos agentes de integração, como auxiliares no processo de aperfeiçoamento do instituto do estágio:

- I – identificar oportunidades de estágio;
- II – ajustar suas condições de realização;
- III – fazer o acompanhamento administrativo;
- IV – encaminhar negociação de seguros contra acidentes pessoais;
- V – cadastrar os estudantes.

§ 2º É vedada a cobrança de qualquer valor dos estudantes, a título de remuneração pelos serviços referidos nos incisos deste artigo.

§ 3º Os agentes de integração serão responsabilizados civilmente se indicarem estagiários para a realização de atividades não compatíveis com a programação curricular estabelecida para cada curso, assim como estagiários matriculados em cursos ou instituições para as quais não há previsão de estágio curricular.

Art. 6º O local de estágio pode ser selecionado a partir de cadastro de partes cedentes, organizado pelas instituições de ensino ou pelos agentes de integração.

CAPÍTULO II DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

Art. 7º São obrigações das instituições de ensino, em relação aos estágios de seus educandos:

- I – celebrar termo de compromisso com o educando ou com seu representante ou assistente legal, quando ele for absoluta ou relativamente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adequação do estágio à proposta pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do estudante e ao horário e calendário escolar;
- II – avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adequação à formação cultural e profissional do educando;
- III – indicar professor orientador, da área a ser desenvolvida no estágio, como responsável pelo acompanhamento e avaliação das atividades do estagiário;
- IV – exigir do educando a apresentação periódica, em prazo não superior a 6 (seis) meses, de relatório das atividades;
- V – zelar pelo cumprimento do termo de compromisso, reorientando o estagiário para outro local em caso de descumprimento de suas normas;
- VI – elaborar normas complementares e instrumentos de avaliação dos estágios de seus educandos;

VII – comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas.

Parágrafo único. O plano de atividades do estagiário, elaborado em acordo das 3 (três) partes a que se refere o inciso II do caput do art. 3º desta Lei, será incorporado ao termo de compromisso por meio de aditivos à medida que for avaliado, progressivamente, o desempenho do estudante.

Art. 8º É facultado às instituições de ensino celebrar com entes públicos e privados convênio de concessão de estágio, nos quais se explicitem o processo educativo compreendido nas atividades programadas para seus educandos e as condições de que tratam os arts. 6º a 14 desta Lei.

Parágrafo único. A celebração de convênio de concessão de estágio entre a instituição de ensino e a parte concedente não dispensa a celebração do termo de compromisso de que trata o inciso II do caput do art. 3º desta Lei.

CAPÍTULO III DA PARTE CONCEDENTE

Art. 9º As pessoas jurídicas de direito privado e os órgãos da administração pública direta, autárquica e fundacional de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, bem como profissionais liberais de nível superior devidamente registrados em seus respectivos conselhos de fiscalização profissional, podem oferecer estágio, observadas as seguintes obrigações:

I – celebrar termo de compromisso com a instituição de ensino e o educando, zelando por seu cumprimento;

II – ofertar instalações que tenham condições de proporcionar ao educando atividades de aprendizagem social, profissional e cultural;

III – indicar funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário, para orientar e supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente;

IV – contratar em favor do estagiário seguro contra acidentes pessoais, cuja apólice seja compatível com valores de mercado, conforme fique estabelecido no termo de compromisso;

V – por ocasião do desligamento do estagiário, entregar termo de realização do estágio com indicação resumida das atividades desenvolvidas, dos períodos e da avaliação de desempenho;

VI – manter à disposição da fiscalização documentos que comprovem a relação de estágio;

VII – enviar à instituição de ensino, com periodicidade mínima de 6 (seis) meses, relatório de atividades, com vista obrigatória ao estagiário.

Parágrafo único. No caso de estágio obrigatório, a responsabilidade pela contratação do seguro de que trata o inciso IV do caput deste artigo poderá, alternativamente, ser assumida pela instituição de ensino.

CAPÍTULO IV DO ESTAGIÁRIO

Art. 10. A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar:

I – 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos;

II – 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular.

§ 1º O estágio relativo a cursos que alternam teoria e prática, nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que isso esteja previsto no projeto pedagógico do curso e da instituição de ensino.

§ 2º Se a instituição de ensino adotar verificações de aprendizagem periódicas ou finais, nos períodos de avaliação, a carga horária do estágio será reduzida pelo menos à metade, segundo estipulado no termo de compromisso, para garantir o bom desempenho do estudante.

Art. 11. A duração do estágio, na mesma parte concedente, não poderá exceder 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de estagiário portador de deficiência.

Art. 12. O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

§ 1º A eventual concessão de benefícios relacionados a transporte, alimentação e saúde, entre outros, não caracteriza vínculo empregatício.

§ 2º Poderá o educando inscrever-se e contribuir como segurado facultativo do Regime Geral de Previdência Social.

Art. 13. É assegurado ao estagiário, sempre que o estágio tenha duração igual ou superior a 1 (um) ano, período de recesso de 30 (trinta) dias, a ser gozado preferencialmente durante suas férias escolares.

§ 1º O recesso de que trata este artigo deverá ser remunerado quando o estagiário receber bolsa ou outra forma de contraprestação.

§ 2º Os dias de recesso previstos neste artigo serão concedidos de maneira proporcional, nos casos de o estágio ter duração inferior a 1 (um) ano.

Art. 14. Aplica-se ao estagiário a legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho, sendo sua implementação de responsabilidade da parte concedente do estágio.

CAPÍTULO V DA FISCALIZAÇÃO

Art. 15. A manutenção de estagiários em desconformidade com esta Lei caracteriza vínculo de emprego do educando com a parte concedente do estágio para todos os fins da legislação trabalhista e previdenciária.

§ 1º A instituição privada ou pública que reincidir na irregularidade de que trata este artigo ficará impedida de receber estagiários por 2 (dois) anos, contados da data da decisão definitiva do processo administrativo correspondente.

§ 2º A penalidade de que trata o § 1º deste artigo limita-se à filial ou agência em que for cometida a irregularidade.

CAPÍTULO VI DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 16. O termo de compromisso deverá ser firmado pelo estagiário ou com seu representante ou assistente legal e pelos representantes legais da parte concedente e da instituição de ensino, vedada a atuação dos agentes de integração a que se refere o art. 5º desta Lei como representante de qualquer das partes.

Art. 17. O número máximo de estagiários em relação ao quadro de pessoal das entidades concedentes de estágio deverá atender às seguintes proporções:

- I – de 1 (um) a 5 (cinco) empregados: 1 (um) estagiário;
- II – de 6 (seis) a 10 (dez) empregados: até 2 (dois) estagiários;
- III – de 11 (onze) a 25 (vinte e cinco) empregados: até 5 (cinco) estagiários;
- IV – acima de 25 (vinte e cinco) empregados: até 20% (vinte por cento) de estagiários.

§ 1º Para efeito desta Lei, considera-se quadro de pessoal o conjunto de trabalhadores empregados existentes no estabelecimento do estágio.

§ 2º Na hipótese de a parte concedente contar com várias filiais ou estabelecimentos, os quantitativos previstos nos incisos deste artigo serão aplicados a cada um deles.

§ 3º Quando o cálculo do percentual disposto no inciso IV do caput deste artigo resultar em fração, poderá ser arredondado para o número inteiro imediatamente superior.

§ 4º Não se aplica o disposto no caput deste artigo aos estágios de nível superior e de nível médio profissional.

§ 5º Fica assegurado às pessoas portadoras de deficiência o percentual de 10% (dez por cento) das vagas oferecidas pela parte concedente do estágio.

Art. 18. A prorrogação dos estágios contratados antes do início da vigência desta Lei apenas poderá ocorrer se ajustada às suas disposições.

Art. 19. O art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo [Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943](#), passa a vigorar com as seguintes alterações:

“Art. 428.

[§ 1º](#) A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e frequência do aprendiz na escola, caso não haja concluído o ensino médio, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica.

.....

[§ 3º](#) O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de aprendiz portador de deficiência.

.....

[§ 7º](#) Nas localidades onde não houver oferta de ensino médio para o cumprimento do disposto no § 1º deste artigo, a contratação do aprendiz poderá ocorrer sem a frequência à escola, desde que ele já tenha concluído o ensino fundamental.” (NR)

Art. 20. O art. 82 da [Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), passa a vigorar com a seguinte redação:

“[Art. 82.](#) Os sistemas de ensino estabelecerão as normas de realização de estágio em sua jurisdição, observada a lei federal sobre a matéria.

Parágrafo único. (Revogado).” (NR)

Art. 21. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 22. Revogam-se as [Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977](#), e [8.859, de 23 de março de 1994](#), o [parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996](#), e o [art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001](#).

Brasília, 25 de setembro de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad
André Peixoto Figueiredo Lima



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“**Art. 26-A.** Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad



Governo do Estado do Ceará
Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior
Fundação Universidade Estadual do Ceará – FUNECE
Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM



PORTARIA Nº 59/2011

O DIRETOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA DOM AURELIANO MATOS – FAFIDAM, no uso de suas atribuições regimentais e estatutárias, considerando a deliberação do Conselho da FAFIDAM, em reunião extraordinária do dia 27 de outubro de 2011, e de acordo com Art. 6º, letra d, da Resolução Nº 3241/CEPE, de 05 de outubro de 2009,

RESOLVE deliberar sobre novos tipos de atividades complementares como componente curricular dos Cursos de Graduação da FAFIDAM, na forma a seguir disposta:

Art. 1º - Atividades de campo não vinculadas à carga horária das disciplinas do Curso, pontuando entre 4 horas por turno, com no máximo 8 horas por atividade, com pontuação máxima de 48 horas.

Art. 2º - Participação como ministrante de palestras, oficinas, cursos e minicursos, com pontuação correspondente ao tempo da atividade realizada, com pontuação máxima de 48 horas.

Art. 3º - Participação nos Centros e Diretórios Acadêmicos da UECE, com 15 horas por semestre e pontuação máxima de 60 horas.

Art. 4º - Participação em Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, com 30 horas por semestre e pontuação máxima de 120 horas.

Art. 5º - Trabalhos técnicos vinculados à formação específica de cada curso, com carga horária de 15 horas, com pontuação máxima de 60 horas.

Art. 6º - Atuação profissional no magistério, salvo em casos contabilizados no momento do Estágio Supervisionado, sendo 40 horas por semestre e carga horária máxima de 80 horas.

Art. 7º - Participação em comissões julgadoras em eventos, feiras de ciências e congêneres, com carga horária integral, pontuando no máximo 48 horas.

FACULDADE DE FILOSOFIA DOM AURELIANO MATOS – FAFIDAM, Limoeiro do Norte, 27 de outubro de 2011.

Prof. Ms. Hidelbrando dos Santos Soares
DIRETOR

Anexo Único - Resolução nº 3241 /CEPE, de 05 de outubro de 2009.
NATUREZA E TIPOS DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Natureza da atividade	Descrição da atividade	CHMx	CHMx
Acadêmica/ Ensino	Cursos de língua estrangeira – mínimo três semestres	Proporcional	60 h
	Curso de informática – mínimo 50 % da carga horária do curso	Proporcional	60 h
	Cursos de complementação de conteúdos das disciplinas do curso – mínimo 50 % da carga horária do curso	Proporcional	60 h
	Cursos de formação geral: política, sociedade, ética profissional – mínimo 50 % da carga horária do curso	proporcional	60 h
Acadêmica/ Pesquisa e Produção Científica	Iniciação científica - PIBIC, IC-UECE, IC-FUNCAP, PROVIC	25 h/ semestre	100 h
	Pesquisa em projetos do curso, aprovados pelo CEPE	20 h/ semestre	80 h
	Participação em grupo de estudo aprovado pelo Colegiado do Curso acompanhado por professor	15 h/ semestre	60 h
	Apresentação de trabalhos na Semana Universitária – oral ou painel	8 h	48 h
	Apresentação de trabalhos em congressos, simpósios, encontros nacionais – oral ou painel	8 h	48 h
	Prêmio acadêmico, artístico ou cultural	15 h	60 h
	Trabalhos completos publicados em anais	20 h	80 h
	Publicação de livros de divulgação científica com ISBN	20 h	80 h
	Publicação de capítulo de livros com ISBN	10 h	50 h
	Publicação de livros na área de conhecimento do Curso – autor único ou com até 3 (três) autores	15 h	60 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos locais	2 h	20 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos regionais	3 h	30 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos nacionais	4 h	40 h
	Publicação de Resumos em Congressos Científicos internacionais	5 h	40 h
	Publicação de Artigos em revistas locais com corpo editorial	10 h	50 h
	Publicação de Artigos em revistas nacionais com corpo editorial	15 h	60 h
	Publicação de Artigos em revistas internacionais com corpo editorial	20 h	80 h
	Publicação de Artigos de divulgação científica, tecnológica e artística em revista especializada.	5 h	20 h
	Publicação de Artigos de divulgação científica, tecnológica e artística em jornais	5 h	20 h
Acadêmica/ Geral	Participação em Programa de Educação Tutorial – PET	25 h/semestre	100 h

	Participação em Programas de Monitoria Acadêmica – Iniciação à Docência	25 h/ semestre	100 h
	Participação em eventos: congressos, semanas, encontros, oficinas, palestras, conferências, mesas-redondas, seminários, simpósios, desde que observe o que preceitua o Art. 2º desta Resolução	2 h	40 h
	Estágios em laboratórios de ensino e de pesquisa com duração mínima de 180 horas semestrais	15 h p/ semestre	60 h
	Estágio Curricular não obrigatório com duração mínima de 180 horas semestrais	20 h p/ semestre	60 h
	Participação em comissões organizadoras de eventos acadêmicos, artísticos e culturais com duração mínima de 20 horas	10 h	40 h
	Catálogo de documentos em Instituições parceiras aprovadas pelo colegiado do curso	20 h	20 h
	Produção de material didático com orientação de Professores da UECE	8 h	40 h
	Participação como representante estudantil nos Colegiados das várias instâncias acadêmicas da UECE	15 h/semestre	60 horas
Acadêmica/ Extensão	Participação em Projetos ou Programas registrados na Pró-Reitoria de Extensão, coordenados por Professor, que visem benefícios à comunidade desde que observe o que preceitua o Art. 2º desta Resolução.	15 h/ semestre	100 h
	Participação em campanhas de saúde pública: vacinação, prevenção de epidemias	5 h	20 h
	Participação em campanhas e atividades de educação ambiental	5 h	20 h
	Organização e coordenação de grupos de incentivo à leitura na comunidade e em escolas públicas com duração mínima de 180 horas semestrais	20 h / semestre	60 h
Acadêmica/ Esportiva	Participação como atleta em jogos universitários da UECE ou representando UECE	10 h/ semestre	50 h
	Treinador de equipes esportivas da comunidade ou da UECE – como atividade de extensão	15 h/ semestrais	60 h
Acadêmica/ Cultural	Produção de filmes, vídeos ou audiovisuais de informação científicos e culturais	5 h	20 h
	Direção de peça, vídeo e audiovisual de produção artística	5 h	20 h
	Mostras de artes plásticas	5 h	20 h
	Composição musical	5 h	20 h
	Participação em grupo artístico da UECE	3 h	15 h
Portaria 59/2011 – FAFIDAM, de 27 de outubro de 2011	Atividades de campo não vinculadas à carga horária das disciplinas do Curso (Art. 1º)	4 h	48 h
	Participação como ministrante de palestras, oficinas, cursos e minicursos (Art. 2º)	Corresponde nte à atividade	48 h
	Participação nos Centros e Diretórios Acadêmicos da UECE (Art. 3º)	15 h p/ semestre	60 h

Participação em Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID (Art. 4º)	30 h p/ semestre	120 h
Trabalhos técnicos vinculados à formação específica de cada curso (Art. 5º)	15 h	60 h
Atuação profissional no magistério, salvo em casos contabilizados no momento do Estágio Supervisionado (Art. 6º)	40 h p/ semestre	80 h
Participação em comissões julgadoras em eventos, feiras de ciências e congêneres (Art. 7º)	Carga horária integral	48 h